



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS)
Mestrado em Museologia e Patrimônio

As memórias do front: as coleções musealizadas dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira

Humberto Ferreira Silva

UNIRIO / MAST- RJ, Março de 2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

AS MEMÓRIAS DO FRONT: AS COLEÇÕES MUSEALIZADAS DOS VETERANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Prof. _____

Prof. Dr. Nilson Alves de Moraes (Orientador)

Prof. _____

Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá (membro interno, PPG-PMUS)

Prof. _____

Prof. Dr. Ricardo Augusto dos Santos (membro externo – FIOCRUZ)

Rio de Janeiro, março de 2017.

S586 Silva, Humberto Ferreira
Memórias do front: as coleções musealizadas dos veteranos da Força
Expedicionária Brasileira / Humberto Ferreira Silva.--- Rio de Janeiro, 2017.
x, 117f. : il

Orientador: Nilson Alves de Moraes

Referencia: f. 112-117

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de
Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências
Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2017

1. Força Expedicionária Brasileira. 2. Museu. 3. Memória. 4. Patrimônio. I.
Moraes, Nilson Alves II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervo de Ciência e
Tecnologia. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDU : 94(081).082/.083

À Deus...

Aos bravos da Força Expedicionária Brasileira

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma forma de retribuir à atenção dada pelos veteranos que tive o privilégio de conhecer. Desde as pesquisas na graduação, mantenho as lembranças da simplicidade de pessoas que partilharam comigo um pouco de suas vidas divididas pela guerra. Agradeço a oportunidade de escuta e aprendizado com amizade do Sr. José Maria Nicodemos, a liderança do Sr. Antônio de Pádua Inhan, o companheirismo do Sr. Antônio José dos Reis (*in memorian*), a humildade do Sr. José Lopes de Oliveira (*in memorian*), a coragem do Sr. José Evaristo dos Santos (*in memorian*) e a compaixão do Sr. Joaquim Moreira (*in memorian*).

A oportunidade de cursar o mestrado só foi possível graças ao apoio dos meus pais Jorge e Aparecida, pessoas que sempre acreditaram que o conhecimento revoluciona a nossa vida. Através deles estendo minha recordação aos meus avós paternos e maternos, exemplos da dedicação e perseverança do nosso povo. Aos meus tios, tias, primos e amigos Hélio e Fábio pela torcida sempre, muito obrigado!

Agradeço imensamente a minha amada Aline Mystica por toda ternura e apoio nessa caminhada.

Aos colegas de república Tiago, Saulo e Mateus, agradeço pela escuta e apoio. A dona Raimunda pelo suporte nesses dias de luta.

Aos companheiros de turma dessa jornada, obrigado pelos conselhos e aprendizados, em especial ao Sr. Márcio Fernandes Monteiro (*in memorian*) que em pouco tempo deixou sementes de sabedoria e humildade.

Aos professores meus agradecimentos por proporcionarem novos caminhos e possibilidades. Ao meu orientador prof. Nilson, agradeço pela oportunidade e apoio.

Aos aprendizados proporcionados nas andanças da pesquisa, agradeço às equipes dos museus pesquisados no Rio de Janeiro, ao professor Jairo por partilhar tamanho conhecimento e à minha amiga Fátima da ANVFEB-JF, pelo apoio e atenção de sempre.

A UNIRIO/MAST, ao PPG-PMUS e a CAPES pela infraestrutura e auxílio financeiro.

RESUMO

SILVA, Humberto Ferreira. As memórias do front: as coleções musealizadas da Força Expedicionária Brasileira. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2010. 120 p. Orientador: Nilson Alves de Moraes.

Em 1944, o Brasil enviou tropas para combater na Europa. Após vários meses de preparo e combate, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) colaborou no esforço aliado no avanço ao norte da Itália durante a libertação do território das forças Nazi fascistas. Após 72 anos da guerra, as associações de veteranos ainda resistem como lugar de memória dos dias vividos no front italiano. Com o gradual desaparecimento dos expedicionários, as agremiações vivem o dilema da perda de seus acervos. Vários museus foram criados pelo Brasil e assumem a dualidade de espaços criados pelo Exército e pelas associações. Foram analisadas distintas situações relacionadas à mesma associação em diferentes cidades e representações. Iniciamos com o estudo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) em Juiz de Fora – MG, com uma análise de sua coleção e uma proposta de exposição, onde o museu é considerado um meio de transformação da própria instituição em seu reconhecimento pela comunidade. A pluralidade ligada aos museus da FEB pode ser identificada na cidade do Rio de Janeiro – RJ, local de organização da tropa brasileira. Em um trabalho de revitalização a Casa da FEB (ANVFEB-RJ) empreende esforços para a preservação de seu imóvel e acervo. A dispersão dos objetos relacionados aos expedicionários é representada em diversos museus na cidade como o Museu Militar Conde de Linhares (MMCL), Museu Histórico do Exército/ Forte de Copacabana (MHEX/FC) e o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM). A última instituição a ser pesquisada será o Museu da FEB em São João Del Rei – MG, espaço demonstrativo da ligação afetiva do município e suas instituições com o acervo. A grande demanda desses espaços está na demanda de institucionalização desses museus como trabalho de produção de conhecimento e inserção como patrimônio.

Palavras – chave: Força Expedicionária Brasileira, museu, memória, patrimônio.

ABSTRACT

SILVA, Humberto Ferreira. As memórias do front: as coleções musealizadas da Força Expedicionária Brasileira. 2017. Dissertation (Master's) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2010. 120 p. Orientador: Nilson Alves de Moraes.

In 1944, Brazil sent troops to fight in Europe. After several months of preparation and combat, the Brazilian Expeditionary Force (FEB) collaborated in the allied effort in the advance to the north of Italy during the liberation of the territory of the fascist Nazi forces. After 72 years of war, the veteran associations still stand as a place of memory of the days lived on the Italian front. With the gradual disappearance of the expeditionaries, The associations live the dilemma of the loss of their collections. Several museums were created by Brazil and assume the duality of spaces created by the Army and the associations. Different situations related to the same association were analyzed in different cities and representations. We started with the study of the National Association of Veterans of FEB (ANVFEB) in Juiz de Fora - MG, with an analysis of its collection and a proposal of exhibition, where the museum is considered a means of transforming the institution itself in recognition by the community . The plurality linked to FEB museums can be identified in the city of Rio de Janeiro - RJ, where the Brazilian troops are organized. In a work of revitalization the House of FEB (ANVFEB-RJ) undertakes efforts for the preservation of its property and collection. The dispersion of objects related to expeditionaries is represented in several museums in the city such as the Military Museum Conde de Linhares (MMCL), Historical Museum of the Army / Fort of Copacabana (MHEX / FC) and the National Monument to the Dead of WWII. The last institution to be researched will be the Museum of FEB in São João Del Rei - MG, a demonstration space of the affective connection of the municipality and its institutions with the collection. The great demand of these spaces is in the demand of institutionalization of these museums as work of production of knowledge and insertion as patrimony.

Key-words: Brazilian Expeditionary Force, memory, museum, patrimony.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	4
ELES LUTARAM: OS VETERANOS DA FEB E SUAS MEMÓRIAS ENQUANTO RESISTÊNCIA.....	4
1.1 – A Associação de ex-combatentes: confraternização, amparo e memória.	8
CAPÍTULO 2	12
UM LUGAR DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB EM JUIZ DE FORA- MG	12
2.1 – O Museu da FEB (Juiz de Fora – MG): como espaço de transformação e conhecimento.	15
2.1.2 – Os filhos do Brasil: a Força Expedicionária Brasileira.	20
2.1.3 - A Cobra vai fumar.....	40
2.1.4 - A guerra que não terminou	64
CAPÍTULO 3	67
ZÉ CARIOCA RECORDA A GUERRA.....	67
3.1 – “Porque a FEB é para sempre”: o Museu da Casa da FEB.....	69
3.1.1 – O acervo do Museu Casa da FEB: traduzindo a experiência da guerra. ..	71
3.1.2 - Os embarques – A FEB a caminho dos campos de batalha da Itália.....	71
3.1.3 - Os souvenirs de guerra: as representações dos inimigos e aliados.....	76
3.1.4 - “Crer, obedecer e combater”: o Fascismo.....	77
3.1.5 - Irmãos de Armas: a FEB e seus aliados.	79
3.1.6 – Senta a Pua!.....	80
3.1.7 - Os lugares de memória do Exército: o discurso sobre a FEB.	81
3.2 - Museu Militar Conde de Linhares	81
3.2.1 - Armamentos e acessórios	82
3.2.2 - Veículos e blindados	86
3.3 - Museu Histórico do Exército	90
3.3.1 - Museu Histórico Nacional	92
3.3.2 - Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSG).....	92
CAPÍTULO 4	94
“DE SÃO JOÃO DEL REI AO VALE DO PÓ”: O MUSEU E OS SEUS LAÇOS COM A CIDADE.....	94
4.1 - A coleção.....	97
4.1.1 - Frei Orlando	99
4.1.2 - Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Baeta da Cruz e Geraldo Rodrigues de Souza.	101
4.1.3 - Montese.....	105

CONCLUSÕES	108
REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Na cidade de Olímpia – SP, em 1977, foi encontrado em um terreno baldio um cadáver de um homem em avançado estado de decomposição. Em um saco plástico, o corpo foi sepultado na cova nº 4382 da quadra 19, destinada a indigentes. Na documentação não constava nome nem outra identificação, apenas a palavra “brasileiro”. Após alguns meses, a polícia encontrou os pertences do falecido. Em um saco de farrapos, enrolados em jornais velhos e amarrados com barbante, estavam os poucos objetos que o identificavam como dois emblemas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), uma plaqueta de identificação de combatente, uma medalha da FEB e dois certificados. Tratava-se de um veterano da FEB e como ele vários outros padeceram no pós-guerra e em condições semelhantes faleceram (SOARES, 1985).

Os expedicionários que regressaram da Itália foram recebidos com felicitações de heróis nacionais e promessas de reintegração à sociedade brasileira. Poucos desses brasileiros tiveram chances de se manifestar, muitas vezes a realidade enfrentada na guerra cobrara seu preço na volta imersa em solidão. A invisibilidade tornou-se uma força aglutinadora que mobilizou os veteranos em torno do trabalho de se fazerem visíveis e lembrados. O esquecimento tornou-se aliado da memória, ao formarem associações, como símbolos de luta e resistência, os expedicionários buscavam congregar esforços para auxílio do grupo e visibilidade (RIBEIRO, 2013).

Indagado sobre a preservação do acervo da FEB, o historiador Jairo Braga Machado deixa uma reflexão de que o grande patrimônio febianos já se perdeu, pois esses são os próprios expedicionários. Existem tão poucos remanescentes que integraram a FEB que talvez para a maioria o reconhecimento foi tardio. Mas ao longo dessas mais de 70 anos, os veteranos deixaram diversos objetos para que sejam guardados em um simples saco ou em algum dos museus da FEB espalhados pelo Brasil.

O esforço e dedicação dos veteranos deram origem a diversas coleções a serem preservadas nos museus da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB), espaços municipais e das unidades militares que participaram da campanha na Itália. Segundo o Cadastro Nacional dos Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), existem seis instituições que preservam coleções sobre os expedicionários pelo país: Museu da FEB em Salvador – BA, Belo Horizonte – MG, Campina Grande – PB, Rio de Janeiro – RJ, Campo Grande – MS e o Museu dos Ex-combatentes da FEB da Região Nordeste do Rio Grande do Sul em Caxias do Sul – RS. Esses espaços espalhados em diversas regiões do país demonstram o que foi a própria formação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária

(1ª DIE) e suas representações locais como a participação dos índios Terena na tropa, representados pelo Museu Marechal José Machado Lopes (Museu do Expedicionário do 9º Batalhão de Engenharia de Combate de Aquidauana – MS e o Museu Gaúcho da FEB em São Gabriel – RS. Podemos destacar os museus ligados as associações de veteranos como o de Petrópolis, Curitiba, Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Juiz de Fora.

O caminho natural de continuidade dessas coleções com as instituições militares mantém diversos exemplares: Museu Militar do Comando Militar do Sul (Porto Alegre – RS), Museu Ipiranga 6º Batalhão de Infantaria Leve (Caçapava-SP), Museu da FEB de São João Del Rei – MG (11º BI), Museu do 1º BI, Sampaio (Rio de Janeiro – RJ), Museu do Batalhão Escola de Engenharia Villagran Cabrita (Rio de Janeiro-RJ), Museu Militar Capitão Pitaluga – 1º Esquadrão de Infantaria Mecanizado (Valença – RJ), Museu M. Zenóbio da Costa (1ºBPE), Museu da Segunda Guerra – 20ª Circunscrição de Serviço Militar (Maceió – AL), Espaço Cultural Aspirante Francisco Mega – 1º Batalhão de Infantaria Motorizada – Rio de Janeiro – RJ, Espaço Cultural Hugo Panasco Alvim, 11º GAC (Grupo Montese), Rio de Janeiro – RJ. Algumas instituições são administradas por prefeituras como o Museu da Paz de Jaraguá do Sul – SC, o Museu Municipal da Segunda Guerra Expedicionário José Vicanco Solano (Ribeirão Preto – SP) e também idealizações de pessoas como a enfermeira da FEB Altamira Pereira Valadares com o Centro de Documentação Histórica da Segunda Guerra em Batatais – SP. Na Itália, existem diversos espaços museais que relembram a participação dos brasileiros na libertação do país como o Museu Difuso da Linha Gótica, um museu de território, com uma rede de lugares e caminhos através de vilas e bosques com monumentos ligados à história e cultura local (FAGUNDES, 2015).

No primeiro capítulo analisaremos a formação de uma memória coletiva entre os veteranos, constituinte de um sentimento de identidade desse grupo (POLLAK, 1992). As associações de ex-combatentes são constituídas não só para a preservação dos laços de camaradagem criados no front como também lugares de memória e militância. Nos últimos anos essas agremiações mantêm um esforço de sobrevivência à morte de seus afiliados e o desaparecimento progressivo dos patrimônios contidos nas sedes. A falta de ressonância junto a sociedade e um notório preconceito de certa historiografia universitária que ligava a FEB ao Regime Militar (1964-1985) contribuíram decisivamente com esse processo de perda (FERRAZ, 2012).

No segundo capítulo, analisaremos a atuação da ANVFEB em Juiz de Fora – MG, a tentativa de manutenção da instituição e suas atividades em um movimento de aproximação com os familiares de ex-combatentes e com a própria comunidade. Para compreendermos esse contexto de trabalho, recorreremos à proposta de pesquisa/ação

com o objetivo de favorecer a aquisição de um conhecimento e consciência crítica do processo de transformação pelo qual o grupo vivencia e para que desempenhe de forma cada vez mais lúcida e autônoma seu papel de protagonista e ator social (SANTOS, 2008). A intenção entre o pesquisador e os associados traz à tona demandas e problemas a serem investigados sob forma de ação concreta e nesse aspecto o museu torna-se um caminho de transformação da associação, a partir da ressignificação e apropriação cultural dessa coleção (CHAGAS, 2011). A formação de um espaço museal cria uma trincheira de combate onde personagens com o estatuto social da velhice terão vez e voz em uma sociedade que despreza os idosos (BOSI, 1994). A pesquisa sobre a coleção da ANVFEB proporcionará criarmos uma proposta expositiva para o museu, inserindo debates historiográficos sobre a FEB em um diálogo com os registros orais dos veteranos idealizadores do espaço.

No capítulo 3 abordaremos o Museu da Casa da FEB, seção nacional da ANVFEB, destacada por seu significativo acervo e uma parceria com uma instituição privada que proporcionou a revitalização do espaço. O contato com a Casa da FEB proporcionou compreender a difusão dos objetos referentes a FEB em outras instituições da cidade do Rio de Janeiro ligadas ao Exército como o Museu Militar Conde de Linhares, o Museu Histórico do Exército e o Monumento Nacional dos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM). Fazendo, se necessário, uma análise sobre as propostas museológicas de cada instituição e como elas apresentam a trajetória da FEB.

O museu da FEB em São João Del Rei, tema do capítulo 4, é representativo da relação do acervo com a memória local e seus personagens como o Frei Orlando, Sargento Max Wolff, Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Baeta e Geraldo Rodrigues. A partir desses exemplos buscaremos compreender a valorização dessas figuras para o museu e para a própria FEB.

O presente trabalho tem como objetivo a valorização desses acervos, os significados possíveis desses objetos custodiados em vários lugares de memória. A proximidade dos museus por sua tipologia trás uma necessidade de intercâmbio de ideias e desenvolvimento de pesquisas e perspectivas de trabalho. A proposta para o museu da FEM em Juiz de Fora-MG surge como um campo de diálogo expositivo e ampliação da abordagem desse fato histórico em seu lado mais humano.

A dispersão e perda desses acervos é uma realidade que só será modificada com o reconhecimento enquanto patrimônio inserido na sociedade. Sendo assim, os museus da FEB devem cumprir o papel de divulgação e produção do conhecimento.

CAPÍTULO 1

ELES LUTARAM: OS VETERANOS DA FEB E SUAS MEMÓRIAS ENQUANTO RESISTÊNCIA

1 – Eles lutaram: os veteranos da FEB e suas memórias enquanto resistência.

“Lembranças que eu ainda guardo”, assim o senhor José Maria da Silva Nicodemos inicia sua fala no museu a partir da evocação de sua Medalha de Campanha e seu certificado de reservista. Passados mais de 70 anos do fim da II Guerra Mundial (1939-1945) para esse pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e outros remanescentes, trata-se de uma guerra que ainda não terminou, eles continuam lutando e o conflito tem a mesma duração de suas memórias. Ao analisar algumas sugestões para se estudar a memória da FEB, Celso Castro pontua a existência de uma memória patética, onde a partir do sentido etimológico da palavra trata-se de algo carregado de *páthos*, emotivo, comovente, provocando sentimentos tristes e trágicos. Castro destaca que o pesquisador não deve escrever uma história dos veteranos de maneira a vitimizá-los, mas sim de investigar suas memórias, compreendendo suas dimensões individuais, institucionais e historiográficas. O autor destaca que toda memória é uma permanente construção e modificada de acordo com a conjuntura em que é atualizada a partir do trabalho de diferentes atores sociais (CASTRO, 2012).

Após várias décadas restam às lembranças provocadas, sobreviventes do passado através da consciência. O fato é que os pracinhas ainda vivos tiveram esse tempo para refletir sobre esses acontecimentos em situações limite de risco. O ato de lembrar está atrelado ao reconstruir, repensar, a partir de ideias e reflexões do presente, as experiências vividas (BOSI, 1994). Para analisarmos a composição das memórias dos febianos, vale o registro da fala do senhor José Maria:

“Lembranças que eu guardo... que muito me entristecem... nós, eu, num determinado dia, no último acampamento nosso, em solo italiano, numa região chamada Francolise... fui mandado a, fui mandado a, barraca do sargento furriel, da minha companhia, Companhia de Petrecho Pesados do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria Expedicionária... cujo sargento era meu conterrâneo, Sargento Louzada, conterrâneo esse, que anos depois, foi meu testemunho de casamento civil... bem, a lembrança, embora desagradável e talvez por isso mesmo eu jamais consigo esquecer, é que naquele instante dentro da barraca do sargento furriel, eu coloquei, eu coloquei a impressão digital do polegar direito no meu diploma, no meu certificado de reservista... perguntei ao sargento: - Onde vou assinar? Ele riu e disse para mim: Não haverá assinatura, nem sua, nem de nenhum dos seus companheiros de companhia. Então naquele momento ali, eu senti ... triste, contrariado ... embora sabendo, que o analfabeto, muitas vezes, naquela época, era analfabeto pelas dificuldades, econômicas, financeiras e de distância de moradia de alguma escola pública, mas a minha, meu aborrecimento e tristeza é que, eu não concordo ainda hoje, com esse fato, de ser licenciado do Exército brasileiro como analfabeto e eu explico por que, é que como cabo apontador, ou seja, era minha

função, minha obrigação, meu dever, preparar o tiro das armas, pra isso eu usava, carta topográfica da região, em poder do inimigo, em, ou melhor, na língua italiana e com, e com, trechos em inglês, então eu faço, uma comparação comigo mesmo, faço uma interrogação a mim mesmo, como um analfabeto foi capaz de ler e entender o que estava na carta topográfica em italiano e em inglês, sinceramente, passados esses anos e anos... eu sinto, eu sinto... muito aborrecido, tempos depois eu fiquei sabendo que não foi só eu não, todos os cabos e soldados da minha companhia pelo menos, foram licenciados como analfabetos... devo dizer também, ainda devo dizer que, no meu pelotão, na minha seção recorro perfeitamente que todos elementos a ela pertencentes, recebiam cartas de amigos e parentes e liam estas cartas e respondiam, é verdade que com alguma dificuldade, com uma caligrafia às vezes um pouco menos, menos caprichada, menos bonita digamos assim, mas eu recorro que a turma, os companheiros escreviam para os seus familiares e amigos e recebiam também correspondências dos seus... daí eu ter essa mágoa até hoje, ser licenciado como analfabeto, chegaram a dizer para mim várias vezes que eu fiz esse comentário, que em função da FEB ter participado de uma luta contra ditaduras, o país sendo dirigido por um ditador .. talvez no pensamento dessas pessoas ... nós febianos poderíamos num golpe, digamos assim, tentar derrubar ou derruba – lo mas eu tenho a lembrança muito clara de que nós, soldados e cabos, principalmente ... deixamos todas nossas armas na Itália, nenhum de nós voltou armado, como fazer revolução ou dar golpe, eu não entendo, não entendo, então continuo magoado por ter sido licenciado do Exército brasileiro .. após exercer, após exercer o máximo que é exigido por um Exército, por uma Força Armada, ou seja, combates ... e não gostei não .. é, é me desculpe o silêncio mas to lembrando ... da cena dentro, ah recordei aqui agora, posso provar que tá guardado em casa, meu certificado de reservista ... ele é.. ele é... papel italiano e gráfica italiana, ainda tem mais outro detalhe, nem papel nem gráfica da minha pátria foi usado.” (NICODEMOS, 2011).

Antes de sua identidade de ex-combatente, cabe destacarmos ser um nonagenário em uma sociedade extremamente preconceituosa com os velhos. A velhice é considerada como uma categoria social, onde cada sociedade vive de uma forma o declínio biológico do homem. A sociedade industrial rejeita os idosos a partir do fim de sua força de trabalho, eles estão à margem do meio produtivo. Sendo assim, o velho sente-se diminuído e luta para continuar sendo um homem ativo. Em sua obra *Memória e Sociedade – Lembrança de velhos*, Ecléa Bosi afirma que devido a marginalização dos idosos em nosso meio social, eles não têm direitos e nem armas, nós é que temos que lutar pelo velho (BOSI, 1994). Afastado de suas atividades profissionais, o pracinha, exemplificado pelo Sr. José Maria, volta ao seu passado, talvez em suas memórias nunca tenha o deixado cair em esquecimento. Havia só o silêncio provocado pela história enquanto representação que não os consideravam sujeitos. A memória do veterano e sua função social de lembrar, reviver o passado e buscar respostas. Bosi afirma que o ancião nas tribos antigas tem lugar de honra como guardião da tradição. O interesse do velho volta-se para o passado que ele busca interrogar, ressaltar detalhes, buscar motivos e debater (BOSI, 1994).

O registro das entrevistas do Sr. José Maria e outros pracinhas são oportunidades para uma experiência marcante para o pesquisador e de ressonância para o entrevistado, onde ele irá expressar sua compreensão social, o vínculo com outra época. Podemos compreender momentos desse mundo perdido por nós que não vivemos e humanizar, iluminar muitos aspectos do tempo presente (BOSI, 1994). Chama atenção na fala do Cabo Nicodemos a busca por respostas, a revolta imersa em uma mágoa com alguns fatos passados na FEB: “a lembrança, embora desagradável e talvez por isso mesmo eu jamais consiga esquecer.” Toda composição do seu questionamento é embasada em argumentos que questionam o porquê da desmobilização da FEB ter sido feita de maneira abrupta e sem o devido reconhecimento por parte do Exército e o Estado brasileiro do esforço prestado pelos expedicionários. A não compreensão é uma forma de protesto e instrumento de reparação, onde segundo Paul Ricoeur, a partir do trabalho de memória e luto busca se alcançar uma ideia de justiça extraída das lembranças traumáticas seu valor exemplar, transformando a memória em projeto (RICOUER, 2007).

A memória do pracinha é formada pela interação de um grupo de veteranos. O indivíduo é apenas uma testemunha de suas recordações e às vezes busca no companheiro para que confirme sua visão, incorporando as lembranças dos outros em sua própria história. A partir do lastro comunitário é que nos servimos para construir o que nos é mais individual. As reflexões que ouvimos muitas vezes são assimiladas, mas existem fatos como ser licenciado do Exército brasileiro como analfabeto e o recebimento de sua Medalha de Campanha sem o diploma e reconhecimento, que não tiveram ressonância coletiva e se forjou na subjetividade do Sr. José Maria, apesar de serem acontecimentos que foram testemunhados por outros, repercutiram profundamente em sua memória. Temos aí uma militância da memória, que ganha força a partir da formação de um grupo em que os veteranos se identificam e fazem dele seu passado. As lembranças grupais se constroem umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder resistir a memória dessas pessoas. O trabalho de um grupo engajado é capaz de reconquistar algo perdido no tempo, esse é trabalho de resistência coletiva, ação, segundo Ecléa Bosi, capaz de mudar as coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar anterior (BOSI, 1994). Uma nova luta que se inicia, o combate pela memória, será travado nas associações de veteranos da FEB. Agora analisaremos essa instituição e sua trajetória.

1.1 – A Associação de ex-combatentes: confraternização, amparo e memória.

“O mais importante, porém, foi que despertou em nós uma solidariedade firme e prática, que na linha de frente se transformou na melhor coisa que a guerra produziu: a camaradagem.” (REMARQUE,2006). Essa definição, similar entre muitos ex-combatentes, de várias épocas e países, foi definida com precisão por Paul Bramer, protagonista do romance pacifista “Nada de novo no front” de Erich Maria Remarque. O autor combateu pelo Exército alemão na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) aos 18 anos, onde foi ferido em três ocasiões e marcado pela crueldade da guerra. Sobrevivendo nas trincheiras e da tragédia, lutou novamente para retomar a vida em um país destruído, exerceu diversas profissões até se firmar no jornalismo nas funções de crítico teatral e repórter esportivo. Na epígrafe de seu livro, Remarque afirma que mesmo sua geração “tendo escapado às granadas, foram destruídos pela guerra.” Mesmo ao retomar sua vida, os traumas e noites de insônia persistiam e foram expressos em seus cadernos, reunidos posteriormente na obra de um dos escritores da literatura alemã mais lido no mundo (REMARQUE, 2006).

A situação social do veterano de guerra em sua volta ao lar é recorrente na história da humanidade (CASTRO, 2012). O retorno ao seio familiar nem sempre demonstra uma face acolhedora, não compreendendo as experiências vivenciadas pelos combatentes. As experiências em conflitos armados mobilizaram milhares de combatentes em todo mundo, em sua maioria civil transformados em soldados. Um traço comum ao retorno do veterano são as dificuldades de readaptação na sociedade civil.

O caso do escritor Remarque é representativo para entendermos os problemas expostos na volta do pracinha ao Brasil. O regresso dos expedicionários foi marcado por grandes festas e homenagens, eram saudados como heróis que colaboraram na derrota do Nazi-fascismo. Apesar das promessas de vantagens e direitos, nem o governo e o povo brasileiro estavam preparados para receber os jovens que voltavam de uma experiência limite e estavam naturalmente mudados (FERRAZ, 2005). Cabe lembrar que a dissolução da FEB foi feita através do Aviso nº 217-185, de 06/07/1945, expedido pelo Ministro da Guerra, o General Eurico Gaspar Dutra, antes mesmo do 1º Escalão voltar ao solo brasileiro em 18/07/1945 (LINS, 1975). Após o Desfile da Vitória, uma das maiores celebrações populares de nossa história recente, os expedicionários foram proibidos de andar fardados pelas ruas e de se pronunciarem publicamente sobre suas experiências. As trágicas lembranças de guerra foram agravadas pelas adversidades enfrentadas no pós-guerra, originando uma memória traumática marcada pela indiferença e injustiça (RIBEIRO, 2013). Muitos

expedicionários conseguiram retomar sua rotina familiar, mas uma parcela encontrou dificuldades na readaptação às rotinas da vida civil. A violência doméstica e o alcoolismo dificultaram a reintegração social somado a dificuldade de compreensão dos ouvintes que não compreendiam as experiências únicas dos veteranos e que acreditavam que o período passado na Itália fora mais um “passeio” do que uma guerra. Outro grave problema surgiu na reintegração profissional, muitos expedicionários retomaram seus empregos, amparados por leis que nem sempre eram cumpridas e mesmo quando acontecia, eram frequentes as demissões após a volta, sob a justificativa de problemas de relacionamento ou incompetência. Somado a isso, muitos dos pracinhas foram convocados em idade de aprendizagem profissional e quando retornaram não tinham emprego e nem formação. Logo após a volta o desemprego entre os veteranos era contabilizado aos milhares de casos (FERRAZ, 2005).

Os laços de camaradagem criados no front, citados por Remarque anteriormente, são mantidos também no pós-guerra. A ligação criada na provação e sofrimento em linha de frente de certa forma humaniza e aproxima esses combatentes, sendo “a melhor coisa que a guerra produziu” e permaneceu após a tragédia. A criação de associações remonta um processo histórico, onde desde a segunda metade do século XVIII, civis eram recrutados e ao voltarem, buscavam seus direitos, através de benefícios e amparo prometidos por suas nações. A formação desses grêmios de ex-combatentes se tornou um fator de força social e política, tendo sido grupos de destaque no período entre guerras no século XX (FERRAZ, 2012). No Brasil as experiências em conflitos bélicos anteriores à Segunda Guerra Mundial como a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) não foram determinantes para se realizar um padrão de desmobilização e isso refletiu, como dito, nos veteranos da FEB. Sendo assim, as associações podem ser entendidas como um desdobramento da ausência de planejamento e resposta ao espaço deixado pelo Estado (RIBEIRO, 2013).

O desejo de manter o companheirismo e ser solidário aos expedicionários em dificuldade culminaram na fundação da primeira associação de ex-combatentes no Rio de Janeiro, no dia 01 de outubro de 1945, denominada Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB). As entidades congregavam elementos pelo local de residência de seus associados, tendo em suas seções, expedicionários de todas as unidades integrantes da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). A AECB tinha como iniciativa promover a integração social entre os expedicionários, representando seus interesses coletivos perante as autoridades, preservando e promovendo as conquistas dos brasileiros na Itália e prestando serviços sociais e jurídicos, tendo como princípio ser apolítica. Esse último objetivo foi motivo de sérias divergências

devido a militância de associados comunistas e a oposição de setores ligados ao Exército. No início, a AECB mantinha-se restrita aos ex-combatentes que integraram a FEB em solo italiano e os militares que patrulharam o litoral brasileiro, esse pré-requisito que foi “afrouxado” com o tempo e a expansão do conceito “ex-combatente” a outros tipos, como veteranos estrangeiros. As novas denominações de ex-combatente trouxeram um grande aumento ao número de não expedicionários, que chegaram a ser predominantes em algumas seções em comparação aos febianos. Se nos anos 1950 tivemos um acréscimo no número dos não expedicionários, posteriormente os benefícios foram estendidos a indivíduos que não participaram de operações de guerra. Com o decorrer dos anos, o Conselho Nacional da AECB tomou a decisão de não diferenciar os expedicionários das outras categorias de ex-combatentes (FERRAZ, 2012).

As discordâncias e disputas identitárias com a igualdade de reconhecimento perante o Estado e a sociedade no grupo, levou à cisão e à criação no Rio de Janeiro, grande reduto de expedicionários, do Clube de Veteranos da Campanha da Itália, no mês de julho de 1963. Tendo como componentes expedicionários, civis e militares, o requisito preponderante para afiliação era portar a Medalha de Campanha, condecoração conferida aos militares da ativa, da reserva e assemelhados que participaram de operação de guerra definida pelo Decreto – Lei nº 6795, de 17 de agosto de 1944. O clube tinha sua sede na rua das Marrecas, nº 35, na cidade do Rio de Janeiro, onde passou por mudanças em seu nome: Associação dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (AVFEB) em 1969 e, três anos após, para a atual denominação de Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB). Com 41 seções em todo país, a ANVFEB dispõe de um colegiado nacional e diretoria central com sedes na capital fluminense (FERRAZ, 2012).

Os expedicionários organizados em grupos nas associações, segundo o historiador Francisco César Ferraz, tornam-se agentes de memórias, enquanto um conjunto de pessoas que se empenham na rememoração e valorização de suas ações no passado como condição de sobrevivência concreta e demarcação de sua identidade social (FERRAZ, 2012). A aceleração da história provoca o apagar dos restos da memória do grupo febianos. Os praticantes elegem a associação como lugar de memória, a partir do sentimento que não há memória espontânea que correspondam aos seus anseios e se faz preciso criar museus, arquivos e organizar celebrações. Segundo Pierre Nora, os lugares de memória são como “momentos de história arrancados dos movimentos da história, mas que lhe são devolvidos.” Para os veteranos a seleção de objetos e celebração representam “as conchas na praia quando o mar se retira da memória” (NORA, 1993).

O esquecimento e invisibilidade dos expedicionários passaram a ser o motivo de união que os mobilizou em torno da tarefa de buscarem ser visíveis e lembrados. A ausência da lembrança acabou sendo uma força propulsora de suas memórias e registro de sua luta e resistência. Para além do ideal de assistência e apoio aos pracinhas, as associações são espaços de esforço do grupo em se “fazer ver” (RIBEIRO, 2013). Hoje, o trabalho tem sido voltado à memória do grupo, com a busca incessante pela preservação de suas coleções, bibliotecas como atividade fim e motivo de existência. As seções da ANVFEB mantêm-se com as contribuições de seus membros e doações de instituições públicas e privadas. Com o passar do tempo, o falecimento dos veteranos e a falta de novos associados contribuíram de forma decisiva para uma crise financeira de algumas entidades. Esse problema pôs em risco os acervos custodiados, onde foram propostas ideias de doação à seção mais próxima. Há pouco interesse de instituições como centros de documentação e universidades por esses documentos e objetos. O desafio imposto aos pracinhas remanescentes é manterem esses acervos e museus resguardados mesmo com o fechamento das entidades. Devido ao pouco reconhecimento de boa parte da sociedade, o caminho natural tem sido a doação para as Forças Armadas (FERRAZ, 2012).

CAPÍTULO 2

UM LUGAR DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB EM JUIZ DE FORA- MG

2 - Um lugar de memória e resistência: a Associação Nacional dos Veteranos da FEB em Juiz de Fora- MG.

A seção regional da Associação segue em grande parte a trajetória nacional da ANVFEB. Criada no dia 20 de abril de 1947 como Associação de Ex-Combatentes da FEB, a entidade foi fundada seguindo os objetivos de auxiliar os expedicionários em suas necessidades e rememorar as ações da FEB. Com as disputas identitárias de reconhecimento ao “ex-combatente” entre os pracinhas que lutaram no teatro de operações italiano e os militares empenhados na defesa do litoral. Os debates levaram a criação em 1971, da Associação dos Veteranos da FEB, integrando somente os participantes da Campanha da Itália. Após a separação dos expedicionários nas duas instituições, já que alguns continuaram na AECB, em 1989 os febianos se uniram ao quadro da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB).

A dificuldade na manutenção de sua sede própria e a redução do quadro de associados levou a direção da ANVFEB a debater sobre a doação de seu patrimônio para a Fundação Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA), órgão setorial da cultura e patrimônio da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora – MG ou para a Associação dos Militares da Reserva Remunerada, Reformados e Pensionistas das Forças Armadas de Juiz de Fora - MG (AMIR- JF), entidade criada em 1990. A opção de doação para a AMIR foi concretizada no início dos anos 2000, causando a saída de alguns membros da ANVFEB que não concordaram com a decisão. A escolha demonstra uma contínua ligação ao grupo militar. Um ato relevante da direção febianos foi registrar como contrapartida a preservação de seu museu, essa ação é representativa de uma vontade de memória. Trataremos do museu e sua patrimonialização mais adiante.

Nos últimos anos a ANVFEB mantém-se como lugar de sociabilidade, essencial para a preservação da identidade do grupo e sua memória (RIBEIRO, 2013). O Exército brasileiro tem sido o grande aliado nas comemorações sobre a FEB. As unidades militares sediadas em Juiz de Fora – MG mantêm um constante diálogo com a ANVFEB, homenageando os pracinhas seja em solenidades, palestras e festividades. O Exército mantém se como uma efetiva esperança de que a memória da FEB continue sendo preservada, valorizada e celebrada (CASTRO, 2012). Além desse laço, a ANVFEB, que caminhava para a extinção após a doação para a AMIR, teve seu quadro ampliado com a admissão de sócios especiais. A partir disso temos um grupo social ampliado com familiares, amigos, pesquisadores que agora participam dos esforços de construção e reconstrução dessas lembranças (FERRAZ, 2012). Nesse conjunto de pessoas em que se localiza o lugar de fala do autor desse texto como pesquisador e militante do patrimônio custodiado pela ANVFEB.

A atuação da ANVFEB em Juiz de Fora tem sido forjada enquanto lugar de memória da FEB e dos pracinhas da região. A aceitação de novos associados demonstra à vontade de manutenção da instituição e suas atividades, em um movimento de aproximação com os filhos, esposas e netos de veteranos já falecidos e com a própria comunidade. A interação entre o pesquisador e os associados traz à tona demandas e problemas a serem investigados sob forma de ação concreta.

O acervo institucional da ANVFEB – JF é constituído de objetos referentes à campanha, fotografias, cartões postais, livros, revistas e filmes. O espaço é dividido entre a biblioteca, o museu e a secretaria. O conceito de Museu definido pela Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, é de uma instituição a serviço da sociedade e da qual é também parte integrante. Segundo o conceito de museu definido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) de 2007 “é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite.”(DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013). Identificamos o espaço como uma coleção visitável constituída a partir da vontade dos pracinhas em formar um lugar de memória. Inicialmente inaugurada como “Galeria da FEB”, posteriormente denominada pelos próprios associados de Museu. A partir, dos conceitos citados sobre os museus, percebemos a necessidade de um trabalho e planejamento museológico para a institucionalização do museu, enquanto um reconhecimento e participação da comunidade, conforme afirmado por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (GUARNIERI, 2010).

No presente momento desta pesquisa, a ANVFEB – JF conta com 12 pracinhas vivos, sendo dois deles ativos no dia a dia da instituição. O crescimento de eventos, palestras, documentários e pesquisas acadêmicas reverberam em muitos desses senhores o desejo de registro de suas memórias e reinterpretação de fatos ocorridos. Imerso nesse processo de lembranças, silêncios e ressignificações está o museu e seu potencial de transformação da Associação. A formação de um espaço museal na sede da ANVFEB – JF é uma proposta de semear a partir dos caminhos da memória. Quando afirmamos que o museu é uma ação transformadora, defendemos uma dinâmica para a entidade e sua atuação.

Ao longo dos anos, após a doação de seu imóvel para a AMIR, a ANVFEB foi perdendo espaço apesar de continuar exercendo suas atividades de amparo aos veteranos e seus familiares como também um espaço de memória da FEB. Inicia se então um movimento, base da pesquisa/ação, de expansão e formação do museu da FEB dentro da instituição. O museu torna se um espaço de luta, resistência, e lugar de

fala para os associados, porém, esse fato, não encontra respaldo entre a maioria dos membros da AMIR. A partir de observações ao longo do trabalho, podemos apontar dois aspectos: o notório preconceito com o idoso (Veterano) que se mantém participativo em um local de sociabilidade para os veteranos e vivência de suas memórias. Existe uma clara ideia que relaciona a manutenção da ANVFEB como um estorvo para a nova instituição que ocupou a sede. Outro fator claro é o desconhecimento de muitos dos membros da AMIR sobre a história da FEB, sendo comum ouvir comentários sobre a campanha como um “passeio” que rendera várias “namoradas italianas”. Somado ao preconceito sobre a capacidade de ação dos idosos temos a desvalorização da própria participação brasileira na II Guerra Mundial.

Durante as primeiras tratativas sobre o espaço para o museu, foi notória a resistência à ideia de expansão para a FEB, mas explicitado pelas lideranças da AMIR um desejo de formar um museu ao golpe civil militar de 1964, sendo latentes as diferentes identidades e representações buscadas entre as duas instituições. Diante das dificuldades, buscamos fundamentar a proposta de formação do espaço museal. Como podemos interpretar essa coleção e criar uma nova proposta de museu? Quais são as possibilidades de comunicação dos objetos como conhecimento histórico?

2.1 – O Museu da FEB (Juiz de Fora – MG): como espaço de transformação e conhecimento.

A busca dos pracinhas em Juiz de Fora pela manutenção de um espaço museal dedicado às suas lembranças é também uma emoção que reconforta a contemplação da perenidade do seu trabalho e a consciência de sua finitude, buscando assim transcender e permanecer (RÚSSIO, 2010). O museu enquanto lugar de memória torna-se o registro e a manutenção de uma experiência intransmissível e que pode desaparecer com aqueles que vivenciaram. O dever de memória fez de cada associado um historiador de si mesmo e a exposição cabe narrar a barbárie e a tragédia (NORA, 1993). A premissa de constituição do museu pode ser demarcada pela análise do veterano José Maria:

“Um ambiente de confronto bélico, confronto armado .. eu não tenho as palavras adequadas, não tenho mesmo .. porque alguma coisa além da imaginação, além da capacidade de, descrever .. eu já li muita coisa a respeito de conflitos armados, mas dentro daquilo que eu, vivenciei, que eu presenciei, que eu passei .. nunca li nenhum autor que dissesse aquilo que o soldado sente num combate, numa missão de vigilância ... sozinho e Deus, altas horas da madrugada numa frente a poucos metros do próprio inimigo .. é sinceramente eu nunca ... dizem que um dos maiores escritores a respeito de conflito armado, conflito mundial era Eric Maria Remarque, ele escreveu na

época da Primeira Guerra Mundial, ele escreveu, um livro, se eu não estou errado, memória não ta falhando, um livro chamado 'Sem novidades no front' ... tá?! Esse, esse livro foi transformado por Hollywood em um grande filme .. mas as palavras não são aquelas, que destacam o que o soldado sente, o pavor, o medo, a raiva, o ódio, a lembrança de amigos, a lembrança de familiares ... e as razões do porque está acontecendo aqui ... porque do lado de lá tem um grupo de jovens, atirando num grupo de jovens, atirando num grupo de jovens de lá ou vice versa ... por que? 20,21,22,25 anos ... porque é esses é que fazem a guerra, esses é que fazem a guerra ... sinceramente... é Humberto." (NICODEMOS, 2011)

Para os veteranos muitas das representações sejam em livros, filmes e documentários nunca coincidem com suas expectativas do que deve ficar como lembrança de seus feitos (FERRAZ, 2012). Formando sua coleção, os pracinhas criam os semióforos, objetos que não tem utilidade, mas que são investidos de significados e estão protegidos do mercado. Segundo Pomian, os semióforos são intermediários entre os espectadores e o invisível, ou seja, os acontecimentos históricos, através da exposição (POMIAN, 1984). O problema diagnosticado está na desconexão entre a existência desse museu e o diálogo com a Museologia e os processos de musealização (CÂNDIDO, 2013).

O museu da FEB pode ser identificado como um museu militar, caracterizado como uma instituição permanente, sem fins lucrativos que adquire, conserva, pesquisa, interpreta e exhibe a evidência tangível e intangível da história militar e serve à sociedade para o questionamento e exposição dos impactos de conflitos como também à perpetuação de valores pacifistas em seu meio (TEIXEIRA,2011). Lembramos que para a institucionalização do museu, necessita-se de um reconhecimento pela comunidade, onde a consciência histórica delimitará a valorização do acervo enquanto patrimônio (RÚSSIO, 2010). Em meio aos objetos expostos pelos pracinhas, como a Museologia, enquanto disciplina aplicada e área do conhecimento podem estabelecer ligações cognitivas e afetivas entre o acervo custodiado e a sociedade? A Museologia tem como objetivo compreender a relação entre a sociedade e sua herança patrimonial, enquadrada nos processos museológicos preservacionistas. Em uma relação que é construída, a disciplina tem sua dimensão aplicada, interpretando os fenômenos, mas também interferindo neles. Voltada como uma articuladora em equipes interdisciplinares, a Museologia trabalha com a comunicação e a gestão da informação formada em outras áreas do conhecimento, produzindo os seus saberes (CÂNDIDO, 2013).

O contato inicial e propulsor da proposta do museu parte do fato museal, ou seja, a relação entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural em um espaço/cenário como o museu. Ampliamos esse conceito no tocante as memórias evocadas nas

atividades da ANVFEB relacionadas à interação dos pracinhas, amigos, pesquisadores e visitantes com o acervo sejam eles os objetos, livros e registros. O fato museal é a possibilidade inicial de relacionarmos a preservação e o poder como semeador de memórias e esquecimentos (RÚSSIO, 2010). Como exemplo, desde a primeira visita ao museu contemplamos uma pintura de um soldado da FEB até então desconhecido. A narrativa do Sr. José Maria identifica um pouco da trajetória do cabo Hélio Thomaz:

“O Cabo Hélio Thomaz foi um companheiro inseparável quando servimos juntos na Força Expedicionária Brasileira, na C.P.P. no Pelotão de morteiros 81 mm. Eu servia na 1ª Seção e o Cabo Hélio na 3ª Seção do 5º Pelotão. No dia 29 de novembro de 1944, aproximadamente 10 horas da noite, hora italiana, horário italiano, por uma razão qualquer que eu não recorro o Capitão comandante da minha companhia estava presente na minha posição, uma aldeia no sopé do Monte Castelo, uma aldeia chamada Bombiana. O telefone tocou, deu sinal, o soldado telefonista passou o telefone para o Capitão e esse após um momento de silêncio, desligou o aparelho, virou-se para mim e pediu que eu chamasse o Cabo José Tomás Barbosa e o Soldado Arlindo Mazzer. Isso feito, descemos nós 4, preparamos uma lona, lona essa que serviu para transporte do corpo do Cabo Hélio. Quanto o Capitão informou o que iríamos fazer, tivemos uma reação ao mesmo tempo: tristeza, mágoa e muito ódio, pode acreditar. Um companheiro super alegre, comunicativo, brincalhão e um ótimo militar...pois bem...estava morto, tínhamos que cumprir a missão de resgatar o corpo dele e assim fizemos. Chovia muito, não chuva tipo tempestade mas chuva garoa, essa chuva fininha...região montanhosa, muita lama. Depois de algumas horas de caminhada na direção daquilo que se chamava no meu entendimento era o cemitério da aldeia, dada os bombardeios sofridos na sua área...bombardeio de Artilharia, das várias armas...morteiro. Era impressionante, impressionante mesmo...esqueletos, pedaços de madeira de caixões, até que conseguimos chegar no lugar onde estava o Hélio. O ódio que eu mencionei a pouco dobrou, tenho certeza... seu cadáver estava de bruços... todo perfurado, corpo todo perfurado, o sangue ainda espalhado em torno. Fizemos, digamos assim, uma espécie de embalagem com a lona que havíamos levado, para esse fim e retornamos e conforme combinado depusemos seu cadáver, seu corpo naquilo que restava da capela católica dessa aldeia chamada Bombiana, em seguida, com todos, nós 4, professávamos a religião Católica. Fizemos uma oração, um Pai-nosso. Voltamos para posição, o Capitão tomou as providências junto ao Batalhão informando o local exato onde havia sido depositado o corpo do Cabo Hélio. Agora, eu devo dizer duas coisas, primeiro o sacrifício que nós fizemos para recuperar o corpo dele... muita lama, muito frio... um cuidado excepcional para não fazer nenhum barulho, porque praticamente estávamos na margem da chamada “terra de ninguém” e qualquer descuido de nossa parte poderia ocasionar... uma reação inimiga que seria muito difícil para nós. Bem tem duas maneiras de concluir esse relato, primeiro, o tempo gasto para que isso fosse concretizado... Humberto, começamos essa, começamos essa missão 10 horas da noite, acredite-se quiser, quando terminamos ou melhor quando chegamos na... naquilo que restava na capela da religião católica eram 6 horas da manhã... A outra parte é dizer que o ódio que eu já mencionei, havia tomado conta de nós, principalmente eu e o Cabo Tomás Barbosa, que persistimos na mesma missão, na mesma seção de morteiros com a missão de

preparar o tiro das peças, das armas. Afirmando, tranquilamente pra você... posso afirmar que a partir daquele momento, não sei, se levados pelo ódio, pela vontade de vingar a morte do Cabo Hélio, posso te afirmar que... toda vez que recebíamos pedido de tiro nesta ou naquela área, nessa ou naquela posição, informada pelos observadores... nós... nós atirávamos, com as granadas mais mortíferas... você pode acreditar que esse procedimento nos dava impressão de que assim procedendo, assim fazendo... nós abreviaríamos as horas numa linha de frente... isso levado mesmo por ódio, atirávamos se fosse uma posição informada pelo observador ainda que semi-destruída, fosse uma habitação, nós nunca deixamos de usar a granada incendiária, que era para liquidar mesmo com que tivesse do lado de lá. Falo pra você com muita honestidade... esta foi uma das maiores emoções que eu senti, na minha participação na luta na frente italiana, nas montanhas denominadas Apeninos... perdemos um companheiro, perdemos um companheiro, alegre, extrovertido, tudo nele era na base da brincadeira, é o que eu posso te falar” (NICODEMOS, 2011).

As memórias evocadas traduzem com muita riqueza e emoção a tragédia de uma guerra, sendo também significativa pela amizade do entrevistado e seu companheiro de trincheira desde o treinamento. A lembrança ao cabo Hélio Thomaz é representativa por sua difusão entre os visitantes e associados a partir da evocação no museu. Esse fato é representativo da potencialidade de propor um olhar interpretativo que transforma o fato museal ao chamado fenômeno museológico, considerando o diálogo com outras áreas do conhecimento. A partir da interpretação analítica da Museologia sobre a realidade passada e presente pode se projetar em ações para a visibilidade junto à sociedade através de uma cadeia operatória de salvaguarda e comunicação (CÂNDIDO, 2013). O processo de musealização é uma série de ações sobre os objetos como a aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. Existem diversas formas de um museu comunicar como artigos, palestras e oficinas. A exposição é um meio de articular os elementos históricos identificados na relação entre o pracinha e objetos expostos, proporcionando um local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como se deve expor visando um diálogo ativo com o público (CURY, 2005).

A missão proposta para o museu não pode se limitar à preservação de uma memória patética, trágica, como comentamos no início do capítulo. O museu, segundo Waldisa R. C. Guarnieri, pode e deve ser o deflagrador das utopias e por esse caminho devemos ter a mensagem transformadora da paz e denúncia da barbárie em um espaço que desperte a consciência, o conhecimento e o debate (RÚSSIO, 2010). O desafio será apresentar uma posição educativa, formar e pesquisar o acervo, realizar exposições fundamentadas e atividades com escolas, sendo uma instituição provocativa, didática, lúdica, formando um relacionamento profundo com o público. O trabalho do espaço museal deve ser pautado na responsabilidade social de exercitar a

reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado através dos objetos expostos (RAMOS, 2004).

Compreendemos que para alcançarmos a transformação de uma coleção em um museu institucionalizado exercer sua função social, devemos proporcionar reflexões sobre o que se quer reter do que já foi vivido, o que se quer deixar para o futuro e como essas memórias são revistas e reinterpretadas (CÂNDIDO, 2013).

2.1.1 – Uma proposta de um discurso expositivo.

“Eu tenho uma teoria, que eu tenho certeza que ela não será realizada nunca, nós deveríamos chegar aos 90 anos e voltar 89, 88, 87 até os 18, e isso não vai acontecer né?! Então eu começo a lembrar.”As lembranças do Senhor José Maria são o tempo vivo da memória, rico em uma história densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Se na sociedade industrial multiplicamos as horas mortas em tempos vazios das filas e da burocracia, algo mais nítido vivido aparece nas recordações da narrativa do pracinha. Imersos em uma história de vida, temos o contato com objetos biográficos, insubstituíveis, envelheceram com os donos e se incorporam à sua vida como as fotografias ou o broche da FEB com a cobra fumando na gola da camisa, representando uma experiência vivida ou uma passagem afetiva do veterano (BOSI, 2003). Os objetos da coleção, ao serem apresentados, demarcam os processos sociais e simbólicos, legitimando ideias, valores e identidades. Esses vestígios mantêm o poder de ligar o passado e o futuro, organizando uma percepção individual e coletiva (GONÇALVES, 2007). O grupo de associados busca transformar esse acervo em um patrimônio, como um conjunto de bens a ser passados de geração em geração, não se resumindo apenas ao que é material, mas também às memórias e narrativas que permanecem entre os ex-combatentes (CRIPPA, SOUZA, 2011). Consideramos o reconhecimento como patrimônio, algo que não depende apenas da vontade de uma agência do Estado ou do próprio grupo envolvido, mas através da ressonância junto ao seu público, atingindo um universo mais amplo, além dos limites formais, evocando forças culturais complexas e dinâmicas, representadas pelos objetos (GONÇALVES, 2005). Sendo assim o ato preservacionista de tombamento através da instituição pública municipal deve ser objetivo fim, alcançado com a ressonância e participação da comunidade na Associação, ao despertar consciências (GUARNIERI, 2010).

A proposta expositiva tem como meta a interação entre a mensagem e o visitante, onde a exposição possa ser uma experiência de apropriação do conhecimento. A partir disso, o museu criará um local de encontro e relacionamento entre a instituição, sua mensagem e o público, interlocutor ativo e participante. Para

isso, a exposição deve ser pensada e montada a partir da experiência prévia do visitante, pois a partir de sua percepção ele criará sua leitura (CURY, 2005). A relação afetiva entre o veterano e o acervo é possível através de um discurso de caráter narrativo e interpretativo, onde apoiado na produção historiográfica sobre o tema, pode-se propor uma linguagem que seja uma expressão e interpretação inteligível da realidade (GUARNIERI, 2010). Cabe ressaltarmos que o trabalho de institucionalização do museu criará uma dinâmica de revalorização do espaço pelos próprios pracinhas remanescentes, já que eles poderão enriquecer a coleção com os seus objetos biográficos. É interessante perceber que alguns deles buscam um destino para os seus objetos incorporados em suas vidas. Ao ingressarem ao acervo do museu, serão objetos biografados com uma leitura e ressignificação singular (RAMOS, 2004).

A perspectiva adotada neste olhar museológico está na valoração dos objetos do acervo em uma associação a outras peças e fotografias para serem expostos ao público (CURY, 2005). A pesquisa assume um papel essencial na prática museológica, fomentando bases para que as funções de preservação e comunicação sejam bem exercidas (SOFKA, 2009). A grande questão é, ao reconhecermos o valor histórico desse acervo, como transpor esse tempo vivo da memória em um discurso?

A exposição deverá ser recriada pela interpretação dos fatos e seus rastros, elaborados à imagem e semelhança de seus narradores. Ao museu, cabe o dever de cuidar para que as narrativas que são enunciadas estejam na fronteira entre a razão e a emoção, em um ponto de equilíbrio considerado ético, sem omissões e silenciamentos (SCHEINER, 2006). A linguagem expositiva deve ser um importante meio de produção e divulgação da historiografia, em um diálogo semeado pelo trabalho dos pracinhas e pesquisadores, assumindo seu papel educativo ao provocar reflexões (MAGALHÃES & RAMOS, 2008).

2.1.2 – Os filhos do Brasil: a Força Expedicionária Brasileira.

Números de mortos, as tropas e seus armamentos, canhões e blindados, todas essas informações e fatos são apresentados em um museu militar. Longe de um senso comum e pela própria tipologia do acervo, a proposta para a exposição será apresentar o lado humano por trás dos números assustadores de uma guerra, suas cifras e alta tecnologia. Os relatos selecionados para a narrativa não são considerados fontes suspeitas, mas sim devem ser analisadas pelos pesquisadores de maneira que sua subjetividade seja bem entendida como parte do processo de ressignificação da memória e de que forma que a verdade do relato tinha seu valor histórico (COSTA,

2009). Logo no início da exposição encontramos um quadro intitulado “Navios mercantes afundados durante a II Guerra Mundial. Em vários registros e entrevistas localizamos a seguinte fala do expedicionário Senhor Antônio de Pádua Inhan:

“Com referência ao início da FEB, eu gostaria de dizer que o Brasil foi à guerra porque foi agredido pelos submarinos alemães. Afundaram 32 navios nossos, matando 965, entre embarcados e tripulantes. Com essa agressão, os estudantes foram às ruas e exigiram que o Brasil declarasse guerra aos alemães, o que foi feito no dia 22 de agosto de 1942, pelo então presidente Getúlio Vargas. Aí em 43 foi formada a Força Expedicionária Brasileira. Com a declaração de guerra, eu já estava no Exército, eu tinha entrado para o Exército no dia do meu aniversário, dia 26 de setembro de 1942, como voluntário, eu tinha dezessete anos, a minha mãe teve que assinar para eu entrar. Eu nem sabia que tinha guerra, eu me alistei porque precisava do certificado de reservista para poder trabalhar. Hoje tem carteira de trabalho, naquela época era o certificado. Com a declaração foram suspensas as baixas, eu não dei baixa do Exército, em 1943 veio a convocação para a Força Expedicionária Brasileira. Recebi, o senhor imagina: um menino de dezessete anos, àquela época, o senhor imagina hoje um menino de dezessete, a sabedoria dele é muito mais ampla do que eu na minha época. Eu tava convocado! Não sabia para quê que era, não acreditava que ia embora, até que foi formada a FEB e nós de fato embarcamos... (COSTA, 2009).

Os números e datas expostos necessitam do diálogo com a palavra na exposição, já que a proposição da escrita posiciona os restos e vestígios nesse espaço de lembrança (MAGALHÃES; RAMOS, 2008). A apresentação desse quadro no museu é uma clara referência a uma historiografia militar que propagou a entrada brasileira na guerra como resultado direto aos ataques nazi-fascistas aos nossos navios mercantes (COSTA, 2009). A exposição não pode se furtar a debater sobre o início da participação brasileira e seu contexto político conturbado. Como um país tão distante desse grande conflito, provocado pela ascensão dos regimes totalitários como o Nazismo e o Fascismo, foi se envolver na guerra? Como era esse Brasil no idos dos anos 1940?

A guerra era algo distante da realidade brasileira, seja no campo ou na cidade a maioria das pessoas desconhecia sobre os combates ou sabia muito pouco. Os avanços nazi fascistas chegavam através dos jornais e programas de rádio (CARVALHO, 2010). Nas localidades rurais as comunicações eram péssimas e as estradas pavimentadas quase não existiam. A navegação costeira era o principal meio de transporte de ligação entre o sul, sudeste, norte e nordeste do país. Essas últimas regiões eram assoladas pelo analfabetismo, a miséria e doenças como a tuberculose (CARVALHO, 2010).

Esse país pacato de grande população rural era governado pelas mãos pesadas do regime ditatorial de Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1945). O

político gaúcho havia chegado ao poder em 1930 liderando uma revolução que pôs fim ao revezamento entre presidentes indicados por São Paulo e Minas Gerais. Vargas iniciou um processo de transformação do Brasil, impulsionando a industrialização e buscando consolidar seu poder, trouxe à política os operários das fábricas brasileiras. De uma política plenamente oligárquica, após a Era Vargas, tornou se uma prerrogativa para aqueles que mais habilmente conseguissem lidar com a classe trabalhadora que surgia no país. Ditador combatido por São Paulo, em 1932, na Revolução Constitucionalista, ao “pai dos pobres”, Getúlio tornou se o principal líder político, estabelecendo uma relação de paternidade entre o seu poder central e o operariado.

O quadro apresentado com o nome dos navios e suas vítimas podem ser investidos de sentido ao analisarmos o contexto político de entrada do Brasil no conflito. Segundo o historiador Francisco César Ferraz é mais correto dizer que não foram os brasileiros à guerra, mas sim que à guerra chegou ao Brasil (FERRAZ, 2005). Sendo assim, a exposição deve proporcionar uma leitura aprofundada ao fato histórico, não se limitando a apresentar a declaração brasileira de guerra à Itália e Alemanha como simples resposta aos afundamentos dos navios mercantes na costa nacional. O rompimento de relações diplomáticas com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e a posterior declaração de guerra em agosto de 1942 foram precedidos de negociações políticas de uma diplomacia ambígua do governo brasileiro, apesar de um natural alinhamento aos países do Eixo, o governo mantinha uma ambiguidade em sua política diplomática, ora negociando com os alemães, ora aproximando-se dos Estados Unidos. Vargas seguia uma política de contemporização como forma de ceder, mas também de conseguir vantagens. A guerra, segundo Ferraz, poderia ser um “atalho” para o desenvolvimento econômico e social de um país carente (FERRAZ, 2005).

O Brasil já participava como país periférico do fornecimento de produtos estratégicos para o esforço de guerra. O perigo ao continente americano se tornou mais claro quando, em outubro de 1940, a Itália invadiu o Norte da África, a Grécia e os Bálcãs, abrindo nova frente no mar Mediterrâneo. Apesar dos ingleses derrotarem os italianos na região, os alemães vieram em socorro e dominaram todo o Norte da África. A proximidade de pouco mais de duas mil milhas entre a cidade senegalesa de Dakar e o ponto no extremo oriente da América do Sul podia ser percorrida por aviões em oito horas. Sendo assim, a Batalha do Atlântico poderia ser travada no hemisfério sul. A guerra distante chegava às Américas (FERRAZ, 2005).

Esse cenário estratégico trouxe grande preocupação ao governo norte americano. Antes disso, em 11 de junho de 1941, Getúlio já havia feito um discurso a

bordo do encouraçado Minas Gerais, onde fez elogios às potências do Eixo. Vargas deixava claro que o apoio aos EUA vinha em troca de um auxílio ao projeto de implantação da indústria de base no Brasil (ALVES, 2012). O acordo foi celebrado de dólares e mais 20 milhões seriam acrescentados posteriormente. Além de permitir a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, inaugurada em Volta Redonda – RJ em 1946, o mercado de matérias primas estratégicas tornou se exclusivo para os norte americanos e, já em 1941, Vargas autorizou a criação de bases para as Forças Armadas dos EUA no Nordeste e no Norte (FERRAZ, 2005). Esses fatos envolveram o Brasil plenamente na guerra, comprometendo a sua neutralidade inicial.

Em dezembro de 1941, os EUA entraram oficialmente na guerra após o ataque à base americana de Pearl Habor pelo Império Japonês. Dois meses depois, em janeiro de 1942, o Brasil rompe relações diplomáticas com todos os países do Eixo. Esse fato ocorreu durante a Conferência do Rio de Janeiro, reunião com os chanceleres dos países latinos americanos, sob intensa pressão da diplomacia norte americana (ALVES, 2012). O rompimento foi considerado um ato de hostilidade pelas autoridades alemãs. O revide não tardaria.

O país, que era ligado pela navegação costeira, recebeu um duro golpe. Entre fevereiro e agosto de 1942, doze navios mercantes foram afundados por submarinos do Eixo em águas internacionais causando 133 mortes. Em 22 de agosto o Brasil declarava estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália e, logo após, no dia 31 de agosto, era declarada guerra a esses países. Até o fim do conflito mais 12 navios brasileiros foram torpedeados e destruídos, ceifando a vida de mais 334 pessoas. Além dessas embarcações, 49 navios estrangeiros de bandeira norte americana e inglesa também foram afundados no litoral do Brasil (FERRAZ, 2005).

A comoção pela morte de brasileiros inocentes e a revolta aos ataques resultou em um apoio à reação armada do governo brasileiro. O argumento de uma participação direta em resposta à agressão externa aos navios mercantes foi bem elaborado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), onde foram divulgadas diversas imagens de restos de embarcações como também registros das vítimas como corpos de crianças chegando à praia. Esses acontecimentos ficaram no imaginário daquela sociedade e criou uma mobilização simbólica para uma guerra que já era tão distante (COSTA, 2009). O apoio conquistado pela população foi fundamental para corroborar os interesses do governo, pois além de atender ao pedido da população e reparar o ultraje sofrido, almeja melhorar sua posição internacional nas negociações do pós-guerra (FERRAZ, 2005). A formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi uma mostra de autonomia em um quadro de dependência aos interesses estrangeiros durante a Segunda Guerra, pois fora uma

decisão exclusiva do Estado Novo de Vargas. No fim de 1942, o norte americano debatia a conveniência ou não do envio de tropas brasileiras, ganhando posteriormente o apoio de Roosevelt em Natal-RN para executar o projeto FEB em janeiro de 1943. Diversos setores do grupo de decisão interno tinham seus argumentos para apoiar a participação efetiva no conflito. Os diplomatas liderados pelo chanceler Oswaldo Aranha, acreditavam que a cooperação militar entre Brasil e EUA era um grande passo para uma sólida aliança entre os dois países para além do conflito. Para Getúlio, a FEB seria uma forma de se reinventar politicamente, de um governante autoritário para um estadista que colaborou na vitória contra o totalitarismo nazi fascista. Já o Exército vislumbrava um reequipamento bélico com a remessa de armamento ao país pelos EUA (ALVES, 2012). Esse intrincado processo político está no cerne da participação brasileira efetiva na guerra fora de seu continente.

Como dito anteriormente, a proposta expositiva deve estar ligada aos questionamentos do presente como também à produção historiográfica. Sendo assim, almejando os objetivos de um contato com o visitante que seja acessível e possibilite interagir, gerar conhecimento e indagações sobre a história, não almejamos uma exposição que descreva todos os fatos que culminaram na entrada do Brasil na guerra. Os textos e legendas são importantes recursos expográficos onde a letra exerce a função de instrumento de memória e suprir a carência da lembrança. A escrita pode contribuir para se chegar a certos sentidos do objeto, sendo muito mais do que uma informação, mas sim uma maneira de delimitar campos de sentido, direcionar e negar leituras (MAGALHÃES & RAMOS, 2008).

O conceito base da exposição será a trajetória dos veteranos como fio narrativo da guerra, em uma perspectiva múltipla, através de uma memória multifacetada, apresentando a identidade dos expedicionários, seus familiares, os adversários, onde a musealização do acervo deverá ter a participação dos parentes associados como um caminho para um museu feito por várias mãos e olhares. A partir da perspectiva dos associados, em sua maioria naturais do interior de Minas Gerais, teremos um espaço que também represente traços da memória local durante a Segunda Guerra. Serão utilizadas reproduções do jornal Diário Mercantil de Juiz de Fora - MG, periódico pertencente aos Diários Associados, administrado pelo jornalista Assis Chateaubriandt, grande aliado de Vargas. Através da leitura de suas manchetes, o visitante poderá acompanhar a cobertura jornalística sobre os torpedeamentos dos navios. Em um profundo diálogo com o quadro com o nome das embarcações afundadas e o número de vítimas, a composição com os jornais proporcionará uma observação sobre a cobertura da mídia e o desenrolar dos fatos. No dia 18 de agosto de 1942, o jornal divulga “A navegação brasileira sofre mais um rude golpe –

torpedeados mais cinco navios brasileiros” e as informações dadas pelo DIP, afirmando que o governo tomaria uma posição para garantir a soberania nacional ante aos países do Eixo. A mobilização na cidade era um retrato de um sentimento de revolta visto em várias capitais onde os meios de comunicação eram um importante canal para disseminar a união nacional em torno de um mesmo objetivo, ou seja, a defesa do Brasil (SALUN, 2012).



Figura 1 – Jornal Diário Mercantil – 18/08/1942 – Acervo Arquivo Municipal de Juiz de Fora – MG.



Figura 3 - Jornal Diário Mercantil – 16/09/1942 – Acervo Arquivo Municipal de Juiz de Fora – MG.

A proposta com o jogo de textos e jornais é criar necessidades de conhecimento, ampliando horizontes de compreensão do fato histórico. A exposição de caráter histórico deve possibilitar que o visitante amplie seu repertório visual e o sentido de tempo e espaço. Um museu que possibilite ao público despertar curiosidades como ao visualizar a fotografia retratando a formação de pirâmides metálicas pela população em praças para o esforço de guerra, mas que também

possibilite uma leitura crítica das relações e interesses do Estado Novo de Vargas. A comunicação deve estabelecer um contato direto com o público, sem intermediários e que tenha sentido lúdico (BOGUS, 2009). A utilização de vídeos e recursos sonoros possibilitará a criação de um ambiente envolto nas propagandas do governo, mas também na compreensão histórica desses fatos em uma experiência que proporcione a comunidade abordar o museu em diversos termos e perspectivas. Outro aspecto central será desconstruir alguns mitos sobre o tema, como a informação de que navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos americanos em pressão ao governo Vargas para colocar o país entre forças aliadas. Outra análise desse boato é que em pleno esforço de guerra, os Estados Unidos não necessitariam de um aliado que precisasse ser armado, vestido e treinado. Faz-se necessário o museu saber lidar com as polêmicas sobre o tema, propondo debates e reflexões (FERRAZ, 2005).

Em agosto de 1943, a FEB foi criada através de um decreto presidencial, após intensas reuniões com autoridades norte americanas sobre o empenho de brasileiros em combate. Os desafios para formar, treinar e enviar à tropa eram enormes em um país com recursos tecnológicos escassos, uma economia subdesenvolvida e um Exército com poucos homens, armamentos e uma notória dependência dos EUA (COSTA, 2009). A decisão assumida pelo governo brasileiro era o envio de três divisões de infantaria ao modelo americano com 60 mil homens, só que as dificuldades mostravam que a empreitada era irreal, apesar de um número razoável para uma população de 50 milhões de habitantes. Com todas as carências e dificuldades um 'novo' Exército deveria ser criado para a guerra (FERRAZ, 2005).

Apesar de contar com aproximadamente 90 mil homens em seu Exército, teve início da seleção dos componentes da FEB. Esse fato é controverso, já que havia um número suficiente de integrantes na ativa. A justificativa debatida era pela necessidade de proteger o território nacional, não só da ameaça dos países do Eixo, mas também à presença das tropas americanas no Nordeste brasileiro, uma ameaça para muitas autoridades militares do Brasil. Aos convocados, reservistas e voluntários e também membros do Exército formariam a Divisão brasileira, jovens trabalhadores rurais e urbanos vindos das classes populares, com alguns membros da classe média e poucos representantes da elite (FERRAZ, 2005). Como definiu o jornalista e correspondente de guerra Rubem Braga, a FEB era um bom resumo do nosso povo, os verdadeiros filhos do Brasil (NETO, 1995).



Figura 4 – 9ª Companhia do III Batalhão “Lapa Azul” – 11º Regimento de Infantaria – Acervo particular do Sr. Antônio de Pádua Inhan.

Longe de ser um momento longe de divergências, a seleção da FEB foi um processo conflituoso. Muitos dos expedicionários integrantes da ANVFEB-JF eram conscritos e buscavam o certificado do serviço militar para iniciarem suas carreiras profissionais (COSTA, 2009). Mas com a deflagração da guerra, a convocação se transformou em um ato em que milhares de jovens seriam retirados de seus lares e famílias. O jornal Diário Mercantil publicava a lista de convocados, causando muitas vezes revolta em muitos. José Maria, que em 1942 já servia no 12º RI em Juiz de Fora – MG, fora convocado para um patrulhamento, pois havia uma confusão no centro de Juiz de Fora. Por precaução o comércio havia fechado as portas nas principais vias da cidade como na rua Marechal Deodoro, Halfeld e Batista de Oliveira. O “quebra – quebra” de convocados foi lembrado pelo expedicionário e suas palavras são uma forma de exercer um diálogo com o processo de convocação anunciado nas páginas do periódico:

“O comércio, na rua Halfeld e redondezas, tinha fechado as portas. Os chamados ‘conscritos’ ou ‘convocados’ faziam a maior bagunça. Teve convocado que fez bagunça tão grande que foi morto a tiro. Isso aconteceu lá pelos lados da parte baixa da rua Batista de Oliveira, perto da avenida Francisco Bernadino, da rua Floriano Peixoto. Por aquelas bandas, que na época eram conhecidas como o ‘baixo meretrício de Juiz de Fora.’ (ROCHA, 2015)

As fotografias e cartões postais são uma grande parte do acervo custodiado pela ANVFEB – JF. Como recurso expográfico as imagens formarão em conjunto com os objetos, textos e vídeos, uma experiência que ative uma leitura mais profunda da exposição e sua própria recriação pelo público (CURY, 2005). As imagens selecionadas devem ser investidas de significado para realizarmos leituras em um

processo que resulte em uma apropriação pelos visitantes. A fotografia, segundo a pesquisadora Ana Maria Mauad, “é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real”. Semelhante à organização de um álbum fotográfico familiar, a coleção de fotografias para os veteranos são narrativas que engendram memórias, demarcando a existência de pessoas e dos fatos ocorridos (MAUAD, 1996). A essência do museu, desde o seu início, é poder tornar presente os companheiros que se ausentaram do cotidiano do grupo, tendo como caso emblemático a pintura do Cabo Hélio Thomaz, recordado pelo seu amigo José Maria em um relato citado anteriormente (BOSI, 2003).



Figura 5 – Pintura Cabo Hélio Thomaz – Cazi 1962

Em uma guerra, as imagens são essenciais para a propaganda dos países beligerantes. O Brasil, como país aliado, esteve inserido na máquina de propaganda americana, onde muitos periódicos brasileiros utilizaram as fotos do Serviço de Informação do Hemisfério da Coordenação de Assuntos Interamericanos, agência de

divulgação dos EUA. Além dessa fonte, podemos observar as fotografias da Agência Nacional, demonstrativos de uma tentativa de mostrar o preparo das Forças Armadas brasileiras para enfrentar a agressão externa. Longe do esforço para conquistar a opinião pública através da publicidade, temos uma espécie de fotografia particular, feitas pelos próprios combatentes. Caracterizados pela maior espontaneidade, em sua maioria são mais bem identificadas e tornam-se também fontes históricas (NETO, 1995).

A partir das primeiras fotografias dos treinamentos e preparação da FEB em território nacional, podemos observar traços marcantes desse Exército. Desde 1921, os militares brasileiros receberam instruções da Missão Militar Francesa, cujos fundamentos determinavam uma tática passiva de combate, até mesmo onde as ações ofensivas fossem a mais recomendada. O Exército francês, vitorioso na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), ainda estava ligado a uma postura de guarnecer defensivamente grandes extensões territoriais (MAXIMIANO, 1995). Os fundamentos de guerra franceses enaltecidos de desfiles de ordem unida, o rigor disciplinar e as linhas de defesa lineares foram derrotados pela guerra relâmpago (Blitzkrieg) germânica, com avanços rápidos e objetivos, com o apoio de blindados e aviões. A Linha Maginot e a retirada de Dunquerque foram derrotas que demonstravam que essa forma de combate estava ultrapassada em uma guerra de movimento e inovações bélicas (COSTA, 2009).

As fotografias do veterano Joaquim Alves Moreira, do período de incorporação do 12º RI, são indícios desse Exército formado pela doutrina francesa. Em um diálogo com as fotografias podemos compor a narrativa da exposição com alguns objetos como artefatos militares. Os capacetes expostos, o modelo inglês e francês, remontam à Revolução Constitucionalista deflagrada pelo estado de São Paulo contra o governo Vargas, em 1932. Em seu esforço de guerra, os paulistas criaram diversos departamentos, sendo um deles para a confecção de capacetes para equipar todos os seus combatentes. Para a produção dos equipamentos foram apresentados dois exemplares, um francês Adrian, modelo 1915 e um inglês MK 1, modelo 1916, vindos de uma coleção particular. O modelo francês sofreu algumas alterações, principalmente na chamada “crista de galo”, já o modelo inglês foi copiado na íntegra. Considerado um símbolo pela iconografia da Revolução de 1932, foram fabricadas 70000 unidades dos três modelos (um do modelo inglês e dois do modelo francês) tendo sido a maior parte distribuída para as tropas revolucionárias. Com o fim do conflito após três meses, o governo federal apoderou-se dos estoques e das linhas de montagem, inserindo o uso do capacete de aço no Exército brasileiro, dando

prosseguimento à produção dos mesmos, sendo utilizados no período de início da Segunda Guerra mundial (BASTOS, 2005).



Figura 6 - Acampamento na Fazenda Malacacheta em Juiz de Fora – MG. Acervo pessoal do Veterano Joaquim Alves Moreira.



Figura 7 – Fotografia datada de 27/06/1944. Acervo pessoal do Veterano Joaquim Alves Moreira.



Figura 8 – Capacete inspirado no modelo francês Adrian. Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.



Figura 9 – Capacete inspirado no modelo inglês MK1. Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

A missão da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, comandada pelo General Mascarenhas de Moraes era árdua em um prazo curto até o embarque. Os novos

conceitos do Exército norte-americano enfatizavam o conceito de mobilidade e poder de fogo. Essas práticas foram resultado de duras lições aprendidas pelos estadunidenses nas Filipinas e na Tunísia. A falta do material bélico norte americano foi um motivo a mais para essa dificuldade, já que fora combinado que os equipamentos seriam entregues apenas no teatro de operações. Havia um pequeno número enviado pelos EUA, mas os manuais de instrução que os acompanhavam eram em inglês o que gerou um enorme esforço de tradução de centena de milhares de documentos. Muitas das ações de instrução individual de combate dos pelotões e companhias de fuzileiros foram feitas com seu armamento já utilizado, como o fuzil Mauser, metralhadora Hotchkiss, fuzis metralhadora franceses ou tchecos, que exceto por aspecto de operação e manutenção, não diferia muito do equipamento norte americano (MAXIMIANO, 1995). Mesmo assim, a preparação da FEB era uma profunda mudança de conceitos e práticas militares.

A composição desse módulo da exposição tem como objetivo apresentar o desafio na transição que ocorreu na FEB, em meio há tantas novidades e velhas práticas. A seleção de objetos como os capacetes modelo francês Adrian e o inglês MK 1 conjuntamente o exemplar norte americano M1, propõe demonstrar essa transformação. Ao chegarem à Itália os expedicionários passaram a usar o capacete de aço modelo M1. Composto de dois, sendo um em fibra que se aloja dentro do de aço, podendo ser usado os dois simultaneamente ou só o de fibra. Esse modelo foi o mais fabricado no mundo até os dias de hoje e, já em 1943, tinha atingido a marca de 7500 unidades confeccionadas (BASTOS, 2005). Além do capacete norte americano, o rádio portátil BC611 “Hand Talkie”, meio de comunicação utilizado por grupos de combate, forma um conjunto que, somado ao recurso das fotografias, dialoga no tocante às transformações referentes a aliança entre o Brasil e os EUA

O contato mais intenso com a organização e disciplina norte americana foram na própria viagem de embarque para a guerra. A ida da FEB ocorreu entre junho e julho de 1944, aconteceu em meio a um cenário de dúvidas sobre a capacidade combativa da tropa. Para muitas autoridades pairava uma desconfiança sobre o potencial de combate do homem brasileiro, isso devido a uma ideologia eugenista do século XIX que qualificava como um aspecto negativo o caráter mestiço do povo brasileiro e o temor de uma derrota do inculto expedicionário contra o soldado alemão. A população mais preocupada com a batalha da sobrevivência do que as dificuldades da FEB presenciou os preparativos para a viagem em um clima que misturava o derrotismo, o pessimismo e a indiferença. Ferraz define que não era somente uma divisão de Exército expedicionária a embarcar, mas um pouco da ansiedade e identidade nacionais (FERRAZ, 2012).



Figura 10 – Capacete M1. Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.



Figura 11 – Rádio portátil BC 611 – Hand talkie. Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

Ampliaremos o olhar sobre o acervo quando observamos a existência de registros dos pracinhas como os diários de guerra. Esses escritos são ricos pela visão íntima de situações limite como a guerra. Como exemplo, utilizamos o diário de campanha de Ruy de Oliveira Fonseca, comandante do Pelotão de Petrechos da 4ª Companhia do III Batalhão do 11º Regimento de Infantaria e antes da FEB foi

seminarista e professor. Com a leitura acompanhamos o dia a dia, as angústias, as ansiedades, os medos e as saudades da terra natal. Tudo fora anotado por Ruy com o cuidado de anexar ao diário, os mapas, os desenhos, as fotografias, os postais, as letras de canções e documentos. O contato com esse livro permite analisarmos esse diário e seu potencial museal de comunicação. A literatura como forma específica de Arte pode ser tratada no âmbito da Museologia e dos museus. Ao inserir trechos do diário na exposição, busca se proporcionar uma visita pedagógica que aproxima o visitante do objeto literário exposto, ampliando a capacidade de leitura do público e aproximando os escritos da sociedade (MARTINS, 2011).



Figura 12 – Tenente Ruy de Oliveira Fonseca - Livro Uma face da glória.

Compreender a historicidade das narrativas a partir dos objetos amplia as possibilidades de comunicar as diversas lembranças e percepções que marcaram esse período. A descrição do processo de embarque estabelece um maior sentido a documentos expostos como o cartão de embarque e o registro de vacinas para à viagem. Intermediados pelos textos do diário do Tenente Ruy, podemos conseguir uma melhor compreensão do momento mais humana e rica:

21 de setembro de 1944, quinta-feira
“Embarcados a 20 de setembro de 1944, permanecemos atacadados no cais por todo o dia 21. Do convés, avistávamos as ruas desertas – acho que estavam interditadas pela polícia – os morros do Livramento e da Favela. Nos olhos de cada um já se podia ver uma sombra de preocupação ou de saudade. Andávamos pelo navio até onde nos era permitido; voltávamos pelo mesmo caminho ao encontrarmos tabuletas com as inscrições: ‘Keep out’, ‘Off limits’ ou ‘Captain only’, pois entendíamos essas mudas advertências (...)

22 de setembro de 1944 – sexta-feira

Às 4h23 da madrugada, acordado por estar de serviço no compartimento 505, assisti à chegada do prático e, em seguida, às operações de desatracação. Puxado pelo rebocador, o AP-116 foi-se afastando lentamente do molhe, levado até ao meio da Baía da Guanabara, colocando entre as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, com a proa apontada para a boca da barra. O dia foi amanhecendo e as barcas que fazem o transporte entre as duas cidades passam por nós, cheias de gente, e nos acenam como se dissessem: ‘Nós vamos para o trabalho, contamos com vocês para podermos continuar assim! Vão com Deus! Muitos faziam com os dedos o ‘V’ da vitória, gesto que, imortalizado por Churchill, espalhou-se pelo mundo. Ao meio-dia e meia, o ‘Gen. Meigs’ iniciou o deslocamento: Glória, Flamengo, Botafogo e Urca foram deixados para trás, e sobre a pedra da Fortaleza da Lage, a guarda,, formada, nos prestava continência e acenava; eram os ‘canelas-pretas’ que se despediam de seus irmãos, os ‘expedicionários’.

Cerrei os lábios e contive um soluço. Olhos ardendo pelas lágrimas presas a tempo, olhei para trás, fixei o Cristo Redentor no alto do Corcovado e pedi-lhe forças para suportar a angústia da separação de tudo que ia deixando aqui. Fiquei calado, olhando a espuma, até que, já longe do Pão de Açúcar; o mar se encontrando com o céu, me apresentava um mundo novo, sem limites no tempo ou no espaço, e ao qual eu teria que me adaptar. Refeito das emoções, disse a mim mesmo: ‘Vamos em frente! Nada mais nos deterá. (...)’” (FONSECA, 2002)

O “Diploma de Netuno” causa estranhamento, mas logo ao nos depararmos com o relato de Ruy revela uma curiosa diversão durante a viagem:

26 de setembro de 1944, terça-feira

Os alto-falantes anunciam que amanhã, pela tarde, deveremos cruzar a linha do Equador. Embora sabendo que essa é uma linha imaginária, todos querem olhar na direção da proa, para ver o tal cruzamento...

Mas quem apareceu, vindo daqueles lados, foi um grupo de ‘sereias’ chefiado por um cidadão vestido à caráter, dizendo-se arauto do Rei Netuno. E, enquanto as ‘sereias’ reboavam ao som de uma charanga, ele, para batizar os neófitos e torná-los seus súditos. Para mim, particularmente, como professor de Geografia, a passagem na linha Equatorial é um ponto para o meu currículo.

27 de setembro de 1944, quarta-feira

Dia lindo, claro e quente. No 505 faz um calor infernal! É proibido permanecer despido e sem o incomodo salva-vidas. Eu, porém, faço vista grossa e arranco a blusa, ficando com o salva-vidas em torno do tronco desnudo. Faz muito calor, mesmo! Com um vigia estrategicamente colocado nas escadas de acesso, no andar de cima, ao menor sinal tudo fica de acordo com as ordens. Como foi anunciado, veio o Rei Netuno com sua corte de sereias e tritões.

Sua Majestade era, nada mais, nada menos, do que o Cel. Júlio de Moraes, oficial da reserva convocado, cidadão bastante conhecido do povo brasileiro como piloto em provas automobilísticas, como o Circuito da Gávea e outras.

Saiu-se bem o distinto velhinho e sua trupe, que distribuiu generosos baldes d’água aos que lhe chegavam mais perto. Desse batismo, foram distribuídos diplomas que atestam a presença de cada expedicionário nas cerimônias e que está assinado por um tal ‘Davy Jones – pseudônimo do Rei Netuno.’” (FONSECA, 2002)

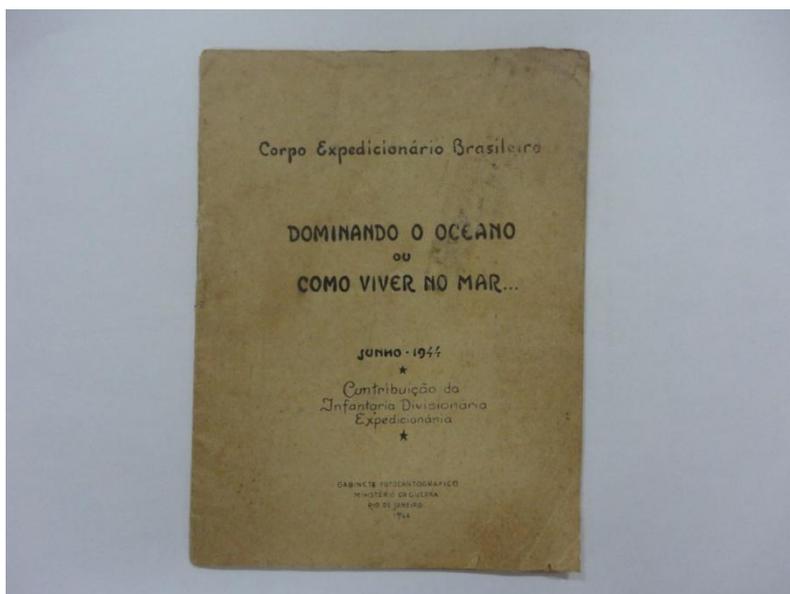


Figura 13 – Folheto “Dominando o Oceano ou Como viver no mar - Acervo pessoal do Sr. José Maria.



Figura 14 – Diploma pela passagem na Linha do Equador – Acervo pessoal do Sr. José Maria.

21/155. Foto - Alusão a presença do Rei Netuno e sua comitiva, a bordo do navio transporte para batismo dos Expedicionários da F.E.B. pela passagem da linha do Equador - Setembro de 1944. 177mm x 151. F



Foto alusiva à presença do Rei Netuno e sua comitiva, a bordo do navio transporte para o batismo dos Expedicionários da FEB pela passagem da linha Equador - Setembro/1944

Figura 15 – Fotografia com o “Rei Netuno - Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

O 2º Sargento João Evaristo dos Santos, natural de Santos Dumont – MG, furriel do II Batalhão do 11º RI, observava a cidade do Rio de Janeiro no início da viagem com expectativa e apreensão. Muitos anos depois a recordação era viva: “ (...) me lembro quando embarcamos para a Itália, tinha companheiro se perguntando se veria o Corcovado de novo. Agente ia indo embora e o Cristo Redentor ia ficando pequenininho, até desaparecer por completo (...)” (COSTA, 2009).

A percepção de muitos expedicionários na viagem foi à existência de dois tipos de exército. O ‘Exército de Caxias’ que ficara no Brasil, com suas instalações inadequadas, um grande rigor disciplinar e com pouca eficácia para o combate. No navio transporte norte-americano General Meighs embarcava o Exército da FEB, influenciado pelo modelo militar ianque, pautado em relações humanas entre oficiais e praças, sendo mais eficiente na guerra (FERRAZ, 2005). Em meio a tanta desconfiança, esses homens partiam para o desconhecido querendo provar seu valor.

2.1.3 - A Cobra vai fumar.

“Toda história guarda em si muitas histórias. Impossível relatar todas elas.” Essas palavras foram registradas pelo expedicionário Leonercio Soares em seu livro *Verdades e Vergonhas sobre a Força Expedicionária Brasileira*, sendo representativo das diversas memórias, crítico à condução da FEB e relatos de sujeitos e situações quem nem sempre apareceram na história oficial como a de Zé dos Bororos (SOARES, 1985). Como dito anteriormente, o tempo vivo da memória transparece nas narrativas dos pracinhas que também se apóiam nos objetos museais (BOSI, 2003). A história oral mantém uma mistura do objetivo com o subjetivo, sendo essencial entender como as experiências do passado são reinterpretadas na memória (THOMPSON, 2006). Para a concepção da exposição, a memória oral é fundamental para a função de intermediário cultural com os visitantes e fundamentação para a formação do conhecimento histórico sobre a campanha da FEB na Europa. A confiança social estabelecida nesse processo museológico entre os profissionais e os veteranos e familiares deve pautar a verdadeira institucionalização do museu (BOSI, 2003).

A curiosidade natural de todo o público ao poder conversar com um ex-combatente é conseguir escutar sua experiência, como foi à guerra, suas dificuldades e histórias. Como citado no início do trabalho pelo historiador Jairo Braga Machado, os protagonistas do conflito, além de serem os testemunhos, são também o patrimônio da FEB. Como os próprios anciãos africanos, os expedicionários formam a narrativa do museu com suas lembranças. Graças a eles, o espaço trás o tempo vivo dessas memórias. Em diversas oportunidades pudemos acompanhar visitas em que, graças à presença de um pracinha, o contato com o público tornou se mais rico, atraindo à atenção de todos pelos detalhes e curiosidade. O museu ganha uma dimensão acolhedora e de diálogo vivo, sem guias e etiquetas. Ouvir e manter uma conversa com um expedicionário forma diversas leituras do acervo e o conhecimento. O conceito essencial da exposição deve ser criar recursos expográficos que possibilitem ter contato com as narrativas dos ex-combatentes.

Existem abordagens que claramente exaltam a FEB e questionam a contribuição dos brasileiros no conflito. Segundo o historiador César Campiani Maximiano, o resultado dessa situação foi que não deram a devida atenção à realidade brasileira vivida pelos expedicionários na Itália. Enviados para um país de clima distinto para enfrentar um inimigo experiente que muitas vezes tinha uma grande vantagem em virtude do terreno montanhoso. O museu deve manter o compromisso de proporcionar uma visão realista da campanha enfrentada pela FEB (MAXIMIANO,

2005). José Maria faz uma análise sobre sua expectativa e trás à tona o sentimento de um jovem enviado para a guerra:

“De certa forma, posso dizer que não houve muita emoção da minha parte. O jovem é aventureiro. Ele não pensa com sentimentalismo. Naquele momento, que foi crucial para todos nós, que foi crucial para todos nós, que tínhamos mais de dezoito anos quando foram convocados os pracinhas, foi uma coisa violenta saber que ia para guerra. Mas a gente sempre adiantava a ideia, a verdade é essa. Sempre pensava: ‘Ah..deixa pra lá! Comigo não vai acontecer acontecer nada. Eu sei me defender’. Esse tipo de coisa. Quase todos os jovens daquele tempo pensavam assim.

Esse modo de conduzir os fatos permaneceu lá na Itália, em muitos momentos. Fosse ainda em acampamento, fosse em linha de frente, fosse em combate. De alguma forma nós, jovens, pensávamos que nada poderia nos acontecer. É claro que havia um certo medo, afinal uma granada que explodisse poderia não nos atingir no ato da explosão, mas disparava estilhaços que não poupariam quem estivesse por perto. Havia o inimigo, que também defendia a própria vida e não hesitaria em matar. Mas o medo de tudo isso era controlado pelo ímpeto da nossa juventude, que nos fazia ir em frente. Nós controlávamos um ao outro. Dizíamos: ‘Olha o que você vai arrumar!’. ‘Não me deixa sozinho não.’” (ROCHA, 2015)

Incorporados ao V Exército Americano, comandado pelo General Mark Clark, a FEB foi inserida em uma unidade que reunia integrantes de diversas nacionalidades como ingleses, poloneses, indianos, neozelandeses, canadenses, argelinos, entre outros (FERRAZ, 2005). Os problemas de organização e treinamento do contingente foram compensados pelo eficiente processo de indução dos soldados, mediante a uma liderança preparada. O êxito da FEB em seus combates é atribuído ao profissionalismo militar, graças à rápida assimilação de conhecimentos e habilidades que capacitaram a tropa. Outro aspecto foi a qualidade dos expedicionários, mesmo com a avaliação negativa dos instrutores norte-americanos da preparação preliminar dos pracinhas, os mesmos os avaliaram como motivados e inteligentes (MAXIMIANO, 2012).

As anedotas e mitos sobre a participação brasileira na guerra são frequentemente observados no senso popular durante as visitas. A exposição deve assumir a postura de questionar supostas justificativas que atribuem o sucesso da campanha brasileira à improvisação, fruto de um “jeitinho”, onde o pracinha superou o inimigo com seu jogo de cintura. Um mito bem difundido é a artimanha para evitar o “pé de trincheira” (o congelamento dos pés). Esses relatos justificam que, ao invés do asseio constante e troca das meias, os soldados da FEB acabaram com esse problema inserindo palha e jornais nas galochas de inverno para proteger os pés. Segundo Campiani, os próprios registros médicos da FEB revelam um número maior de pé de trincheira entre os brasileiros em comparação aos norte-americanos (MAXIMIANO, 2012). A realidade crua do soldado de infantaria brasileiro foi à

escavação de abrigos individuais para períodos estacionários entre ataques. As tarefas de patrulhamento e proteção de posições mais avançadas foram enfrentadas em meio ao nevoeiro das montanhas, a fumaça das explosões, os ruídos ensurdecedores, a baixa temperatura e a neve, o cheiro nauseante de pólvora queimada e todo tipo de odor causado por matéria orgânica em decomposição. Esse era o cenário dos combates (MAXIMIANO, 2005).

A camaradagem citada por José Maria é um traço marcante na narrativa dos expedicionários. Um grupo que enfrenta as mesmas dificuldades e situações agradáveis ou tragédias acaba criando um sentimento de unidade. O combatente busca em seus companheiros algo de uma família que deixou para trás. A parceria é criada na dependência de um colega e na tentativa de ajudá-lo (MAXIMIANO, 1995).

O relato comum e marcante entre os expedicionários durante o período de preparação para a entrada em combate foi a pobreza da população. José Lopes de Oliveira, cozinheiro na CPPI no 11º RI, relata esse contato com os italianos:

“Chegamos lá, logo vimos só pobreza, logo que chegamos no cais do porto, só pobreza, até cigarro eles pedia. Agente fazia, na medida do possível servia, porque não tinha, agente tinha, então dava sobra de comida, alguma manteiga também, eu já ajudei, pacote de manteiga e foi assim.. tanto que eles são gratos à nós até hoje.” (OLIVEIRA,2011).

O início dos combates em linha de frente pode ser narrado pelo diário de guerra do Tenente Ruy de Oliveira Fonseca. A partir de um pequeno cartão com a imagem do Sagrado Coração de Jesus e um desenho da posição em Casa de Guanella podem compor a descrição com o seu registro:

4 de dezembro de 1944, segunda feira
 O Capitão Motta reuniu os oficiais e nos deu ciência do que aconteceu na noite de 2 para 3: a 1ª Companhia, sob o comando do Capitão Carlos Cotrim, que se achava em posição na região de Casas de Guanella, frente a Monte Castelo, após sofrer bombardeio foi atacada – talvez um ‘golpe de mão’ – e, desarmada, abandonou as posições. Por esse motivo ficamos a noite toda prontos para entrar em ação e só não fomos empregados porque o Comando da FEB resolveu tapar a brecha com uma companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, que tem mais experiência em combate. Ótima a solução do nosso Comandante-Chefe! Dessa escapamos... imaginem se nossa estréia no front fosse nessa frente tão agitada!-
 Recebemos cartas da região de Monte Castelo e saímos num jipe, Montanha, Meirelles, Bezerra e eu, para reconhecimento naquela área; descemos das grimpas de Granaglione e, seguindo a estrada, passamos por Porreta-Therme até a ponte de Silla, onde tomamos a esquerda, por outra estrada que, subindo, nos levou a um pase chamado Gaggio Montano. Daí, seguindo por mulateiras, a pé, nos dirigimos até os lugares denominados Vegiuda e Premarola, já meio perto dos alemães. Com binóculos assentados, procuramos

reconhecer os locais que, possivelmente ocuparíamos em breve. Esta operação resultou em nada. Atolamos diversas vezes, pois a lama chegava à altura dos eixos das rodas da viatura; do local onde devíamos fazer a observação, nada se via, a não ser a bruma que, em forte cerração de fim de outono, a tudo cobria. Cansados e elameados de tanto desatolar o jipe, regressamos a Granaglione. (...) Em Granaglione, por volta das três da tarde, soubemos que o Capitão Motta tinha saído para um reconhecimento com o E.M. do batalhão e já caía a tarde quando ele regressou, com a ordem de 'preparar para embarcar, vamos entrar em ação, substituindo uma companhia do 6º Regimento, bem lá na frente, cara a cara com os gringos'.

5 de dezembro de 1944, terça feira

Aqui estamos nós; saímos de Granaglione e atingimos Gaggio Montano, já com a noite. Rodamos mais um pouco e deixamos os caminhões, postando-nos à beira da estrada no meio da mais completa escuridão, quando as viaturas se foram com seus olhos de gato, que mal ou bem difundiram alguma claridade. Ouvíamos ao longe o terrível matraquear da famigerada "Lurdinha" – nome que o pessoal do 6º RI deu à metralhadora alemã – e vez por outra o troar dos canhões.

A tensão era visível e, como se diz por aí, podia se cortar com a faca; ninguém falava com ninguém, todos pareciam concentrados nas ordens que iríamos receber.

O Capitão Motta reuniu os tenentes e explicou que aguardava ali os guias da tropa que estava em linha, para nos conduzir até as posições que deveríamos ocupar e que eram aquelas mesmas onde houvera a debandada e que foram ocupadas pelo 6º Regimento de Infantaria, até o momento em que nós o substituiríamos: Case Di Guanella – tinha de ser! (...)

Recebi minha posição de um tenente que, segundo me disseram seus soldados, tinha sido promovido por ato de bravura de sargento a segundo-tenente (...)

Desmembro o meu pelotão, enviando uma peça de metralhadora para reforço do pelotão do Tenente Meirelles e outra para o Tenente Bezerra, ficando comigo a Seção de Morteiros, com as três peças em posição, tiros regulados pela carta, C. Vitelini, em Lá Cá e em Fornello. – Abriguei-me com os mensageiros ao longo de umaparede semi-destruída e aguardei o amanhecer. Recostado contra as pedras frias, olho, procurando ver na escuridão, os soldados, que também não dormem! Tento relaxar, mas a cabeça não pára: Caase di Guanella, meu primeiro dia no front! – Estou em comando de homens que dependem de mim, que esperam que eu conduza através dos perigos com segurança e habilidade. Assim me ajude, Deus!" (FONSECA,2002).



Figura 18 – Natal de 1944 – Gaggio Montano - Acervo: Diário de Campanha de Ruy de Oliveira Fonseca.

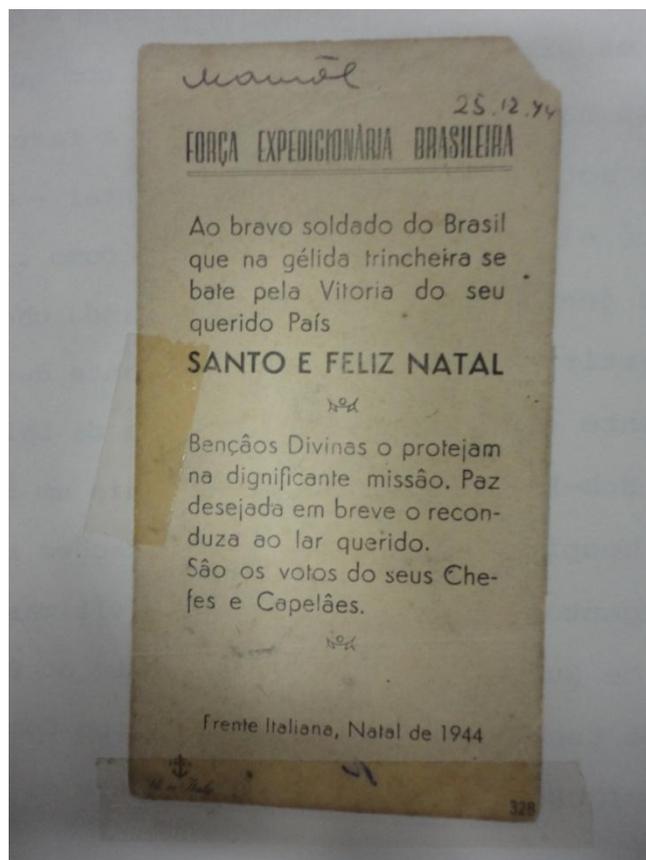


Figura 19 – Mensagem de Natal para os soldados da FEB - Acervo: Diário de Campanha de Ruy de Oliveira Fonseca.

A correspondência entre os pracinhas e seus familiares é um aspecto interessante, pois forma um ambiente afetivo e aproxima o visitante ao real significado de sentimentos como a saudade. Além de uma recordação da luta na Itália, a fotografia também era um meio de enviar notícias para a família e mostrar que estava tudo bem. O soldado Firmo Gomes de Carvalho, natural do distrito de Sobragi, em Juiz de Fora e integrante do 11º RI enviou uma foto para a sua namorada Marina com singelas palavras . As cartas eram um dos poucos, senão o único meio de se comunicar com os expedicionários, em um simples exemplo temos a descrição do cotidiano da pacata cidade mineira de São João Nepomuceno por Alvina Henriques, namorada de José Maria:

Cabo 3560 314 FEB
de: Alvina Henriques
S.J.Nepomuceno/MG

Saudoso Zé,

Tive ontem a alegria louca por receber a sua primeira cartinha, apesar de pequenina. Notícias que muito me alegraram, pois está com saúde e se dando bem aí, e tenho fé na virgem santíssima que dentro em breve voltarás com o “V” da vitória que, tenho certeza, não tardará.

Querido, tens recebido minhas cartas? Porque tenho te escrito a miúdo como também tenho dado aos seus amigos os envelopes de papel já subscritos, de modo que em breves dias receberás muitas cartinhas que, tenho certeza, muito te alegrarão. Tivemos ontem linda festa do rosário, em que um padre descreveu toda a vida de nossa senhora do rosário, que fez muita gente chorar, pois foi de fato comovedor o sermão.

Querido, então já conheces a terra do vovô Ângelo? Sinto também não estar também junto de você nesta viagem maravilhosa que muito aproveitarás, se Deus quiser. Vou dar-te uma grande novidade: o Paulo passou sete dias em Barbacena, na casa do Oscarzinho, ficando assim noivo de Pompéia, ambos estão louquinhos de satisfação. Sabes como é, pois também nós passamos este adorável tempo, que, se Deus quiser, em breve voltará e nós assim ficaremos juntinhos para sempre.

Outra novidade: o casório da comadre Cirene sairá em 20 de janeiro. A minha diversão continua sendo os passeios na casa dos compadres e, de vez em quando, na sogra e na vó. O Mário já foi para a nova morada, não imaginas como a casinha dele ficou.

Também o Binha já arrumou a casa que ele comprou, ficou muito jeitosinha, ambas têm um grande quintal.

Estou te escrevendo da casa dos nossos compadres, ambos estão satisfeitíssimos por receberem cartas suas, e te enviam lembranças. A Neinha te pede a benção. Ela está cada vez mais linda. Como tens passado com o frio? Já recebestes os doces e os biscoitos que te mandamos? Não calculas a alegria aqui, que é geral quando chega uma carta de um de vocês. Quero que, da próxima vez que escreveres, não dê tão pouca notícia como desta vez, sim?

Bem, meu amor, vou parar, pois já falei bastante, não é? Mas ainda me esqueci de uma novidade: O Chiquinho Scapolatempore esteve aqui hoje e eu dei também a ele um envelope para te escrever. Que tal?

Bem... agora vou parar, deixando aqui o meu amor e pedindo a sua benção para a Magali. Meu beijinho para você.

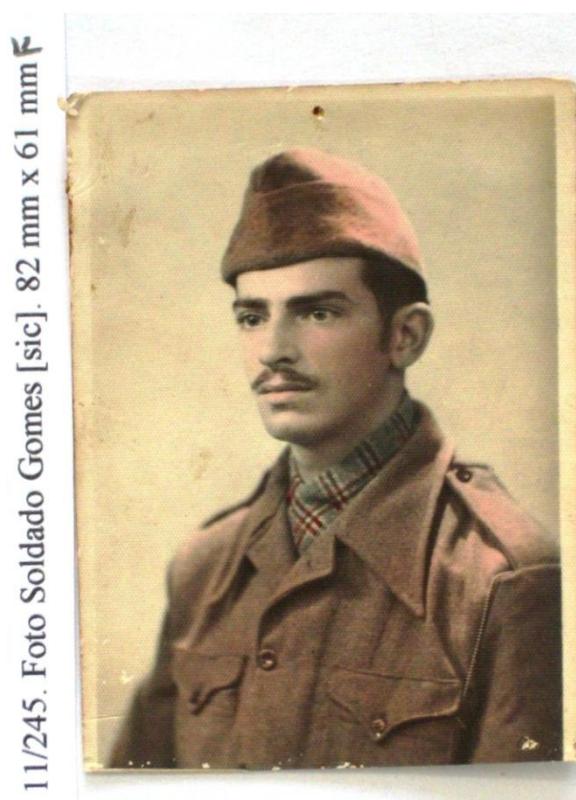


Figura 20 – Fotografia do Soldado Firmo Gomes de Carvalho. Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

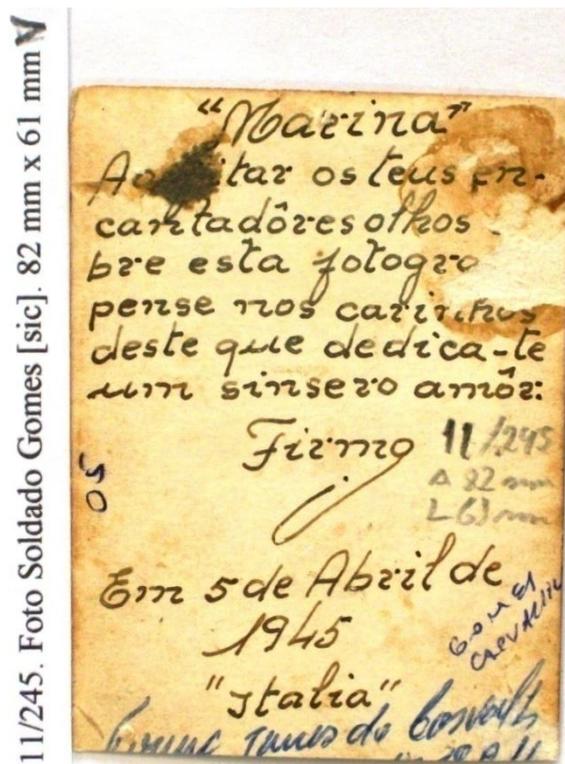


Figura 21 – Mensagem no verso da fotografia. Acervo Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

A exposição sobre a FEB em combate trará objetos pessoais utilizados por alguns expedicionários em campanha. Chama atenção alguns artigos pertencentes ao Sargento Geraldo Teixeira Rodrigues, natural de Além Paraíba- MG, integrante do 11º RI, embarcou no 1º Escalão com o 6º RI para completar o efetivo previsto no navio (COSTA, 2009). Logo após integrou o Pelotão de Sepultamento, criado em 4 de julho de 1944, a unidade foi responsável pela coleta dos corpos que tombaram, o reconhecimento dos indivíduos e por fim, a realização de ritos fúnebres e o sepultamento (PIOVEZAN, 2012). Na doação de seus familiares podemos identificar uma blusa tipo B-1, transformada em tipo D. I., confeccionada pelo Departamento de Intendência, fruto de uma adaptação dos brasileiros na própria Itália em uma tentativa de se aproximar das jaquetas americanas e inglesas. Podemos notar na blusa, o símbolo da Cobra fumando que possui uma interessante trajetória. Após algumas derrotas sofridas na Linha Gótica, o Major norte americano Vernon Walters propôs o uso de uma insígnia para a 1ªDIE. Foi decidida à inspiração na expressão “a cobra está fumando” popular entre a tropa e que remetia ao fato de ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil ir à Guerra. Através de Walters o desenho foi encomendado ao Estúdio Disney, mas o mesmo se mostrou inviável para ser bordado em tecido. Coube então ao brasileiro Ewaldo Meyer, terceiro Sargento, a adaptação ao distintivo, com a fusão das cores da bandeira brasileira e estadunidense (MAXIMIANO, 2010). Em

composição ao conjunto exposto podemos acrescentar objetos do cotidiano do soldado da FEB como o cantil, o conjunto da marmita e os talheres e um pequeno livro intitulado “Manual de Orações do Soldado Brasileiro”.



Figura 22– Marmita de campanha com a seguinte inscrição no verso “EUB” Estados Unidos do Brasil. Acervo: Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.



Figura 23 – Talheres. Acervo: Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.



Figura 24 – Blusa Tipo B1, transformada em tipo D.I. Depósito de Intendência, pertencente ao Sargento Geraldo Teixeira Rodrigues. Acervo: Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

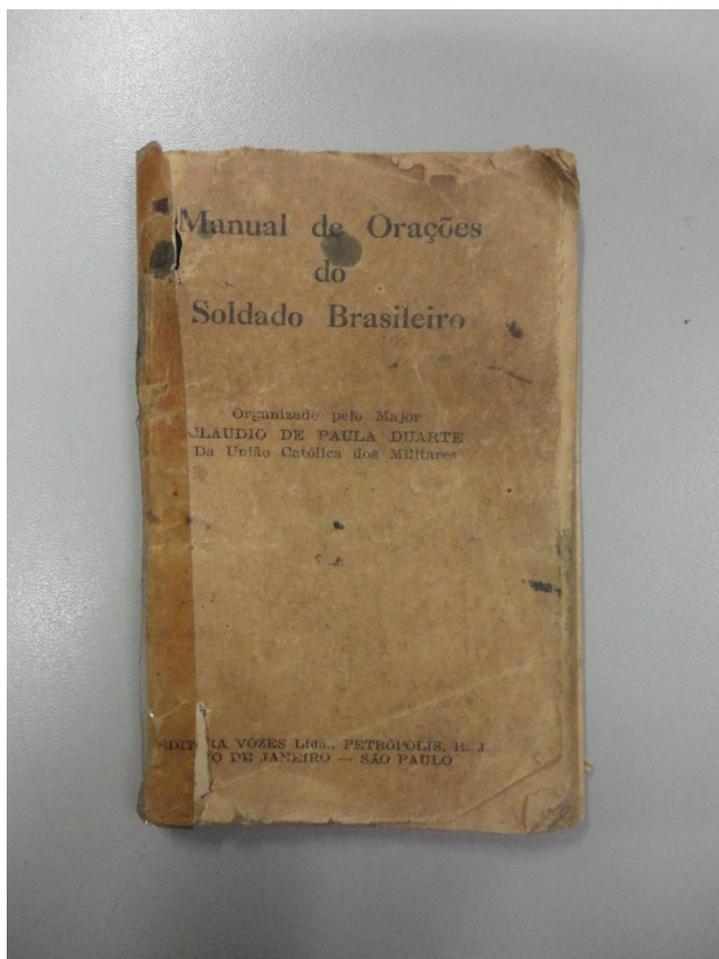


Figura 25 – “Manual de Orações do Soldado Brasileiro”. Acervo: Museu da FEB – Juiz de Fora – MG.

As patrulhas ou a permanência em linha de frente, eram o verdadeiro aprendizado do soldado de infantaria. Um famoso ditado militar afirma que o melhor instrutor é o próprio inimigo, sendo assim, o infante brasileiro foi adquirindo as artimanhas que a guerra exige (MAXIMIANO, 1995). A pintura assinada por V. Zagloba remete ao visitante a interpretação do artista de uma possível ação dos pracinhas. As atividades de patrulha eram ordenadas pelo IV Corpo de Exército passando ao comando das divisões e regimentos, chegando às companhias de fuzileiros. Existiam dois tipos de patrulha: as de combate e as de reconhecimento, a primeira era chamada de “golpe de mão” e visava capturar um ou mais soldados inimigos para interrogatório pelo serviço de informações. As patrulhas de reconhecimento tinham como objetivo esclarecer a situação do terreno e a existência de tropas inimigas, mesmo nessas ações o risco de se deparar com os adversários era eminente. Essas missões ganharam destaque nos relatos dos pracinhas seja pelo medo ou apreensão do desconhecido (MAXIMIANO, 2010).



Figura 26 – Pintura óleo sobre tela, s/título. Autor: V. Zagloba. 95,5 x 62,5 cm. Acervo: Museu da FEB Juiz de Fora – MG.

Em 13 de abril de 1945, o Tenente Ruy comandou uma patrulha para levantamento sobre o inimigo, o diálogo com o quadro proporciona novas leituras e ambiências sobre o tema. Eis o relato da preparação:

13 de abril de 1945 – sexta-feira

Já me adaptei novamente a vida no front e naturalmente, como sou o mais folgado, acabo de receber ordem para me preparar para sair numa patrulha de reconhecimento e se possível fazer prisioneiros. Devo sair com meus homens lá pelas oito da noite e então reúno os que vou levar, para ‘aquela’ conversa e tratar dos preparativos. Um por um se despoja de documentos, carteiras, dinheiro, etc. Entregam tudo a mim, que falo pequenos pacotes com papel higiênico – ele de novo! – colocando o nome. Somente devem levar as placas de identidade (...) As informações que tenho, coletadas por patrulha anterior é que: na região de I Sordi e 659, havia um americano morto; em 612, outro morto parecendo alemão, estava sem roupas. Em Molino Della Riva, há posições tedescas ativas e durante o dia há movimentação nas casa, parecendo alemães trabalhando. Na saída que vai para Molino de La Coveraie, perto da ponte, há um canhão tedesco e um caminhão com material; parecem abandonados. É isso que sei; o resto é com Deus. Vamos lá! A noite é bem escura o que facilita por um lado e dificulta por outro. Junto ao grupo rezo mentalmente o ‘Acciones Nostras’ e dou uma geral verificando o equipamento, o armamento, a munição (principalmente os pinos de segurança das granadas de mão e as travas das armas portáteis, pois estão todas municadas e engatilhadas). São nove horas p.m., como se diz aqui. Texto o ‘hand-talk’ e tudo positivo, demos a largada. Vamos agora! (FONSECA, 2002).

Durante a chamada defensiva de inverno, os combates de movimento eram impossíveis com o mau tempo e a neve. Para conseguirem a captura de prisioneiros nesta fase tinha que ser através das patrulhas de combate. Após esse período (dezembro de 1944 a fevereiro de 1945), foi iniciado o chamado plano Encore com a ofensiva de primavera, onde os Aliados conseguiram completar seus efetivos humanos e materiais para o avanço final ao norte da Itália (MAXIMIANO, 1995). Entre o fim de novembro a dezembro de 1944 foram realizadas quatro tentativas brasileiras de conquistar a elevação do Monte Castelo, com um grande número de baixas e sem sucesso. Cabia então a 1ª DIE, a tomada do monte após o período de inverno. Para isso a tropa realizou treinos com táticas de infiltração para o ataque final. Em 21 de fevereiro de 1945, o Monte Castelo, um fardo para a FEB foi conquistado em uma manobra conjunta com a 10ª Divisão de Montanha Americana, responsável pelo ataque ao Monte Belvedere à esquerda e com o maciço de toda artilharia brasileira e da esquadilha da FAB (FERRAZ, 2005).

Os troféus de guerra representam um pouco dos artefatos militares utilizados por tropas do Eixo em combate com a FEB. O emblemático capacete da Wehrmacht foi utilizado até o final da Segunda Guerra Mundial, tendo iniciado sua produção durante a Primeira Guerra Mundial em 1916. Estima-se que entre 1935 e 1945 foram produzidos cerca de 35 milhões de capacetes em vários modelos. Devido ao seu *design* avançado, ele serviu como referência para diversos países e suas tropas que

atuam em missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU). Outro objeto alemão que pertenceu ao veterano Geraldo Rodrigues, do Pelotão de Sepultamento, trata se de uma bússola germânica em funcionamento. O adversário fascista está representado por uma cobertura de soldados alpinos, tropa oponente aos expedicionários nos Apeninos italianos (10º BATALHÃO DE INFANTARIA, 2011).

O serviço de propaganda de guerra buscava criar um sentimento de ódio em relação ao inimigo e, para os brasileiros, os nazistas tentavam questionar o próprio motivo dos pracinhas estarem nessa guerra ao lado dos norte americanos, visando a rendição dos soldados da FEB. Já os Aliados, incutiam em suas tropas a importância da ofensiva final na Itália como exemplificada pelos comunicados abaixo.

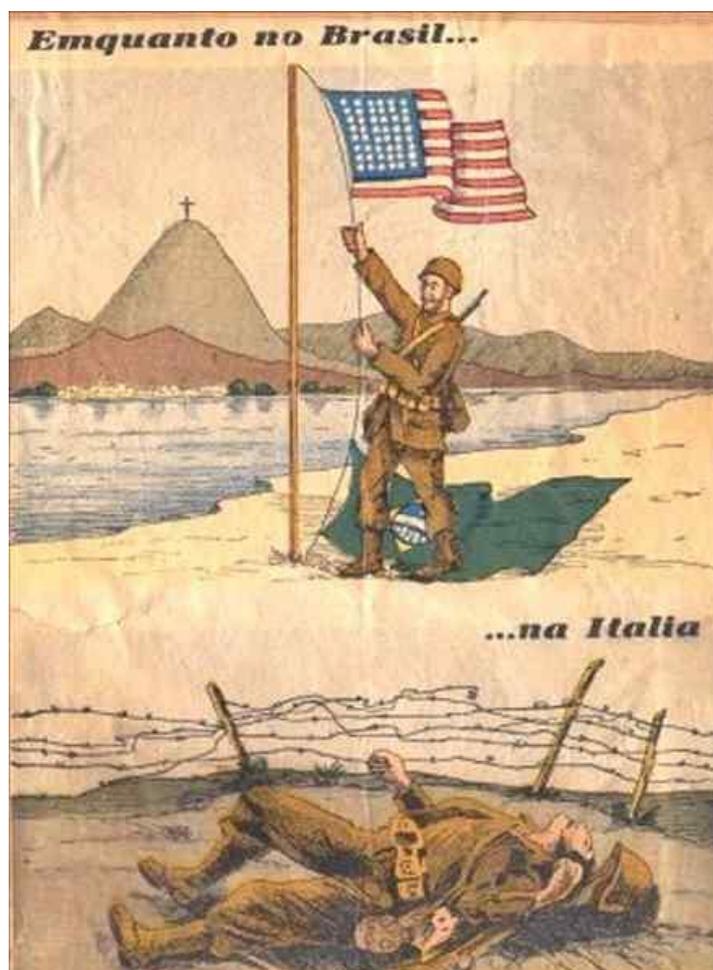


Figura 27 – Propaganda Nazifascista. Acervo: Museu da FEB Juiz de Fora – MG



Figura 28 - Propaganda Nazifascista. Acervo: Museu da FEB Juiz de Fora – MG

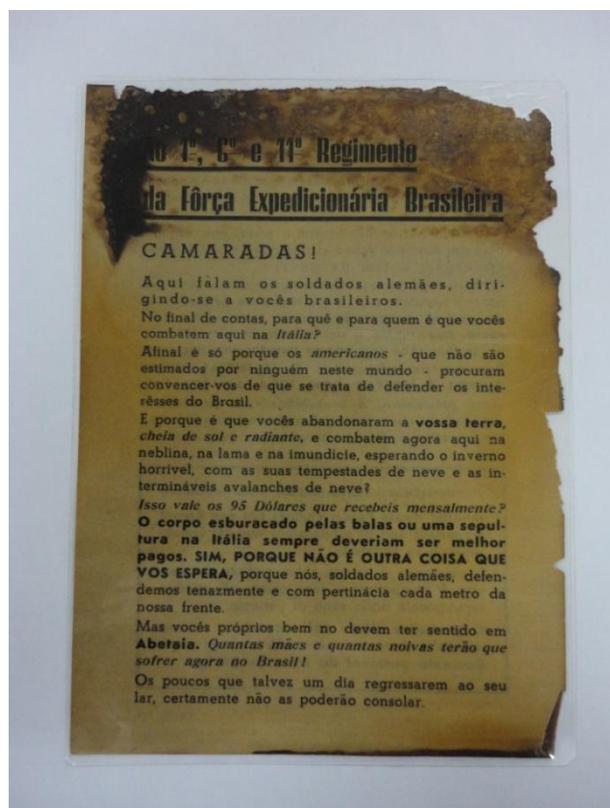


Figura 29 - Propaganda Nazifascista. Acervo: Museu da FEB Juiz de Fora – MG

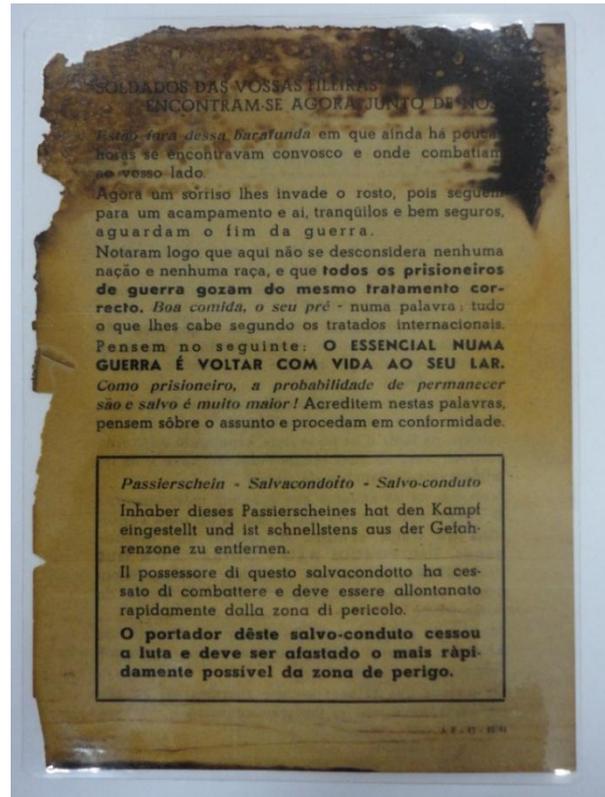


Figura 30 - Propaganda Nazifascista. Acervo: Museu da FEB Juiz de Fora – MG

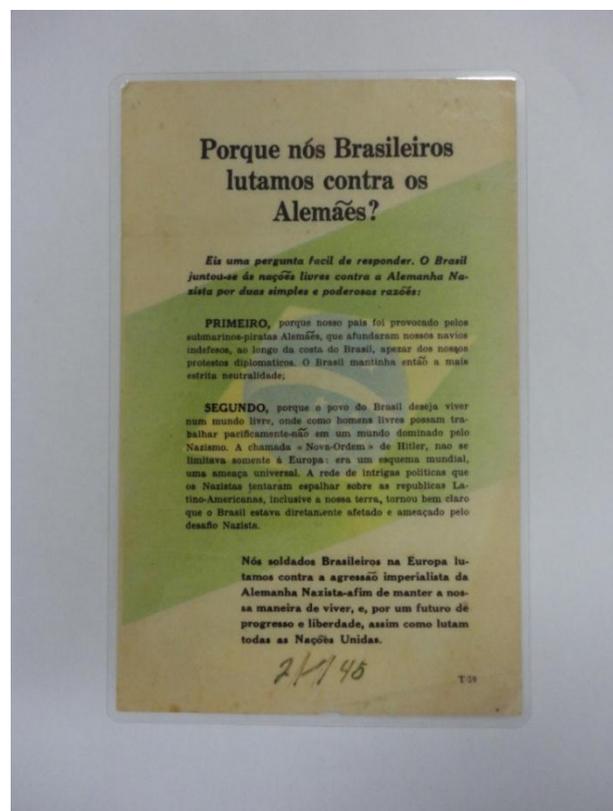


Figura 31 – Panfleto brasileiro. Acervo: Sr. José Maria da Silva Nicodemos.

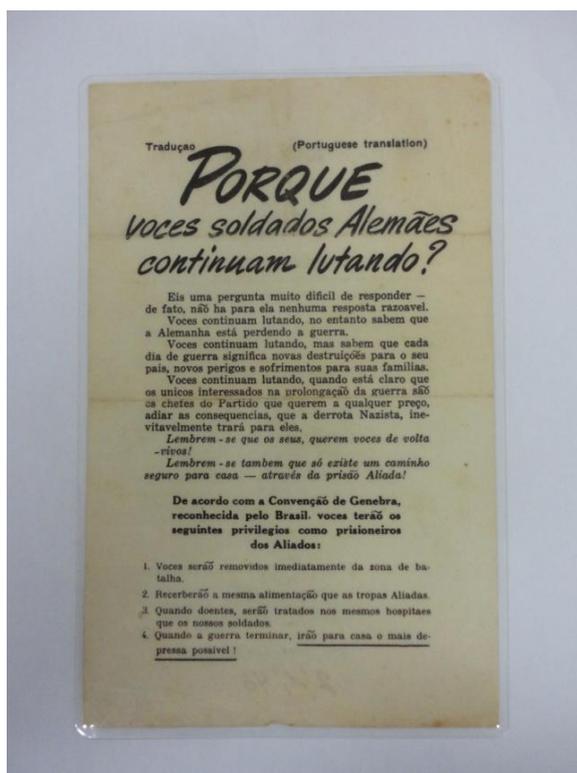


Figura 32 - Panfleto brasileiro. Acervo: Sr. José Maria da Silva Nicodemos.

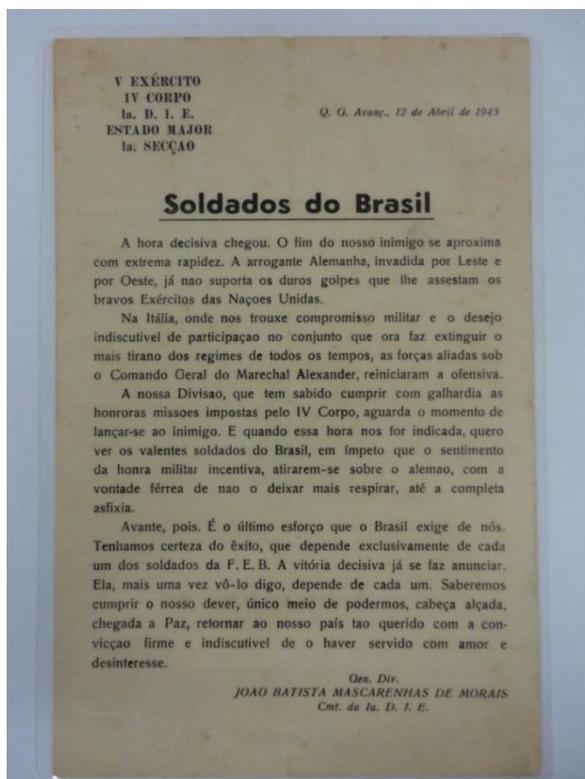


Figura 33 - Panfleto brasileiro. Acervo: Sr. José Maria da Silva Nicodemos.

Na região de Ronchidoso di Sopra, após a tomada do Monte Castelo, uma patrulha brasileira retornou com 18 prisioneiros alemães. Depois de capturados, em sua maioria, os germânicos se prestavam a fornecer as informações requisitadas, um indício de moral baixo. Os brasileiros foram reconhecidos por tratar bem dos prisioneiros, sendo ao corriqueiro, os pracinhas darem cigarros e chocolates ao alemão o que dificultava o trabalho dos interrogadores, pois restaurava a confiança do soldado capturado (MAXIMIANO, 1995). A existência de duas cédulas de marco alemão é representativa desse contato, onde José Maria trás o seguinte relato:

“Ô Humberto, a origem dessas duas notas, do dinheiro, do dinheiro usado na Alemanha naquela época, na época da guerra, eu vou te falar, primeiro você já leu aqui, trata-se de uma nota de 1 marco, que é o dinheiro alemão, então a história original e o porque dela está na minha mão, é rápido... uma manhã tipo, por volta de 08:00, talvez 09:00 horas, retornou as nossas linhas uma patrulha brasileira conduzindo, alguns prisioneiros, se não me falha a memória, o número exato de prisioneiros eram 18, eram 18 soldados alemães e eles saíram, retornaram exatamente na frente da minha posição, numa região, a esquerda de Monte Castelo e a direita de Monte Belvedere, essa região tem o nome de Rochidoso di Sopra, Belvedere já tinha caído na mão dos americanos e Monte Castelo já tinha caído em mãos nossas, mas mãos brasileiras, então esses prisioneiros chegaram, a patrulha deu um descanso para eles, eu me aproximei, aproveito para fazer até uma brincadeira, eu era muito bobo, eu fumava, entende?! Então eu me dirigi a poucos metros, me dirigi ao local e instintivamente tirei um cigarro, ao tirar o cigarro e acender, eu percebi que o soldado alemão ficou me olhando, eu, sem segundas intenções, sem nada, fiz sinal pra ele, ele aceitou, assim que ele acendeu o cigarro, ele enfiou a mão no bolso e me deu a nota, acredito eu, num gesto assim, não é pagamento do cigarro, mas é um gesto assim, recordação, é assim que eu entendi e tive a sorte de guardar até hoje, guardar até hoje, é isso Humberto, são coisas da guerra (...).” (NICODEMOS, 2011).



Figura 34 – Cédula Marco alemão. Acervo: Museu da FEB Juiz de Fora – MG.

O cavalheirismo entre os combatentes era uma atitude rara durante a Segunda Guerra Mundial, sendo assim o bom tratamento dado aos prisioneiros é motivo de orgulho para os pracinhas. Seja na frente russa ou até mesmo na Itália, as atrocidades eram comuns dos dois lados (MAXIMIANO, 1995). Após mais de 70 anos, a recordação do adversário é marcada pelo lado humano, a identificação com o sofrimento comum, “por que do lado de lá tem um grupo de jovens de lá ou vice versa... por quê? 20,21,22,25 anos...”, análise já citada por José Maria. O veterano Joaquim Alves Moreira recorda a barbárie trazida pela guerra e como o sofrimento aproxima neutraliza as “diferenças” entre trincheiras: “O pobre coitado às vezes chefe de família, mataram um lá, foram ver no bolso da ‘coisa’ dele... retrato de duas crianças... é triste, é triste sim” (MOREIRA, 2011). O soldado telefonista Antônio José dos Reis, do 11º RI relata o contato que demonstra o enfraquecimento do inimigo:

“Teve uma vez, eu estava instalando uma linha telefônica, meia-noite, quando eu olho para trás, tinha um alemão, atrás de mim, com um porrete, eu virei pra ele, ele largou o porrete, eu voltei para a companhia e ele veio me acompanhando e eu entreguei ele para o Capitão, tava morrendo de fome, coitado! Pegou um pão com manteiga e comeu.” (COSTA, 2009).

O ataque brasileiro ao vilarejo de Montese, em abril, durante a Ofensiva de Primavera dos Aliados, onde a FEB teve o maior número de baixas em sua campanha (FERRAZ, 2005). O pesado bombardeio destruiu centenas de casas, matando vários civis e combatentes. As fotografias pertencentes ao cabo José Maria dão a dimensão da intensidade e destruição da localidade. A maior concentração de artilharia entre os Aliados no dia 14 é representada por uma cruz feita com os estilhaços encontrados na região. O relato no diário de José Maria compõe o cenário descritivo do combate:

14

Iniciamos o ataque, desde ontem a noite a nossa art. Estava preparando o terreno. Começam a passar os primeiros prisioneiros feitos pela nossa 8ª. Pelo telefone e pelo rádio escutamos ansiosos (sic) os primeiros avanços. Não somos únicos a atirar, o inimigo também está fazendo uma reação jamais esperada, suas granadas felizmente passam sobre nós e caem a nossa retaguarda a pouco mais de 20 metros, é preciso estar atento para não ser apanhado de surpresa fora do abrigo e pedir a Deus que não cai nenhuma em cima (sic) do mesmo porque se isto acontecer adeus, não sobra nem penas. (...) 5 horas da tarde recebemos ordem de avançarmos, o nosso material apesar de pesado será levado a braços. 5 e 15 partimos, já estamos sob as vistas do tedesco, precisamos ganhar a estrada, nosso destino é La Torri, bem, estamos nos primeiros 500 metros da estrada, apesar de ainda estar claro parece que não nos

viram, avançamos mais um pouco e... caem as primeiras granadas a poucos metros a nossa direita, cada um por sua vez se abriga o melhor possível, eu e todos da minha seção graças Deus nos juntamos na valeta debaixo da estrada agora além do forte bombardeio o inimigo atira com suas próprias armas automáticas, estamos detidos, nosso abrigo já não cabe mais ninguém pois a valeta é pequena e todo o pel. se reuniu aí (ao todo 60 homens) enquanto esperamos anoitecer o pensamento é um só: que Deus nos proteja. (...)

Tenho a registrar como nota final desta terrível jornada o comovente e ao mesmo tempo horrorosos gritos e lamentos dos infelizes feridos que não puderam ser evacuados. Bem com a graças de Deus fomos dormir, pois nem pensar e recordar nos era permitido. (COSTA, 2009).



Figura 35 – Fotografia Montese – 15/04/1945 - Acervo: Sr. José Maria da Silva Nicodemos.



Figura 36 – Fotografia Montese – 15/04/1945 - Acervo: Sr. José Maria da Silva Nicodemos.



Figura 37 – Fotografia Montese – 15/04/1945 - Acervo: Sr. José Maria da Silva Nicodemos.



Figura 38 – Estilhaços doados pelo Sr. Giovanni Sulla. Acervo: Museu da FEB – Juiz de Fora – MG

Duas semanas após a tomada de Monte, a FEB concluiu sua campanha contribuindo para o avanço aliado no norte da Itália. Em Fornovo di Taro, os brasileiros foram responsáveis pela rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, composta por 14.779 alemães e italianos (MAXIMIANO, 2012). Em meio às fotografias dos prisioneiros em Collecchio e Fornovo, a exposição pode ser um registro de memórias à margem da história oficial. Dias antes do aprisionamento da 148ª DI, José Maria fez parte de uma patrulha em Neviano di Rossi, próximo a Fornovo. Transportados em alguns jeeps, os expedicionários foram surpreendidos:

“Eu tenho uma passagem, muito importante momentos antes de acontecer... a, como é que fala? De acontecer... a discussão de rendição.. eu fiz parte naquela época 27, 28, 29 de abril por aí sim, eu fiz parte de uma missão de patrulha... motorizada, ou seja, conduzida em jeeps, comandada pelo então 1º Tenente Renato Pitanga Maia, ele era natural da cidade de Barbacena, ele era do 1º Pelotão de metralhadora da minha companhia.. um grande oficial, figura muito

positiva em todos os aspectos... então eu fiz parte de missão de patrulha comandada por ele ... em um desses dias que, eu citei, nós atingimos, nós estávamos numa estrada de chão... em direção ao norte na Itália, a esquerda do rio Pó, em direção ao norte. Nós atingimos um, nessa estrada, uma pequena subida, não era morro com letra maiúscula, era uma pequena subida. Ao atingirmos, ao atingir o cume desse pequeno morro, o tenente Pitanga parou o jipe no qual ele estava sendo conduzido, ele tava na frente né?! Parou, porque digamos assim, não dava pra ver nada do lado de lá, então uma precaução, parou os outros jipes, pararam também e eu estava no último, último jeep, então parei, paramos também. E a curiosidade nos levou a subir o restinho do morro, pra surpresa nossa, a poucos metros na contra encosta, uma estradinha de asfalto, vindo do litoral do mar Mediterrâneo, uma coluna de soldados postulados inimigos né?! Foi muito interessante essa parada, porque se agente vira do lado de lá, nós íamos esbarrar de cara com eles, aí o tenente, pensando qual atitude a ser tomada. A estrada era estreita com meu jeep, não deixava passar nada, veículos, nada, nada. Fez um barulho, na curva vinha da retaguarda, surgiu um jeep brasileiro, com soldado brasileiro, parou exatamente atrás do jeep, no qual eu fazia parte. Imediatamente a parada desse jeep, desses militares brasileiros, eu escutei uma voz, lembro demais, escutei uma voz falou: 'Ô Pereira'. Aquilo pra mim foi um verdadeiro choque, porque Pereira só meus conterrâneos que chamavam de Pereira, porque em razão do nome do meu pai, Pereira. Quando eu olhei na frente ao lado do motorista estava o tenente Elmo Levi de Medonça, 2º Tenente Elmo Levi de Mendonça, filho de dona Paulina Levi de Mendonça, diretora do Grupo Escolar Coronel José Braz da cidade de São João Nepomuceno, ou seja da minha região, grupo escolar esse do qual fazia parte como professora minha mãe dona Teodora Nicodemos, foi uma emoção fantástica da minha parte e do Elmo. Depois daquilo tipo de conversa: Tudo bem? Tudo bem? Tem recebido correspondência, que isso era o natural, eu falei: O que é que ta acontecendo? Ele fazia parte do 6º RI. Ele falou: "Nós estamos numa progressão também de uma patrulha e comandante do meu batalhão, ta logo aí atrás e realmente foi parando mais viatura Major Henrique Oeste, do 6º RI, superior ao 1º Tenente Renato Pitanga Maia, ele assumiu o controle da situação, que já, já o Tenente Renato Pitanga Maia, já tava pensando como informar o Comando né?! E o que fazer conforme a ordem vinda. É, um pouquinho à direita, um pouquinho direita, em cima da elevação, você via uma aldeia típica italiana, que depois agente ficou sabendo, nome e tudo, só que o Major assumiu o comando, nós fomos dispensados. Eu quero dizer, contei essa passagem, agora, não tenho como prová-la, porque oficialmente não tem nada escrito, só dali pra frente ta escrito que o 6º RI através de seu comandante Coronel, comandante é que efetuou o controle da situação e obteve a rendição. Eu já conversei com o Tenente Pitanga Maia que hoje é Coronel reformado entende? Uma única vez que eu encontrei em Belo Horizonte, eu estive na casa dele em Belo Horizonte e toquei nesse assunto, ele fez um sorriso e concordou que foi verdade, não há citação de uma patrulha, 1º Grupamento brasileiro, uma patrulha do 11º RI, comandada pelo Tenente, nada, nada. Mas essa é a verdade, antes de acontecer, logo em seguida, 48 h depois a aceitação da rendição. E foi esse, da minha parte foi o último, praticamente o último contato com o inimigo, da minha parte foi o último." (NICODEMOS, 2011).

O Tenente Agostinho José Rodrigues em sua obra "Terceiro Batalhão - O Lapa Azul" relata a participação de sua unidade nos avanços para o norte, descrevendo a

existência da patrulha comandada pelo Tenente Renato Pitanga Maia da Companhia Assumpção. Ao entrarem em Neviano di Rossi, o Tenente tem a missão de levar uma mensagem e convencer o padre a levar o ultimato de rendição incondicional (RODRIGUES, 1985). Nos registros do comandante do 11º RI, o Coronel Delmiro Pereira de Andrade, em seu livro “O 11º RI na Segunda Guerra Mundial”, o III Batalhão enviou patrulhas até Neviano di Rossi e tomou contato com o adversário em Respício (ANDRADE, 1950). Nessa patrulha, José Maria relata a emoção da notícia do fim da guerra na Itália:

“Dia 02 de maio, por volta de 05 horas da tarde, horário italiano, nessa mesma patrulha, comandada pelo Tenente Renato Pitanga, eu mais um grupo de soldados, ficamos tomando conta de uma pequena ponte, que passava, um pequeno córrego e logo depois desse córrego. Tinha uma vila, aldeia chamada Colomba e o Tenente com os demais elementos da patrulha, tinha penetrado, para verificar o que tava acontecendo, se tinha inimigo ali porque os planos deles era sair da, da extremidade esquerda da região chamada Costa azul italiana que vai até a fronteira da França em direção aquela região chamada, digamos assim, Modena, Monza, entende?! Brescia, Turim dali em direção aos Alpes e cá fora da Itália. Quando nós estávamos ali chegou um mensageiro e nos informou, perguntando pelo comandante e nos informou que cessássemos as hostilidades que tinha havido a rendição não só da 148ª Divisão Alemã, elementos da Divisão Monterosa italiana...General alemão Fretter Pico, General Larone Carloni e então tinha acabado tudo, o Kresseling, Marechal comandante das tropas na Itália, já tinha desistido de continuar. Quando nós recebemos o Tenente voltou, fez a limpeza da vila, não tinha nada, voltou, quando ele chegou o mensageiro informou pra ele. Aí foi uma alegria incontida, eu recorde quem tinha granada de mão, lançou as granadas pra dentro do riacho, quem tinha arma individual, metralhadora portátil, carabina, disparou para o ar, de alegria, confraternização... sem palavras, sem palavras. (NICODEMOS, 2011).



Figura 39 – Fotografia Prisioneiros alemães – Fornovo di Taro – 26 – 04 – 1945. Acervo Sr. José Maria da Silva Nicodemos.



Figura 40 – Fotografia Prisioneiros alemães – Collecchio – 28/04/1945.
Acervo Sr. José Maria da Silva Nicodemos.



Figura 41 – Fotografia Prisioneiros alemães – Collecchio – 28/04/1945.
Acervo Sr. José Maria da Silva Nicodemos.



Figura 42 – Fotografia dos partigiani italianos – Fornovo di Taro – 25/04/1945.



Figura 43 – Fotografia de soldados da África Equatorial Francesa – Exército Francês – 28/05/1945. Acervo Sr. José Maria da Silva Nicodemos.

2.1.4 - A guerra que não terminou

Os últimos módulos da exposição serão dedicados ao pós-guerra dos expedicionários e a sua busca por reconhecimento simbólico concreto do Estado. A proposta será iniciar a narrativa desse período a partir do certificado de reservista entregue ainda Itália como lembrado pelo Cabo José Maria da Silva Nicodemos. O documento é representativo do processo de desmobilização da FEB liderado pelo Ministério da Guerra com o objetivo de enfraquecer a iniciativa daqueles que buscavam apoio dos expedicionários como aliados no enfrentamento aos grupos políticos conservadores e anti- Vargas. Apesar de muitos pracinhas conscritos estarem alheios à política nacional, muitos oficiais febianos faziam oposição ao Estado Novo de Getúlio Vargas (FERRAZ, 2012).



Figura 44 – Certificado de Reservista de um expedicionário.

A composição entre objetos e documentos relacionados à desmobilização da FEB e a formação da Associação (AECB e ANVFEB) tem como objetivo demonstrar como foi esse processo traumático no pós-guerra e a luta das associações como resistência ao esquecimento simbólico e concreto. Além das implicações políticas que culminaram com o fim do regime ditatorial de Vargas é preciso compreender a realidade de centenas de jovens cidadãos- soldados recrutados nos meios civis e que após prestar o serviço militar, voltam ao *status* civil (FERRAZ, 2012). O emprego de rapazes de todos os cantos do Brasil em um conflito armado cobrou um preço elevado para muitos pracinhas. A estafa de combate, atualmente definida como “Síndrome do estresse pós-traumático”, manifestou-se em muitos casos, muitas vezes, anos após a guerra, quando muitos veteranos não tinham mais oportunidade de conseguir um auxílio médico adequado. Somado aos casos de alcoolismo e suicídio, outra consequência do emprego em combate foi a brutalização, ou seja, o abandono de reações e comportamentos considerados civilizados (MAXIMIANO, 2005).

As flâmulas e fotografias são registros do trabalho da Associação para o amparo aos veteranos e seus familiares, como também a confraternização entre os associados. Em cartazes e fotos podemos perceber que o tempo não pode apagar a gratidão e respeito que os italianos mantêm pelos expedicionários após terem libertado sua terra natal. A recordação e compreensão dessa guerra hoje são

materializadas no museu, como simples forma de registro de que eles lutaram. E dignamente.



Figura 45 – Fâmula ANVFEB – Juiz de Fora – MG.



Figura 46 – Fotografia dos Veteranos da FEB no Monumento ao Expedicionário – 08/05/1997.

CAPÍTULO 3

ZÉ CARIOCA RECORDA A GUERRA

3 – Zé Carioca recorda a guerra.

O mês de maio de 2015 chegava com a expectativa das comemorações dos 70 anos do fim da II Guerra Mundial, mas essa não foi realidade vivida pelos veteranos da Casa da FEB do Rio de Janeiro – RJ. As contas bancárias da ANVFEB-RJ haviam sido bloqueadas pela 11ª Vara de Fazenda Pública do Rio de Janeiro, resultado de um embate entre a associação e o governo do Rio para manter sua sede própria na rua das Marrecas no Centro do Rio de Janeiro. O governo do Estado cobra uma dívida de R\$ 1 milhão e 600 mil de aluguéis não pagos nos últimos 13 anos. A direção da instituição rebate, justificando que o terreno fora doado pelo governador Carlos Lacerda na década de 1960, onde foi construído o prédio atual com os cinco andares pelos próprios veteranos.

O Sr. Israel Rosenthal, dentista integrante da FEB, é uma voz presente no cotidiano da agremiação. Durante a cobertura jornalística do imbróglio judicial, Rosenthal foi requisitado para várias entrevistas e chama atenção a declaração registrada: “Chega a me dar lágrimas nos olhos. Estou vendo nossa história, a minha também ir embora.” Podemos claramente inferir que ao falar que sua história está desaparecendo está claramente ligado ao fim da ANVFEB e seu acervo. O museu é um lugar de memória que demarca a identidade desse senhor em laços afetivos que buscam ser preservados após a extinção do grupo.

A ameaça de fechamento da ANVFEB é algo recorrente para os últimos veteranos e motivo de angústia e que só se agravou. O pior havia acontecido em 2008, registrado na ata da Assembléia Geral da associação no dia 30 de abril, o fechamento da Casa da FEB ocorrera devido à sua exaustão financeira causada pelo envelhecimento e redução de seus associados como também à falta de auxílio financeiro. Em janeiro de 2009, a ANVFEB suspende temporariamente suas atividades, mantendo o funcionamento das atividades básicas como a secretaria. A solução negociada de uma doação do acervo da Casa da FEB para o Exército, em específico o Museu Militar Conde de Linhares (MMCL), foi algo cogitado. Segundo a historiadora Patrícia Ribeiro, as negociações foram motivo de divisão entre os associados. Para alguns a doação tratava da única saída para preservar o acervo, já para outros a mudança traria uma descaracterização da Associação enquanto lugar de memória. O impasse levou à não transferência dos objetos e a saída dos membros da antiga direção em maio de 2009 (RIBEIRO, 2010).

Um fato semelhante entre as seções da ANVFEB de Juiz de Fora e da sede nacional do Rio foi a abertura do quadro para novos sócios como meio de sobrevivência da instituição. Ribeiro cita que essas mudanças ocorridas na Casa da

FEB anunciariam novos tempos, onde a morte dos últimos veteranos modificaria o perfil da associação, trazendo repercussões nas disputas memoriais, demonstrando às dinâmicas e transformações inerentes à participação da FEB na Segunda Guerra Mundial (RIBEIRO, 2010). A grande transformação na Casa da FEB iniciou com o apoio e patrocínio de uma empresa (Tecnolach) na revitalização do prédio e no próprio museu da FEB.

A partir das visitas na Casa da FEB percebemos a dispersão do acervo referente a FEB em algumas instituições espalhadas pela cidade, antiga capital federal e centro de formação da FEB. A existência de museus que preservam objetos referentes aos expedicionários demonstra as relações entre a Associação e o Exército. Podemos identificar o Museu Militar Conde de Linhares (MMCL), o Museu Histórico do Exército no Forte de Copacabana e o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM), além de outros espaços em unidades do Exército como o museu do Regimento Sampaio.

O objetivo inicial desta dissertação era pesquisar somente o acervo da Casa da FEB, mas tivemos a oportunidade de ampliar nosso olhar, analisando os significados que são investidos a esses objetos em outras instituições. Como essas coleções são interpretadas e quais as narrativas que são proporcionadas sobre a FEB. Buscamos compreender a relação que torna essas coleções como meio de permanência, mas fruto dos significados investidos no presente.

3.1 – “Porque a FEB é para sempre”: o Museu da Casa da FEB.

A pequena frase no subtítulo faz parte da campanha de sócios da atual gestão da Casa da FEB, sendo significativa a centralidade que o museu ganha no trabalho de preservação da instituição. A iniciativa de buscar o tombamento pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de todo o acervo da instituição, inicia-se como uma medida de defesa do espaço contra o despejo pelo governo do Estado. Em uma sequência de notícias podemos acompanhar ações de membros do legislativo estadual, como o Deputado Dionísio Lins (PP), autor da proposição de um projeto de lei pedindo o tombamento do imóvel da ANVFEB. Na esteira desses acontecimentos, o também Deputado Flávio Bolsonaro “com o objetivo de preservar o museu e o fim dos débitos existentes dos aluguéis”.

No mês de novembro de 2016, a Casa da FEB iniciou o trabalho de inventário de seu acervo para o pedido de tombamento ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O reconhecimento desses objetos como patrimônio nacional, representa não só a manutenção e sobrevivência do espaço, mas também o

desafio de salvar essa coleção do desaparecimento e a transformando em algo representativo de uma categoria social e cultural do passado e presente. A atuação dos dirigentes da ANVFEB-RJ depara-se com uma realidade de uma perda progressiva com as ameaças de fim do quadro associativo e despejo, fatos que legitimam e estruturam as práticas de preservação de um patrimônio representativo de um grupo social de veteranos, agora ampliado pelos familiares e amigos (GONÇALVES, 1996).

Inaugurado em 16 de junho de 1976, o Museu da Casa da FEB sempre foi considerado um dos principais acervos referentes aos expedicionários em todo país. O expressivo número de associados desde a sua fundação e o fato de ser a sede nacional proporcionou a doação e formação de um vasto acervo. A preservação e o extravio sempre coexistiram no museu, já que muitos objetos se perderam no interior da instituição (MAXIMIANO, 2010). Apesar da tentativa de preservação desde a criação do museu, o valor de mercado de objetos referentes à Segunda Guerra é um fato inerente a ideia de formação do patrimônio e suas fronteiras, fazendo parte da natureza desse acervo, sendo um forte motivo para a perda de objetos. O reconhecimento do acervo como bem alienável pode se transformar em uma forma de mercadoria no contexto contemporâneo, trazendo valor aos objetos e tornando os alvos de experiências turísticas. Segundo José Gonçalves, os patrimônios sempre prometem algo mais como a vivência da realidade ausente e nos acenam por meio de seus fragmentos, trazendo sempre uma promessa não cumprida de totalização. Não queremos desqualificar a proposta de trabalho e tombamento do acervo, mas como dito no capítulo anterior e corroborado por Gonçalves, o patrimônio não depende exclusivamente apenas da iniciativa do mercado e decisão política de uma agência do Estado ou de grupos e entusiastas, mas sim da ressonância junto à comunidade (GONÇALVES, 2005).

Entre as atividades essenciais do museu, de preservação, pesquisa e a comunicação, a função de preservação engloba as ações de coletar, adquirir, armazenar, conservar, restaurar e documentar os objetos custodiados. Segundo Ferrez, a documentação de acervos é o conjunto de informações levantadas dos objetos, sendo representados pela palavra e imagem. Também é considerado um sistema de recuperação de informação capaz de transformar as coleções dos museus em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994). Apesar de ter sido realizado um trabalho de conservação dos objetos e montagem de uma nova exposição dividida em várias temáticas, a documentação do acervo não foi contemplada, tendo sido iniciada para o pedido de tombamento ao IPHAN.

3.1.1– O acervo do Museu Casa da FEB: traduzindo a experiência da guerra.

Em uma pequena caixa exposta no museu encontra-se um pouco de terra. Um olhar mais atento para a FEB verá que se trata de uma recordação do Monte Castelo, um símbolo marcado por erros táticos grosseiros de oficiais, falta de apoio logístico e de retaguarda, tendo ainda o agravante de um dos invernos mais severos da década de 1940. Todos esses fatores somados ao sacrifício de centenas de brasileiros estão imersos na recordação dessa localidade (FERRAZ, 2005). Os objetos ao serem investidos de significado, passam a serem instrumentos de reflexões e questionamentos, onde o museu é um espaço e campo para pensar sobre a temporalidade, a subjetividade, a identidade e a alteridade (CÂNDIDO, 1998). Um traço em comum entre os museus da FEB está na coleta de objetos que recordem o passado e tragam o “autêntico” como substituto da experiência perdida (SANTOS, 2008)

A documentação do acervo além de constituir um registro de cada objeto em sua aquisição e estudos posteriores, reunindo dados representa também um maior controle e segurança, controlando os deslocamentos e empréstimos das peças (CÂNDIDO, 1998). Esse trabalho é essencial para a concepção de um museu e suas várias formas de comunicação. Registramos a existência de dois livros de registros do acervo. O primeiro datado intitulado “Livro I”, datado de 16 de julho de 1976, assinado pelo Coronel Adhemar Rivermar de Almeida. Destacamos o registro do trânsito de objetos entre museus de algumas seções regionais, como também doações de veteranos e do próprio Exército, como o Departamento de Material Bélico (DMB). O segundo livro “Listagem de armas e objetos do Museu da ANVFEB – Criada através do levantamento feito no museu da ANVFEB no período de janeiro a julho de 1997”, contém 496 registros de armas e objetos em 250 páginas. Além do número de registro das peças, contém o país de origem e o fabricante quando artigo bélico. Alguns objetos contêm uma breve descrição de sua origem, como exemplo, a bandeira nacional brasileira hasteada diante do Quartel General da FEB na Itália.

3.1.2 - Os embarques – A FEB a caminho dos campos de batalha da Itália.

A exposição divide-se em módulos separados por vitrines horizontais e verticais. Segundo uma sequência cronológica temos objetos que representam as mudanças ocorridas nas Forças Armadas do Brasil com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial, como um capacete de oficial dos anos 1930, fabricado em papelão prensado e couro, contendo uma insígnia do Exército. Esse modelo utilizado na instrução da FEB foi substituído, após a aliança com os EUA, por diversos objetos norte-americanos, representados pelo capacete de aço M1, boné em brim e o chapéu

“Dayse Mae Hat”, usado a partir de 1941 pelos estadunidenses. O conjunto apresenta diversos materiais utilizados no embarque como o uniforme modelo “Zé Carioca” de um oficial. O comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes, tinha visitado com antecedência os campos de batalha com uma missão militar brasileira visando analisar a realidade que seria enfrentada pelos expedicionários na Itália. Mesmo após a sua volta, permaneceu na Europa um destacamento formado por quatro oficiais, encarregado de enviar relatórios e observações referentes às necessidades da 1ª DIE como a preparação de locais de instrução e áreas de acampamento. Os documentos enviados ao Brasil alertavam sobre a importância de uniformes adequados aos pracinhas, pois os utilizados em solo brasileiro eram impróprios para a utilização no teatro de operações italiano. Uma das missões da comissão era esclarecer ao Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, sobre os uniformes e emblemas das tropas inimigas e mesmo com o desenho e preparo de uniformes para a FEB. Eles mantinham uma semelhança com os paramentos germânicos e isso causou uma confusão na chegada com os civis italianos que imaginavam serem prisioneiros nazistas (MAXIMIANO, 1995).

O saco “A” é um objeto marcante nas fotografias do embarque dos expedicionários, representado por um exemplar que pertenceu ao Major Zacharias, era utilizado para carregar o material de uso cotidiano essencial em combate. O “saco B” continha fardas e vestuários para os integrantes que compunham a retaguarda no Depósito de Pessoal. Entre os pracinhas manteve-se o jargão de saco A para os que estavam na linha frente “saco B” para os que operavam na retaguarda (SULLA; TROA, 2005). Muitos dos objetos pessoais são parte de um conjunto de higiene pessoal, um porta cédulas e documentos, cadeado com chave para armários de navios de embarque, estojos de costura e de primeiros socorros.

Engajado em campanha, o soldado de infantaria brasileiro passara longos períodos em abrigos individuais, em longos períodos estacionários entre os ataques, protegidos em pequenos buracos escavados por ferramentas. As atividades desgastantes de patrulhamento e segurança das posições mais avançadas em linha de frente, sob os bombardeios e intempéries, são apresentadas por objetos com a faca de trincheira US M3, alicate para cortar arame utilizado para abrir caminhos em cercas de arame farpado, as placas de identificação com nome, patente e tipo sanguíneo e o conjunto de cozinha com jogo de talheres, marmitta, cantil com tampa em rolha de cortiça e caneco (MAXIMIANO, 1995).

O tempo em que os infantess permaneciam em combate proporcionava um grande desgaste físico e emocional onde o mínimo de conforto significava um melhor desempenho do soldado. O fogareiro de campanha portátil, aceso à gasolina é

representativo do valor das refeições regulares e quentes. Nos quartéis brasileiros, as rações servidas aos praças era fruto de muitas críticas daqueles que ingressavam no serviço militar. A alimentação mal preparada e às vezes estragada era baseada no arroz, feijão e carne seca e o raro capricho no preparo dependia muito da dedicação e habilidade das equipes de cozinha (MERON, 2012).

Ao iniciarem a viagem os expedicionários experimentaram as soluções na alimentação servida aos militares. Diariamente eram fornecidas pelos menos três refeições principais em três formas diferentes. As pequenas caixas de papelão acondicionavam uma refeição, podendo ser o *breakfast* (matinal), *lunch* (almoço) e *dinner* (jantar), contendo, normalmente, uma mistura de ovos ou verduras, um doce de fruta, uma bebida em pó como café, limonada ou chocolate, torrões de açúcar, dois biscoitos, chicletes e cigarros. Da mesma forma que a primeira opção, a ração C também atendia à necessidade de se manter alimentos bem preservados e de fácil transporte pelos combatentes, fornecida ao par sempre uma das três variações, onde uma continha o feijão branco com carne, carne com batatas amassadas ou carne com um *mix* de verduras e a última era recheada com chicletes, bolachas, balas, bebida em pó, açúcar e, por ventura, cigarros ou papel higiênico. A última opção servida em cozinhas de campanha era as mais apreciadas pelos expedicionários. Preparada com ingredientes como carnes congeladas de aves, boi e porco, pães, geléias, manteiga, verduras e legumes desidratados, ovos, leite em pó, além de sucos, etc. (MENON, 2012).

A realidade da alimentação dos expedicionários em campanha foi a composição de uma dieta mista, com as rações norte americanas e alimentos brasileiros. Todo o material deveria ser fornecido pelos EUA, exceto o equipamento individual, as placas de identificação e o fardamento (OLIVEIRA, 2016). Embora considerado de boa qualidade, o modelo “Zé Carioca” (B-1) não era adequado ao inverno europeu. Já no fim do outono, os soldados abrigados nas posições mais avançadas penavam com o frio. Nessas condições, o Exército norte americano forneceu suas jaquetas de campanha (“*Field jackets*”) e quando não eram suficientes, recorriam aos casacões e cobertores de lã, esse último era muito utilizado como poncho (MAXIMIANO, 1995). A mudança no uniforme pode ser notada na composição do manequim de um soldado de Infantaria da FEB, vestido com a jaqueta B-2 norte americana, equipado com o capacete de aço M1, bolsa para munição, cantil, faca de trincheira M3, armas leves e uma bazuca M9A1 (60 mm). Segundo a etiqueta, esse equipamento era utilizado em missões de linha de frente como ataque a posições defensivas, casamatas, veículos de pequeno e alvos de curta e média distância.

A comunicação era essencial entre as frações da tropa, no caso da 1ª DIE, para o êxito nas operações seja em combate ou na retaguarda. Visando demonstrar a importância das comunicações durante a guerra, foram reunidos objetos como o telefone de campanha EE-8-A, utilizado em frentes de combate pela FEB, um decifrador de mensagens M209-B com caderneta para anotações, o aparelho de telegráfo TG-5-B, utilizado para a transmissão de mensagens em código Morse, microfones usados por operadores de centrais telefônicas. Em um conjunto de uma desenroladeira manual para fios de telefone, ferramentas e perneiras em aço, podemos notar o árduo trabalho dos soldados que interligavam o comando aos postos de combate.

Além da alimentação, treinamento e um bom armamento, o outro aliado do soldado era a fé. A religiosidade era demonstrada em diversas oportunidades e situações pelo pracinha brasileiro. Os relatórios individuais do Pelotão de Sepultamento apresentam os objetos que eram levados pelos combatentes durante os combates. Rosários, crucifixos, medalhas de santos, orações tornaram se elementos de devoção do soldado perante os momentos de tensão e medo da morte (PIOVEZAN, 2012). Essa relação é apresentada aos visitantes por diversas recordações como a imagem de Nossa Senhora das Graças trazida da Itália pela Capitã Enfermeira Olímpia de Araújo Camerino, que permaneceu durante à guerra na capela do hospital em Livorno. Durante a campanha, materiais foram criados e adaptados para as circunstâncias em que viviam os combatentes, como o Manual de Orações do Soldado brasileiro. A proximidade dos capelães com a tropa era facilitada pelo missário baú, carregado em uma mala em madeira e sua toalha, solução providenciada pelas tropas brasileiras durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Outros artigos que recordam as cerimônias religiosas podem ser identificados como um vidro utilizado para armazenar água benta e escrituras de missa em latim. A inserção dos capelães na FEB exigiu uma preparação como sacerdote/soldado com práticas e uniforme idênticas aos demais militares, possuindo veículos de transporte, como a flâmula da viatura do Capelão Urbano Rausch, integrante do 3º Batalhão do Regimento Sampaio (1º RI) (PIOVEZAN, 2012). Os objetos de assistência religiosa e médica, como peças de enfermeiras foi acrescentado de uma peça artesanal em formato de uma cruz, feita com material bélico retirado em escavações na região do Monte Castelo e condecorações. A composição desses objetos nos remete ao alto “preço” cobrado à humanidade em uma guerra e sua demanda por socorro e preces, sofrimento causado pelos engenhos militares, vide a cruz feita de estilhaços.

Na mesma estante referente ao Serviço Religioso da FEB, podemos observar um pequeno retalho listrado com a inscrição de um triângulo vermelho invertido e o

número 3838. Segundo a etiqueta trata se de um fragmento do uniforme utilizado por judeus nos campos de concentração da Polônia. Segundo o funcionário do museu, o objeto foi recebido em uma doação de um colecionador. Apesar do ruído de comunicação na exposição, o pequeno pedaço que demarca a barbárie onde um prisioneiro teve sua identidade reduzida à um número. Quem seria essa pessoa? O certo é que esse simples retalho pode proporcionar novas interpretações e abordagens na exposição.

A estrutura da 1ª DIE não previa a existência de hospitais para operar junto de sua organização militar. Em sua estrutura estavam determinados apenas os serviços de transportes e tratamento dos feridos a serem encaminhados para a retaguarda. As seções hospitalares brasileiras eram órgãos não divisionários anexados aos hospitais norte americanos. O Serviço de Saúde foi organizado durante os preparativos de embarque da FEB, composto por 1369 membros distribuídos entre médicos, farmacêuticos, dentistas, enfermeiras, sargentos, enfermeiros, administradores, cabos e soldados. Existiam 4 seções hospitalares, denominadas S1, S2, S3 e S4, além desses, os serviços médicos não divisionários eram integrados pelo Posto Avançado de Neuropsiquiatria dos Grupos hospitalares e do Serviço de Prótese Dentária e o Batalhão de Saúde. Os grupos hospitalares formados por equipes médicas e cirúrgicas foram distribuídas pelos hospitais como o Hospital de Estacionamento (*Station Hospital*). Como exemplo, o 7º Station de Livorno, local que abrigava a imagem católica descrita anteriormente, funcionava no atendimento aos doentes e feridos dos hospitais de evacuação e de campo, após o tratamento inicial (RIGONI, 2010).

A recuperação dos feridos e doentes depende não só da qualidade do pessoal do serviço médico, mas aos medicamentos modernos para a época. Na vitrine do Serviço de Saúde da FEB podemos observar os *kits* de emergência para viaturas militares e o *kit* individual para os soldados, afixado em seu cinto de campanha, além de bandagens para tipóia, torniquete e um tampão com pomada para tratamento de ferimento nos olhos. A importância da imunização de doenças entre os combatentes, como o tétano, tifo, exantemático, varíola e febre amarela, está ressaltado na ficha de imunização exposta. Um conjunto composto de seringa e uma injeção de morfina, anestésico aplicado muitas vezes na própria linha de frente. Outros medicamentos bem difundidos foram a sulfa e penicilina (RIGONI, 2010).

O Tenente Israel Rosenthal, formado em Odontologia em 1943, integrou a FEB como aspirante do CPOR (Curso de Preparação de Oficiais da Reserva) em 1944. Membro atuante com seus relatos sobre o seu trabalho no atendimento em uma barraca de campanha sem água corrente e utilizando uma broca movida a pedal. Hoje,

os objetos referentes a esse improvisado consultório odontológico ao soldado brasileiro estão expostos no museu.

3.1.3 - Os souvenirs de guerra: as representações dos inimigos e aliados.

O museu preserva coleções bem heterogêneas, contendo objetos originais e réplicas. Podemos analisar uma grande parte desse acervo pela tipologia dos *souvenirs*, seja da própria FEB ou da FAB, inimigos e aliados. Esses objetos são a essência tangível de uma experiência do passado, tornando-se testemunhos e imersa em um sentimento nostálgico (TEIXEIRA, 2011).

A proposta de exposição é uma forma de leitura, sendo uma construção limitada e parcial (CÂNDIDO, 1998). Qual são as leituras e representações feitas aos inimigos nazi fascistas? Foram raras as informações com relação à origem e procedência dos objetos dessa coleção, mas presumo que muitas peças foram doadas ou adquiridas em localidades fora do teatro de operações italiano, como as insígnias da tropa alpina nazista Edelweiss que não esteve presente na Itália. Muitos desses *souvenirs* podem ter sido retirados dos próprios depósitos nazistas, como condecorações que nem foram entregues.

Em um conjunto com diversos objetos utilizados em campanha pela *Wehrmacht* (Forças Armadas Alemãs) durante a guerra, podemos observar que no período anterior à Segunda Guerra o governo brasileiro adquiriu vários artigos militares da Alemanha, como um conjunto de bússola e medidor de ângulo, utilizado pela FAB no Rio de Janeiro e o próprio fuzil alemão Mauser.

A coleção referente às tropas alemãs demonstra o respeito e elogio que os membros da FEB sempre registraram ao soldado alemão e sua perícia. Em 1944, a Alemanha já vivia a situação de uma derrota eminente. A ofensiva aliada de bombardeios refletiu na diminuição da capacidade industrial, afetando o equipamento e armamento de seu exército. Havia uma clara piora da alimentação dos combatentes e no próprio uniforme com menos lã na versão M43, substituído por uma maior porcentagem de material sintético. O próprio armamento era mais rústico, priorizando o aumento da quantidade de produção em detrimento do acabamento e a qualidade. As longas botas de marcha se transformaram em borseguins com perneiras em lona, com o objetivo de economizar couro. Apesar dessas condições adversas, o esquecimento alemão era bastante resistente e funcional (MAXIMIANO, 1995).

A FEB enfrentou 09 divisões alemãs, um corpo de pára-quedista blindado e 04 divisões italianas durante a sua campanha. As unidades germânicas eram a 42ª Divisão Jaeger (Ligeira), 114ª Divisão Jaeger (Ligeira), 29ª Divisão Panzer Grenadier

(Divisão Falcão), 90ª Divisão Panzer Grenadier, 94ª Divisão de Infantaria, 148ª Divisão de Infantaria, 232ª Divisão de Infantaria, 305ª Divisão de Infantaria, 334ª Divisão de Infantaria e o Corpo de Paraquedistas Blindado “Hermann Goering”. Já as unidades fascistas foram representadas pela 4ª Divisão Bersaglieri “Itália”, a 1ª Divisão Alpina “Monterosa”, a 3ª Divisão de Infantaria Naval “San Marco” e a 2ª Divisão Corazzata “Littorio” (BASTOS, 2005).

Apesar da carência do apoio logístico da Wehrmacht em comparação aos Aliados, segundo Campiani, em um comparativo das armas de infantaria podia se falar em igualdade entre as tropas ou até em superioridade alemã. Como exemplo no museu, a metralhadora MG-42, com capacidade de disparo de 1200 tiros por minuto. Grande vilã dos brasileiros, os disparos da MG-42 eram tão contínuos que se assemelhavam ao som de uma lona grossa se rasgando. Fabricada a partir de 1942 pelos arsenais do III Reich, foi apelidada pelos pracinhas de “Lurdinha”, outros assim chamavam a submetralhadora MP40 (MAXIMIANO, 1995). Além da submetralhadora Bergman MP34, o museu possui três modelos do fuzil Mauser Kar 98 (1938, 1943 e 1944), produzido pelos alemães nas duas guerras mundiais. O Mauser foi utilizado por mais de 60 países, sendo que o Brasil importou mais de 100.000 fuzis que equiparam suas Forças Armadas até a década de 1960. Além de modelos da pistola Luger P-08, calibre 9 mm, Walther P-38, resultado de confraternizações dos soldados brasileiros com o inimigo rendido, muitos outros troféus de guerra podem ser encontrados como a condecoração Cruz de Ferro, uma bandeira nazista recolhida no dia 01/05/1945 em Alessandria, um busto de Hitler (reserva técnica) e os capacetes *Stahlhelm*, modelos M 1935, M 1940, M 1942, M 1944, destaque para o último exemplar encontrado em escavações na Itália em 2011 na região do Monte Castelo.

3.1.4 - “Crer, obedecer e combater”: o Fascismo.

O cenário encontrado pela FEB na Itália era trágico, um verdadeiro caldeirão, como define o historiador Fernando Lourenço Fernandes, devido os vários conflitos, contradições e ódios exacerbados. A queda do ditador Mussolini, em julho de 1943, trouxe um armistício com os Aliados e um novo chefe de governo, o marechal Pietro Badoglio. Preso por ordem do rei Vittorio Emanuele, o líder fascista foi socorrido e libertado por um grupo de forças especiais aerotransportadas alemãs em Campo Imperatore, nas alturas do maciço do Gran Sasso e conduzido para Viena e depois para a Alemanha. Apoiado pelos nazistas, Benito Mussolini anunciava a restauração do fascismo com a criação da República Social Italiana (RSI), a República di Salò (FERNANDES, 2009).

Após três anos de conflito e a esperança do armistício, o povo italiano enfrentava novas provações em uma guerra civil. Eram diversos embates e forças, composto pela resistência antifascista e democrática, das alas mais radicais da esquerda à insurgência cristã, a RSI, a ocupação nazista no norte do país, a luta pela libertação das forças aliadas e o regime monárquico de Brindisi ou “Reino do Sul”. Todos esses grupos se preparavam para os próximos lances de uma guerra particular de guerrilhas à reorganização das tropas (FERNANDES, 2009).

O ministro militar de Mussolini, o marechal Rodolfo Graziani, obteve o apoio germânico para a instrução na Alemanha de quatro divisões de infantarias, além da organização interna de dispositivos paramilitares. A situação de descrédito das instituições formais da Itália é demonstrada pela 10ª MAS (Regia Marina), cujo distintivo encontra-se no museu, fora encontrada pela RSI, formada pelo príncipe e comandante Junio Valerio Borghese, atuava com grande autonomia e apoio alemão, como também os partigiani ao controle político de Badoglio e o rei (FERNANDES, 2009).

Em um gorro a águia fascista, o lenço em homenagem ao *Duce* e uma medalha com o lema “Crer, obedecer e combater” são alguns dos objetos representativos do Exército italiano. Esse último *souvenir* é identificado como tendo sido utilizado por tropas Bersaglieri e apreendido em Fornovo. Como identificado anteriormente, os expedicionários tiveram 4 divisões da RSI como adversárias. A Monterosa e San Marco, preparadas dentro dos padrões rigorosos e armadas pela *Wehrmacht*. A primeira delas foi enviada para a Itália na mesma época em que o 1º Escalão da FEB chegava a Nápoles, a San Marco fora logo depois. A Monterosa continha 19500 homens, enquanto a Littorio com 18550 e as demais em torno de 15 mil membros. A 1ª Divisão Alpina Monterosa contava com dois regimentos de infantaria ou de alpini, ou mesmo de bersaglieri, cada um destes com três batalhões sendo cada um destes formado por três companhias de fuzileiros, uma de petrechos pesados e uma como companhia de comando. O batalhão ainda mantinha uma companhia anticarro e um grupo de unidades menores, além do terceiro regimento de artilharia divisionária, uma unidade de reconhecimento motorizado, à qual se vinculava a seção antiaérea e mais batalhões de comunicações, transporte, saúde, intendência e uma banda de música (FERNANDES, 2009).

A San Marco era na maior parte formada por voluntários aderidos na própria Itália e um número expressivo de oficiais e graduados da 10ª MAS incorporados na Alemanha e ex-milicianos, vindos dos “Camisas Negras”. Já a Monterosa, era composta por cerca de um quinto de seus homens e quase a totalidade dos oficiais eram advindos dos campos de concentração de prisioneiros após o armistício e o

restante egressos do recrutamento das classes de 1924-1925. O armamento da Monterosa era composto de um milhar de metralhadoras pesadas e leves como a MG – 42 e o fuzil – metralhadora Breda. A submetralhadora italiana Beretta, modelo 1942, 9 mm, exposta no museu, vem talhada em sua coroa de madeira uma inscrição que fora aprisionada de um sargento alemão no dia 24/12/1944. Essa metralhadora de mão foi fartamente distribuída aos membros da Monterosa, além do Mauser, calibre 7,92 mm. A 148ª DI rendida pela FEB fora reforçada pelas divisões Monterosa e San Marco. A Divisão Itália foi a última, das quatro adestradas pelos alemães (um total de 44 mil recrutados), a entrar na península em dezembro de 1944. Considerada uma exceção diante as outras três, foi tida como a mais fraca e menos motivada e coesa, faltando até armamentos para os seus integrantes (FERNANDES, 2009).

3.1.5 - Irmãos de Armas: a FEB e seus aliados.

Na vitrine com o título “Exército Brasileiro” encontra-se uma fotografia de janeiro de 1945, segundo a legenda trata-se de indianos, brasileiros, norte americanos. A integração da FEB no esforço aliado em território italiano tem um aspecto de relevância na exposição, tanto quanto os inimigos. O V Exército norte americano, contingente no qual os brasileiros iriam ser integrados, uniu forças militares vindas de vários lugares do mundo. Entre os combatentes de 16 nações, podemos destacar a única Divisão negra norte americana (92ª DI), a primeira Divisão Nipo americana, poloneses, neozelandeses, ingleses, regimentos coloniais de mouros argelinos, marroquinos sob o comando de oficiais franceses, indianos, palestinos, canadenses e agora os brasileiros (COSTA, 2009). Conjuntamente com o VIII Exército Inglês estavam vinculados ao XV Grupo de Exércitos, comandado pelo general Alexander, por fim subordinado ao Quartel general aliado em Argel com Eisenhower como comandante (FERNANDES, 2009).

Ao lado da bandeira nacional que fora hasteada no QG da FEB está o distintivo de braço usado pelos soldados do V Exército, formado pela mesquita azul referente à cidade de Oujda, no Marrocos, em 05 de janeiro de 1943. A letra A representa a palavra Army (Exército) e o numeral indicativo da tropa (10º BI, 2011). A integração dos expedicionários trouxe a distribuição e o contato com o fuzil norte-americano Springfield M1903, esse distribuído em maior número e o automático Garand modelo 1935, entregue somente aos sargentos e oficiais febianos, ao contrário dos próprios norte americanos e partigiani. Outros exemplares presentes na coleção são a metralhadora Browning M2, calibre .50 (12,7 mm), a Browning M1917/M1919, calibre .30 (7,62 mm), sendo a primeira versão refrigerada à água (M1917) e a ar o modelo

M1919, a submetralhadora Thompson e as peças de apoio: o morteiro leve M60 (60 mm) e o M80 (81 mm) (FERNANDES, 2009).

Os ingleses são recordados em um conjunto de *souvenirs* que representam o esforço de guerra em um dos países mais afetados pelo conflito. A dura realidade da população inglesa pode ser percebida por réplicas dos manuais de instruções em emergência de guerra e utilização da máscara de gás. O esforço do VIII Exército Inglês na guerra da península itálica em um diálogo com a participação da FEB, é demarcado pela insígnia da unidade, equipamentos como um facão de mato dobrável, encontrado com um soldado inglês do VIII exército morto próximo a Bolonha, o capacete de aço modelo MKII, conjunto de campanha para alimentação do capitão J.S Holland e armamentos como revólver L.Gasser, pertencente ao mesmo capitão, a submetralhadora sten MKII, cal. 9 mm e a medalha de campanha britânica "Itália star" concedido aos soldados britânicos que participaram da luta em território italiano.

3.1.6–Senta a Pua!

O avestruz desenhado em uma placa de madeira é um símbolo inconfundível do I Grupo de Aviação de Caça Brasileiro. A Força Aérea Brasileira foi criada em 1941 e logo de cara teve o desafio de se modernizar para o patrulhamento da costa brasileira em busca de submarinos do eixo. Muitos dos museus da FEB se limitam a traduzir o esforço de guerra brasileiro à participação da I DIE, fato que não se repete na Casa da FEB com a inclusão na exposição do I GAvC (NETO, 1995).

Além do 1º GAvC, liderado pelo comandante Nero Moura, vinculado à Força Aérea do Exército do EUA (350º Grupo de Caça e XXII Comando Aéreo Tático), também foi criada a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), subordinada à artilharia da FEB. Outro ícone da FAB na guerra foi o caça norte americano P-47 Thunderbolt, com o peso máximo de 8,8 toneladas, velocidade máxima de 690 Km/h e armamento de oito metralhadoras pesadas, calibre. 50. Reproduzidos em um painel com o D – 4 do aviador Rui Barbosa Moreira Lima, os P-47 brasileiros atacaram alvos, tanto na linha de frente como nos meios de abastecimento da tropa, como caminhões, locomotivas e vagões, pontes, depósitos de combustível e de munição. Apesar de serem raros os aviões da Luftwaffe na Itália, o risco da artilharia anti-aérea alemã era eminente, resultando em baixas no esquadrão, como podemos perceber pelos estilhaços do motor de um avião abatido pelos inimigos no dia 15/02/1945 e partes da fuselagem de um P-47 da FAB abatido em janeiro de 1945 e encontrado em escavações na cidade Piacenza. O avião era pilotado pelo 1º Tenente Josino Maia de Assis, logo após feito prisioneiro pelos alemães, sendo libertado posteriormente pelos Aliados na Alemanha (NETO, 1995).

A experiência de voo e guerra no litoral brasileiro contribuíram para o bom desempenho de nossos aviadores no apoio aos homens da FEB em ações como na quinta tentativa de tomar o Monte Castelo. Reconhecidos pelos norte americanos aos quais estavam subordinados, a participação do Senta a Pua! é destaque com a réplica de um oficial do 1º GAvC e objetos utilizados em missões como o gorro, fotografia aérea da região de Bolonha, planilha de coxa e uma bússola de pulso (FERRAZ, 2005).

3.1.7- Os lugares de memória do Exército: o discurso sobre a FEB.

As diversas unidades militares no Rio de Janeiro que compuseram a FEB, como o antigo Regimento Sampaio, guarda vários objetos sobre a campanha na Itália dos expedicionários. Ao assumir o papel de guardião do tempo, as Forças Armadas constroem sua história linearmente, através de suas vitórias, narrando o passado em seus monumentos e garantindo o seu lugar no futuro da nação em uma sequência desta história (MAUAD; NUNES, 1999). As coleções museais espelham a cultura material do Exército armazenada, sendo as exposições, permanente ou temporária, os principais meios de transmitir esse passado ao público. Longe da neutralidade, as coleções desses museus militares são frutos de escolhas possíveis de uma interpretação da instituição, onde a realidade representada nos lugares de memória nunca será uma reprodução do vivido (TEIXEIRA, 2011). Buscaremos agora analisar a formação de dois museus e o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM) e as narrativas surgidas sobre a Força Expedicionária Brasileira.

3.2 - Museu Militar Conde de Linhares

O Museu Militar Conde de Linhares (MMCL), localizado no bairro de São Cristóvão na cidade do Rio de Janeiro-RJ, tendo sido criado em 12 de outubro de 1998. Vinculado ao Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana e à Diretoria de Assuntos Culturais, o museu funciona em um edifício inaugurado em 1921, onde funcionaram algumas unidades militares ao longo do século XX. A instituição recebeu esta denominação em homenagem a D. Rodrigo de Souza Coutinho (1755 – 1812), político português, integrante da Corte lusitana vinda para a colônia brasileira em 1808 (MHEx/FC, 2009).

Atualmente, o museu mantém cinco exposições permanentes: Evolução do Armamento, Força Expedicionária Brasileira, Sala das Miniaturas, Pátio dos Blindados e Sala Major Elza. Seguindo uma perspectiva linear e cronológica, a primeira mostra narra a transformação dos armamentos integrando a história brasileira, dividida nos módulos Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República. A exposição referente à FEB

mantém um espaço de destaque no museu. Com recursos expográficos de textos e fotografias, a participação militar brasileira na II Guerra Mundial é narrada a partir dos torpedeamentos dos navios mercantes nacionais pela Alemanha nazista e a Itália fascista, levando o governo brasileiro à declaração de guerra. A campanha da FEB em solo europeu é representada como uma resposta à agressão sofrida pelo regime nazi-fascista.

O museu, que fora cogitado como destino do acervo da Casa da FEB em 2009, abriga objetos vindos de várias instituições. Não foi possível termos acesso a nenhuma documentação, mas sim indicados por uma funcionária sobre a origem das peças expostas. A coleção referente à FEB procede do MHEX/FC, Depósito Central de Armamento e de empréstimos da própria Casa da FEB. É importante destacar que alguns objetos vindos do Museu da FEB-RJ ainda preserva o número de inventário da mesma instituição.

A proposta expositiva da FEB no MMCL situa os objetos em um momento específico da história brasileira inserida na II Guerra Mundial. A partir de textos temáticos do Marechal Mascarenhas de Moraes (livro “A FEB por seu Comandante) fotografias e vídeos, os equipamentos e veículos são exemplos de uma história narrada dada ao espectador. Em um comparativo com a Casa da FEB, a exposição apresenta os objetos como amostras metáfora da história e seu poder afetivo e mágico da lembrança. A esse conceito da história e seu poder afetivo e mágico da lembrança. A esse conceito museu memória em que os objetos mantêm o seu poder evocativo, podemos visualizar o MMCL como um museu narrativa, onde a coleção se submete a conquista da palavra, à imagem e ao som (SANTOS, 2006).

3.2.1 - Armamentos e acessórios

A exposição permanente “Evolução do armamento” demonstra as mudanças nos armamentos da Primeira Guerra a Segunda Guerra Mundial, sendo assim o módulo referente à FEB expõe as armas e equipamentos utilizados na Itália em campanha. Em uma visão geral podemos identificar na exposição sobre a FEB, modelos adquiridos pelo Exército anteriores à Segunda Guerra como a metralhadora Madsen 7 mm M932 (Dinamarca) e o canhão Krupp 75 mm c/26 M936, desenvolvido pelo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro em 1936, substituindo os modelos 1895 e 1908. Em diálogo com maquetes do Monte Castelo e Montese apresenta se alguns objetos pertencentes à Casa da FEB como um uniforme, capacete M1 do Serviço de Saúde, *kit* de barbear e de primeiros socorros, cantil, lamparina e um desenho assinado pelo cabo de Artilharia Carlos Scliar, feito em Porreta Terme.



Figura 47 - Exposição sobre a Força Expedicionária Brasileira.



Figura 48 - Início da Exposição.



Figura 49 - Exposição com objetos pertencentes ao Museu da Casa da FEB.

As armas norte-americanas utilizadas pela FEB expostas são as metralhadoras Browning M919, Browning M919 A6, as submetralhadoras Thompson . 45 e Guide, o lança rojão (Bazooka), revólver. 45 mm S&W, pistola de sinalização 40 mm e o fuzil semi automático M1 Garand e o morteiro 81 mm. Já as peças de artilharia são representadas pelo canhão 37 mm M1, canhão 57 mm M1 o obus 105 mm M3.

Os *souvenirs* de guerra das forças nazi fascistas são exemplares como a antecessora da “Lurdinha”, a MG-34, pistolas Luger, P38 Walther, a submetralhadora MP 40 Erma e as carabinas Gewehr . 43, 98 e 7,92 mm. Já os troféus de guerra trazido dos fascistas são as carabinas S/42G, Carcano, M1917 e a submetralhadora MP Beretta.



Figura 50 - Armamentos fascistas.

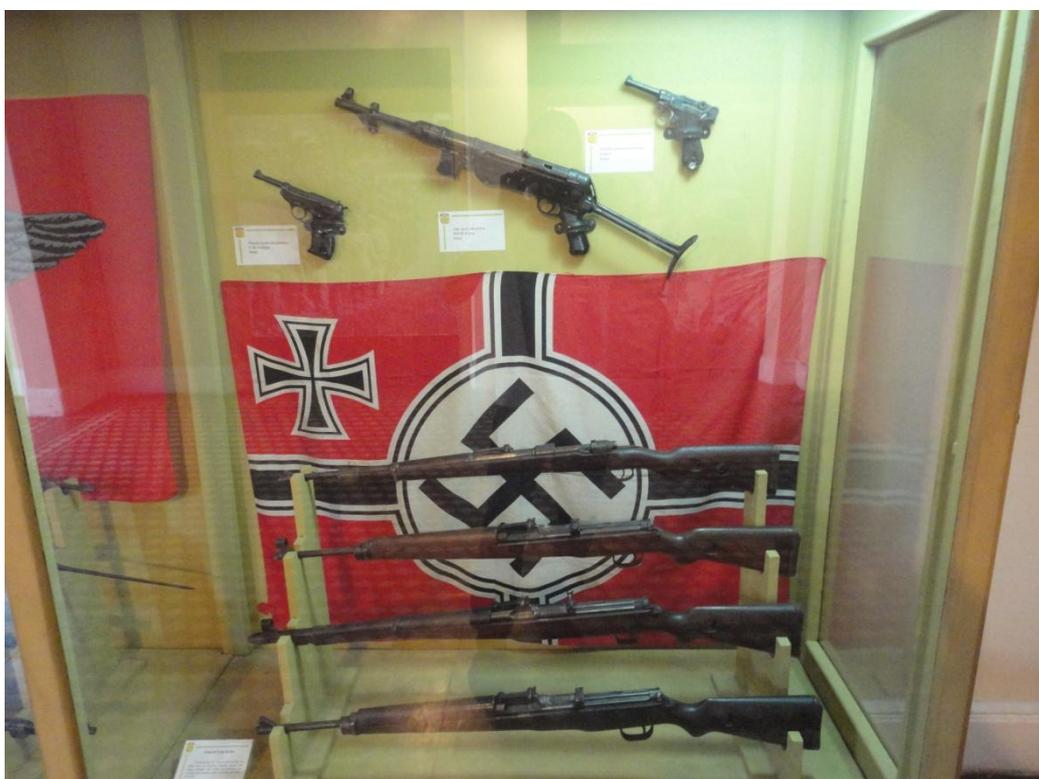


Figura 51 - Armamentos alemães.

3.2.2 - Veículos e blindados

Os veículos e blindados preservados no museu demonstram a evolução no emprego de blindados no Exército brasileiro. No fim da Primeira Guerra Mundial, o governo brasileiro adquiriu alguns carros de combate franceses Renault FT17, logo após, em 1938, foram recebidos alguns veículos italianos Fiat Ansaldo Carro Veloce CV 33 (modelo presente no museu) e só serviriam para treinamento (NETO, 1995).

Após o posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados, em 1942, as Forças Armadas através do acordo Lend Lease, começou a receber, a partir de 1943, veículos blindados como o M3 Lee, M4 Sherman, M3 e M3A1 Stuart e o M8. Com um exemplar no pátio dos blindados, o M-8 Greyhound foi construído pela Ford Motor Company a partir de 1942, alcançando o expressivo número de onze mil unidades fabricadas, sendo utilizado pelo Exército Norte americano se destacando pela grande mobilidade (BASTOS, 2005).



Figura 52 - Veículo blindado M-8 Greyhound

Com a criação da FEB foram formadas diversas unidades como o 1º Esquadrão de Reconhecimento, organizado a partir do 2º Regimento Moto Mecanizado da Vila Militar no Rio de Janeiro, com o nome de 3º Esquadrão de

Reconhecimento e Descoberta. O 1º Esquadrão operou 13 destes veículos, apesar de serem 15, onde 2 modelos estavam indisponíveis e um fora atingido por um tiro de bazuca alemã. Munidos com um canhão de 37 mm e duas metralhadoras. 30 e com uma guarnição de 4 homens, o M-8 preservado é identificado por um emblema do Cruzeiro do Sul para os veículos brasileiros na Itália. O veículo participou de várias missões criando uma nova mentalidade no Exército sobre o emprego de blindados (BASTOS, 2005).

Na visita ao Pátio dos Blindados podemos observar a transformação dos veículos durante os conflitos mundiais no século XX e a própria transformação para as Forças Armadas brasileiras. O próprio armamento traduz as negociações do Brasil antes da guerra, como o canhão antiaéreo 88 mm alemão, parte de um contrato que teve sua entrega interrompida pela deflagração da guerra. Outro canhão do período entre guerras foi o modelo italiano Breda 20 mm M935 e o canhão sueco antiaéreo 40 mm L/60.



Figura 53 - Canhão alemão antiaéreo 88 mm.



Figura 54 - Canhão italiano Breda 20 mm M935.



Figura 55 - Canhão modelo sueco antiaéreo 40 mm L/60.

Os modelos de armamentos vindos do Exército norte americano e utilizados pela FEB e outros adquiridos durante o período como o obus 105 mm M3 e veículos como o Chevrolet Socorro Leve 1 ½ Toneladas 4x4, carro pipa para transporte de combustível, o M3 Stuart “Perereca”. Já na sala de exposição da FEB encontra se o jipe Liliana, nome da neta do General Mascarenhas de Moraes, é o primeiro veículo da FEB, com a pintura do número 100-1 e as duas estrelas de general. A haste na dianteira do veículo era comum para evitar que um arame estendido na estrada decapitasse os ocupantes do carro (NETO, 1995). No pátio pode se encontrar mais um “troféu de guerra”, o canhão 170 mm, capturado das Forças alemãs na Itália. Encerrando, o museu apresenta a sala Major Elza¹, em exaltação da enfermeira e personagem ligado a memória da FEB.



Figura 56 - Jipe “Liliana”, modelo do General Mascarenhas de Moraes.

¹ Elza Cansação Medeiros (21 de outubro de 1921 – 8 de dezembro de 2009) foi uma oficial enfermeira do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

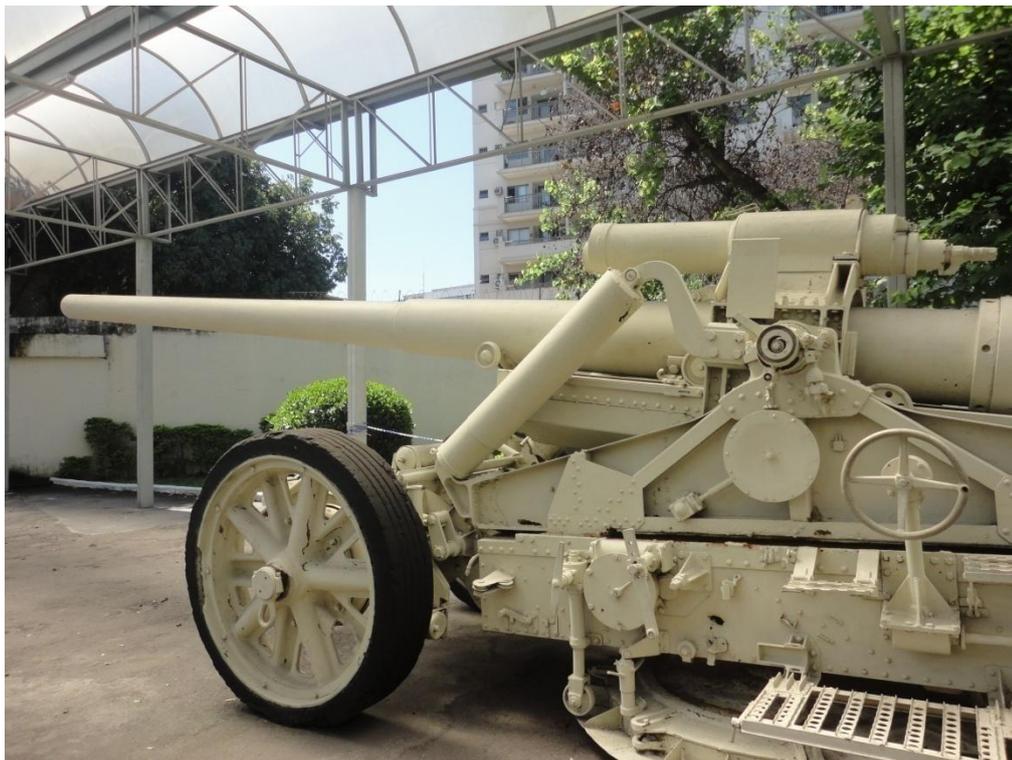


Figura 57 - Canhão alemão 170 mm, aprisionado pela FEB.

3.3 - Museu Histórico do Exército

A ideia de um museu que contemplasse a história do Exército brasileiro remonta a segunda metade do século XIX. Em 1865, o Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, determina a criação no antigo Arsenal Militar da Corte um museu com o objetivo de expor armas, viaturas, projéteis, equipamentos, além de estabelecer normas para a disposição do acervo. O Museu Militar é criado em 1869, tendo um longo hiato de tempo fechado, modificando apenas a sua denominação para Museu Histórico Militar (MHM) (MHEX, 2009).

A criação do Museu Histórico Nacional em agosto de 1922 surge como um espaço de guarda para os objetos custodiados pelo MHM. Consta que apenas uma parte do acervo fora destinado para o museu de Gustavo Barroso (MHN), o armamento e outros artigos foram enviados ao Departamento Central. Após idas e vindas, ocupações em lugares provisórios, o agora Museu Militar do Exército organizou, no Teatro Municipal do Rio, “uma exposição dos troféus da Campanha da Itália” na década de 1950. Tendo seu acervo para diversas dependências do Exército, até que em 1986 inicia a proposta de criação do Museu Histórico do Exército no Forte de Copacabana (MHEX, 2009).

Em 1987, o Forte dos revoltosos de 1922, passou a sediar o MHEX, tendo como missão preservar e difundir a história do Exército. Atualmente o museu mantém no salão Colônia – Império a exposição permanente “O Exército na Formação da

Nacionalidade” abrangendo o período de 1500 a 1889. Em 1998, ao inaugurar o Salão República, o museu iniciou com as seguintes divisões: Floriano Peixoto, Revolta da Armada, Canudos, modernização do Exército, Rondon, Tenentismo e a participação da FEB na II Guerra Mundial (MHEX, 2009).

O módulo referente à FEB segue a proposta museográfica de ambientações cenográficas. Segundo a publicação do próprio museu, essa ideia se justifica por seu aspecto didático, tornando mais prazeroso para os visitantes o contato em um ambiente com informações fidedignas e a valorização dos personagens (MHEX, 2009). Em um comparativo com a proposta do MMCL, a FEB também ganha destaque como um fato relevante na trajetória do Exército durante o período republicano.

A cenografia sobre os expedicionários faz alusão à conquista de Montese em abril de 1945 em um cenário que representa a praça central e o chafariz. O recurso expográfico do texto enfatiza a importância dessa conquista para o avanço dos Aliados na linha de defesa alemã (Linha alemã). O módulo é composto pelos seguintes objetos: fuzil Springfield, metralhadora Browning M1919, uma ferramenta de sapa para cavar trincheiras, capacete M1 de padoleiro, telefone de campanha, além do capacete Stahlhelm alemão e a metralhadora MG42, calibre 7,92. O esforço do Serviço de Saúde é exaltado pela atuação das enfermeiras com objetos como canastras e o estandarte do Serviço de Saúde da FEB e o uniforme americano de verão de enfermeira, substituto do modelo de verão vindo do Brasil (RIGONI, 2010).

Além do material em exposição, na publicação do MHEX, podemos identificar diversos objetos como a coleção de pertences da enfermeira Bertha de Moraes, pinturas de Álvaro Martins (“FEB na neve”, 1995 e “Tomada de Monte Castelo”, 1998) e Newton Coutinho (“Lágrimas de um soldado”, 1996), medalhas (Campanha, Cruz de Combate 1ª classe e 2ª classe, Sangue do Brasil, a espada de oficial general do Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, a faca de campanha (Coleção Marechal Castello Branco), pistola P.38 CYQ, calibre 9 mm (alemã, entregue ao Capitão Magarinos por um oficial germânico durante a rendição da 148ª Divisão de Infantaria) e o canhão de campanha Skoda calibre 100 mm, modelo 14/19, fabricado para o Exército Iugoslavo em 1936 e capturado pelos italianos entre 1940 e 1942 e posteriormente foi trazido ao Brasil pela FEB (MHEX, 2009).



Figura 58 - Exposição “Tomada de Montese”

3.3.1 - Museu Histórico Nacional

O Museu Histórico Nacional foi fruto da idealização de Gustavo Barroso e seu “culto ao passado” como uma forma de resgate da memória nacional. Através do MHN, Barroso buscava o reconhecimento dos objetos enquanto testemunhos de conflitos nacionais. O “culto da saudade” representou a tentativa de afirmação de uma tradição nacional por meio dos autênticos fragmentos do passado, símbolos dos “heróis” eleitos por uma parcela da elite dirigente (SANTOS, 2006).

O poder político forjado no MHN ao recontar a principal desde sua criação (Decreto nº 15.596, 02/08/1922) encobriu a iniciativa do próprio MHN, ao receber parte do seu acervo. Instituído como um museu referência sobre a história militar nacional, a instituição foi escolhido, pelo próprio Mascarenhas de Moraes como local de guarda da bandeira nacional do Quartel General da FEB. Outros troféus de guerra foram recolhidos pelos brasileiros, a exemplo cerca de 26 peças de artilharia inimigas que compuseram a coleção de canhões existentes na instituição. Segundo o historiador Adler Homero Fonseca de Castro, as peças aprisionadas perderam se, restando um pequeno canhão (CASTRO, 1997).

3.3.2 - Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSG)

Em 1952, com a criação da Comissão de Repatriamento dos Mortos do Cemitério de Pistóia, o marechal Mascarenhas de Moraes iniciou o trabalho de construção do monumento para receber os despojos dos expedicionários mortos na Itália, sob seu comando. Inaugurado em 1960, em estilo modernista da arquitetura, o

monumento dos pracinhas é um lugar de memória da guerra e uma forma de homenagear os seus mortos. Segundo Mauad e Nunes, o papel do comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes, no processo de construção do monumento e o traslado dos restos mortais dos soldados apontam dois aspectos do discurso oficial sobre a morte. O primeiro considera a morte como um ato cívico, onde o comandante responsável pelos seus homens tem a missão de trazê-los de volta após o sacrifício. O segundo ponto destaca a formação de uma memória pública sobre a morte, um fato histórico da nação e não de um grupo específico. O monumento consuma a missão oficial da FEB na Itália, registrando o fato no espaço da cidade e fechando o círculo da partida e do retorno (MAUAD; NUNES, 1999)

O projeto das Forças Armadas de construir um lugar de memória da guerra foi estabelecido com diretrizes fixadas desde a sua finalidade a dinâmica de funcionamento. Os objetivos do monumento seriam: recolher os despojos dos militares mortos; manter acesa uma chama junto ao túmulo do soldado desconhecido; recolher, classificar e expor objetos e documentos referentes à participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante na Segunda Guerra Mundial; manter uma biblioteca especializada sobre o assunto e promover solenidades relativas às datas da participação brasileira no conflito. O monumento é dividido em três ambientes: túmulo do soldado desconhecido, o mausoléu e o museu. Esse último seria dividido em três partes: seção de objetos e condecorações, seção de biblioteca, filmoteca, filatelia, mapoteca e a seção de arquivo, destinado a preservar toda documentação escrita, gravada e fotográfica sobre o Brasil na guerra (MAUAD; NUNES, 1999).

A narrativa histórica do monumento tinha como previsto ir além do aspecto pictórico e estabelecer um vínculo com o conhecimento, conjugando a ideia de museu e arquivo (MAUAD; NUNES, 1999). O objetivo de total salvaguarda do acervo referente às Forças Armadas proporciona, hoje, uma coleção visitável sobre a FEB e não um museu institucionalizado e um centro de pesquisa.

CAPÍTULO 4

“DE SÃO JOÃO DEL REI AO VALE DO PÓ”: O MUSEU E OS SEUS LAÇOS COM A CIDADE

4 - “De São João Del Rei ao Vale do Pó”: o museu e os seus laços com a cidade.

“A história de um povo permanece no tempo através dos objetos produzidos e utilizados por este mesmo povo”. Assim inicia o texto da exposição inaugurada no museu da FEB em São João Del Rei - MG em 1986. Esses registros dos caminhos e peculiaridades que analisaremos sobre o espaço, são demonstrações do engajamento da comunidade e instituições como fonte de novos significados e possibilidades ao museu, formando um espaço representativo deste povo.

A ligação da cidade mineira e seu patrimônio são reconhecidos pelo Estado brasileiro desde o Decreto Lei nº 25 de 1937, marco da preservação dos bens culturais no país. São João Del Rei foi inscrita no Livro de Tombo de Belas Artes, considerada representante de uma produção artística e cultural “autêntica” do Brasil, sendo as cidades coloniais mineiras reconhecidas pelo Estado Novo de Vargas como exemplares do patrimônio brasileiro (CAMPOS, 2005).

Os trilhos da ferrovia contribuíram diretamente no crescimento urbano da pacata cidade no entrono da via férrea. Localizado próximo à estação fora construído o Hotel Oeste de Minas, no final do século XIX, ponto de hospedagem para os funcionários da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM). Em 1917, um incêndio destruiu o imóvel que posteriormente teve suas ruínas substituídas por um casarão adquirido pela União na década de 1920 e administrado pelo Exército.

Com a mobilização da FEB, a 1ª DIE teve como principais unidades de infantaria, três regimentos com 3256 militares cada, sendo o 1º RI instalado no Rio de Janeiro, o 6º RI sediado em Caçapava- SP e o 11º RI em São João Del Rei (NETO, 1995). A justificativa para a escolha de pequenas cidades do interior do estado de São Paulo e Minas Gerais é apontada devido estarem localizadas em eixos ferroviários que facilitavam a locomoção à capital federal. Com uma população em torno de 5000 pessoas, o antigo arraial do rio das Mortes vivia dias movimentados em 1943, com a vinda de centenas de homens do Nordeste e Sul do país (COSTA, 2009). As unidades de Juiz de Fora (12º RI) e Belo Horizonte enviaram o efetivo de 1572 praças para a composição do 11º RI (ANDRADE, 1950).

O casarão construindo onde era o hotel, serviu de alojamento para os pracinhas em preparação para o embarque, devido ao aumento de contingente. Após o regresso da FEB e as posteriores organizações e rearranjos das associações, forma se uma seção regional são-joanense. Como ocorrido em municípios do Brasil a ideia de preservar os objetos ligados aos pracinhas e aos souvenirs trazidos viabilizou a criação de mais um museu da FEB. Esses laços entre a ANVFEB - Seção São João Del Rei - MG e o 11º BI se intensificaram na busca da revitalização do museu. O

historiador Jairo Braga Machado, natural da cidade, nos relata o acordo entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e sua autarquia Fundação Pró Memória (IPHAN) e o Ministério do Exército em Brasília para o apoio do escritório da fundação nos trabalhos do museu. Jairo, integrante da equipe técnica responsável pelo projeto no museu da FEB, destaca que a proposta era traduzir para a comunidade a participação do 11º RI na Segunda Guerra, como também a do próprio país, onde a Museologia seria essencial para explorar aquele contexto de possibilidades do acervo.

No dia 12 de abril de 1986, o museu da FEB reabria as portas para a comunidade. Como podemos visualizar nas fotografias a seguir, a nova exposição, longe da ideia de um gabinete de curiosidades sobre a FEB, busca proporcionar ao público uma valoração dos objetos diante de fotografias e cartazes (CURY, 2005). O armamento, munições, os capacetes são amostras metáforas, exemplares do que foi a luta para os pracinhas da FEB.



Figura 59 - Museu da FEB após a reinauguração em 1986.

O trabalho durante a montagem do museu além de ser a primeira experiência profissional de Jairo na Fundação Pró Memória, trouxe uma estreita ligação do historiador com o próprio tema da FEB, formando laços de amizade com os veteranos da cidade e tornando-se um amigo e entusiasta do museu. Nesses últimos 30 anos, pode acompanhar o crescimento dos estudos sobre o tema da participação brasileira na Segunda Guerra e uma maior compreensão do que foi a luta que levou muitos de seus conterrâneos às terras geladas da Itália.

A administração do museu ficou ao encargo do 11º BI e muito da proposta da exposição foi modificada com a aquisição de novos objetos e propostas de cada

comandante que passou pela unidade. Esse fato é demonstrativo da ausência de um planejamento museológico para o espaço, prejudicando as atividades fins de preservação, pesquisa e comunicação do acervo, restando apenas os resquícios do trabalho de documentação feito na década de 1980.

4.1 - A coleção

Uma grande alegoria abre a exposição, uma embarcação talhada em madeira traz a inscrição das conquistas do regimento e a fotografia de todos os seus mortos. A historiadora Maria do Carmo Amaral, ao pesquisar sobre o Museu do Expedicionário (Curitiba-PR), trata-o como um espaço fundamentalmente dialético em que ao mesmo tempo como uma câmara mortuária do passado em memória aos que tombaram na guerra em um conjunto de decadência e esquecimento, mas também um lugar de ressurreições mediadas pelo olhar do visitante (AMARAL, 2001).



Figura 60 - Museu da FEB – São João Del Rei – MG.

O correspondente de guerra Rubem Braga, em uma de suas várias crônicas, ressalta que um exército não é feito de heróis, em uma tropa há indivíduos de toda espécie. Mas o jornalista capixaba destaca que existem sim heróis, muito poucos, “e o que mais me espanta neles é seu ar de homens comuns e, mais do que o ar, é serem eles homens comuns” (BRAGA, 1996). A camaradagem criada entre os soldados

talvez possa ser uma das razões para esse conceito. O respeito e amizade criada no *front*, definida de maneira primorosa por Eric Maria Remarque, também se repetiu com os expedicionários. Além da busca pela sobrevivência e o senso do dever, os laços criados criavam uma união forjada na adversidade e isso demonstrou um lado humano, solidário em meio à barbárie (REMARQUE, 2006).

Em toda tropa os mitos são importantes para elevar a moral dos combatentes e isso se reflete na exposição do museu que proporciona à recordação dos símbolos dessa campanha reconhecidos por seus companheiros, um grupo seletivo daqueles que, segundo Braga, “se desdobra em um friso de minutos, horas e dias e que então ficam eternos.” Essas características são representadas na memória da FEB muito pela figura do Sargento Max Wolff, morto em uma patrulha no dia 12 de abril de 1945, dias antes do ataque à Montese. Conhecido como “Rei dos Patrulheiros”, Wolff nasceu em Rio Negro-PR e integrou o I Batalhão do 11º RI e posteriormente da 2ª Companhia para a Companhia de Comando do regimento. Segundo o veterano Leonercio Soares, essa transferência fora resultado de sua coragem e perspicácia. Também integrante do 11º RI, Soares descreve o sargento paranaense como um homem simples, calmo e respeitador, que desde o acampamento, na Itália, tornou-se conhecido entre os seus companheiros, devido ao companheirismo e preocupação com todos. Sua aparição formava um círculo de soldados atenciosos ao seu redor, em situações “sem que pretendesse ser um líder” (SOARES, 1985).

A última patrulha de Wolff foi testemunhada pelo correspondente de guerra Joel Silveira e relatada em seus livros de memórias. Certamente suas crônicas contribuíram para consolidar a figura legendária do Sargento Max Wolff, respeito que já era demonstrado entre a própria tropa. Soares lamenta que ao herói foi dado um prêmio tardiamente isto é, promovido a segundo tenente “post mortem” (SOARES, 1985).



Figura 61 - Sargento Max Wolff.

4.1.1 - Frei Orlando

Outro personagem de destaque não só no museu, mas também no espaço urbano de São João Del Rei, Antônio Álvares da Silva, o Frei Orlando representa a ideia de um capelão humano e companheiro. A preparação dos religiosos que fizeram parte da FEB delimita uma posição de sacerdote/soldado, onde o treinamento era realizado como os demais combatentes e o mesmo uniforme. A batina era item indispensável apenas durante a missa, em outros momentos o sacerdote seria encontrado em trajes como o de um soldado (PIOVEZAN, 2015).

Frei Orlando, nascido em Morada Nova- MG (13/02/1913), iniciou seus estudos no Colégio de Franciscanos em Divinópolis- MG, concluindo na Holanda e posteriormente sendo ordenado sacerdote no Brasil. Morando em São João, desde 1937, o capelão se apresentou voluntário para a função de capelão militar do 11º RI. O

então Tenente Ruy de Oliveira Fonseca em seu diário de campanha destacava a proximidade do franciscano com os expedicionários:

“voltei cedo, a tempo de ir à reza do terço, puxada diariamente por Frei Orlando. O interessante é que ele, para juntar os soldados à sua volta, puxa do bolso uma gaitinha de boca e começa a solar as valsinhas que os mineiros todos sabem e gostam: Saudades do matão, Saudades de Ouro Preto, Sobre as ondas etc. Quando está grande o número de ouvintes, ele guarda o instrumento num bolso e do outro puxa o rosário e diz:

- Bem, rapaziada, agora vamos rezar um ‘tercinho’ para Nossa Senhora?
E começa logo!” (FONSECA, 2002)

Em seu trabalho de visita aos combatentes, Frei Orlando pediu para visitar uma das companhias na linha de frente. No livro “De São João Del Rei ao Vale do Pó” de Gentil Palhares é possível encontrarmos o relato do Capitão Francisco Ruas Santos:

“Frei Orlando, Capelão do Batalhão, estivera pela manhã do dia 20 de fevereiro de 1945, no desempenho de seus deveres funcionais, em visita as posição da 4ª Cia., na região entre Falfare e Columbura. A zona da 4ª e a 6ª Companhias, esta indo de Falfare a Bombiana, eram as que estavam sendo mais castigadas pelos alemães. Por isso, Frei Orlando, no observatório do Batalhão, em Monte Dell’Oro, manifestou ao Major Ramagem, seu Comandante, a intenção de visitar também a 6ª Cia. Quis, então, atingir as posições dessa Companhia pelo caminho mais curto, que ia do observatório a casa M di Bombiana e desta a Bombiana. Mas o Major Ramagem não concordou com esse itinerário, pois, na ocasião, estava todo ele sendo pesadamente batido pelos alemães. Sugeriu ao Capelão que do observatório ganhasse a contra-encosta de Monte Dell’Oro e fosse até o PC do Batalhão em Docce, de onde poderia chegar às posições da 6ª por um caminho menos exposto.

Frei Orlando encaminhou-se para Docce pelo itinerário lembrado pelo Major e achava-se à margem do caminho que ligava o PC do Batalhão ao ponto cotado 789, a 300 metros de Bombiana, quando por ele sua eu num “jeep”, para esta última região. O Capelão, inteirado da direção da viatura, nela tomou lugar. No “jeep” já se encontravam o Cabo Gilberto Torres Ruas, motorista, um praça do II Batalhão e um militar italiano, posto à disposição do Regimento, para os serviços de transporte em montanha.

Frei Orlando, em caminho, depois de dizer o que fizera pela manhã e o que pretendia fazer, falava de uma irradiação feita pelos holandeses livres para a parte ocupada de seu país. A uma observação qualquer chegou a soltar uma das suas costumeiras gargalhadas. O “jeep” marchava lentamente pelo caminho conduzindo ao ponto cotado 789, quando, de repente, estaca, imobilizado por uma pedra. Prendia esta o eixo dianteiro. Os passageiros conseguem retirar a viatura, que é posta alguns metros além da pedra fatídica. Tomo a manivela do “jeep” e me esforço para removê-la. O italiano, no intuito de ajudar-me, recurva-se junto à pedra e também tenda tira-la a violentas coronhadas de sua carabina. Esta dispara. Frei Orlando, que se achava parado a uns três metros, é atingido pelo projétil, solta um grito e leva a mão ao peito, dá alguns passos à frente, tirando, ao mesmo tempo, com a mão direita, do bolso do casaco, o seu terço e balbuciando, às pressas, uma Ave-Maria. Corro para ele e o faço deitar-se à margem do caminho. A oração, apenas começada, é abafada pelo ofegar da agonia. Tudo isso, desde o fatal disparo, dura uns dez segundos.

Retorno rapidamente a Docce, em busca de socorro médico e trago o Capitão João Batista Pereira Bicudo, facultativo do Batalhão. Este pôde apenas verificar achar-se morto o Capelão, desde o momento, talvez, em que acabara de ser deitado à margem

do caminho. O italiano abraçado ao corpo do Capelão, chorava e se lamentava. Um pastor das redondezas contemplava esta cena. O médico descobre-se, persigna-se e reza pela alma de Frei Orlando, no que é seguido pelo Capitão e pelo Cabo.

Eram, aproximadamente, 14:00 horas do dia 20 de janeiro de 1945...“(PALHARES, 1957).

Hoje é o patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.



Figura 62 - Objetos relacionados ao Frei Orlando

4.1.2 - Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Baeta da Cruz e Geraldo Rodrigues de Souza.

No ano de 2014, desembarcava no Brasil a banda sueca de *heavy metal* Sabaton, conhecida por suas músicas com temáticas de guerras. Com a turnê do disco “Heroes”, o grupo trazia ao país a canção “Smoking snakes”, entoada com grande sucesso e entusiasmo por plateias em diversas cidades. “Cobras fumantes” têm a seguinte introdução:

“Nos lembramos
daqueles que não se renderam
Heróis do século.”

Em diversas reportagens e entrevistas, os músicos nórdicos afirmavam que a letra foi escrita em homenagem a três expedicionários mortos na Itália e homenageados pelos soldados da Wehrmacht, sugerida por fãs brasileiros. Em trechos da música é possível identificar as menções ao fato.

“Vocês, foram os únicos que se recusaram a se render
Os 3, escolheram morrer ao invés de fugir
Saibam que a sua memória,
Será cantada por um século.”

Combates envolvendo pequenas tropas diante de inimigos numerosos, ou melhor, armados sempre, fizeram parte das narrativas de batalhas, sendo um tema comum na indústria de entretenimento e uma atitude homenageada no meio militar (RODRIGUES, 2015) Em 2011, o curta metragem brasileiro “Heróis”, de Guto Aeraphe narra a história de três pracinhas mineiros, integrantes de uma patrulha em Montese, que se viram diante de uma companhia alemã. Recebendo ordens de rendição que não foram acatadas, acabaram mortos e enterrados pelo inimigo com a seguinte inscrição em suas sepulturas: “Drei Brasilianische Helden” (Três heróis brasileiros).

O fato narrado seja na música ou filme trata se de um relato bem difundido nas memórias da FEB. Gentil Palhares, integrante do 11º RI, em sua obra “De São João Del Rei ao Vale do Pó”, narra a passagem de maneira épica “ocorrida em Montese no dia 14 de abril de 1945. Palhares descreve a trajetória de Arlindo Lúcio da Silva, natural de São João Del Rei, origem humilde, criado sem os cuidados paterno, fora interno da “Escola de Preservação de Menores Abandonados Padre Sacramento”, onde cursou o primário. Convocado para o serviço militar, em 1943, devido à guerra, integrando as fileiras do batalhão são-joanense, membro da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 11º RI. O autor descreve que após os avanços sucessivos das tropas brasileiras em Montese, o corpo de Arlindo já semi destruído pela terra, fora encontrado com outros dois combatentes brasileiros, sepultados na encosta de uma morro. Em covas rasas estava gravado a homenagem dos soldados inimigos (PALHARES, 1957).

Segundo a ficha necrológica da Associação de Ex-combatentes do Brasil – Seção de São João Del Rei – MG, Arlindo, no ataque à Montese, juntamente com seu pelotão, foi detido pelos morteiros inimigos. Hostilizados por uma metralhadora alemã

em seu flanco esquerdo, obrigando os brasileiros a se manterem fixados ao solo. O soldado Arlindo Lúcio, atirador do fuzil automático, ergue-se e despeja seus carregadores de suas armas sobre os alemães em uma residência e é morto por um franco atirador adversário. O mesmo documento relata que Geraldo Baeta da Cruz, do Destacamento de Saúde, nascido em João Ribeiro-MG, morreu em ação (14/04/1945), devido a um ferimento em combate e foi considerado desaparecido no dia 17/04/1945 (Boletim nº 108/45 do 11º RI). Já o infante Geraldo Rodrigues de Souza, C.C III, tomara atingido em Natalino por um estilhaço de granada (Boletim nº 108/45 – 11º RI).

O livro de registro dos mortos e de registros de sepultamento (Arquivo do Pelotão de Sepultamento) nos traz informações de como foram encontrados os corpos, a possível causa da morte e a data. Arlindo Lucio da Silva (1G – 291827) foi encontrado em estado de decomposição e sepultado no dia 24/04/1945. Geraldo Baeta também foi resgatado em decomposição, já Geraldo Rodrigues, confirmando o relato acima, teve como causa da morte atribuída a um estilhaço de granada no glúteo esquerdo e sepultado um dia após (15/ 04/1945).

As narrativas de veteranos nos trazem preciosos indícios sobre a trajetória dos três expedicionários representados em uma pintura no museu. Adhemar Rivermar de Almeida, oficial de operações do 1º Batalhão do 11º RI, relata em seu livro “Montese – Marco Glorioso de uma trajetória”, a ação da 2ª companhia (integrada por Arlindo Lúcio da Silva) em patrulha de reconhecimento na direção de Mountaurígola, encosta sul de Montese, pela manhã. Às 13: 25 horas, a 2ª companhia com os pelotões dos Tenentes Ary Rauen e Iporan Nunes de Oliveira, atacou Montese, sendo o pelotão de Ary detido por fogos de Artilharia e Infantaria, causando a morte do tenente, ferido na cabeça, quando buscava neutralizar uma arma que barrava seu pelotão. Em sequência, Rivermar destaca a ação do Tenente dentista Yvon Maia, acompanhado de um tenente, um sargento e padioleiros foram ao socorro das baixas do pelotão de Ary ao serem detidos pelo inimigo. A explosão de uma granada matou instantaneamente o padioleiro Geraldo Baeta da Cruz como também o soldado José Varela e ferindo Eduardo Gomes, ambos da Seção de Saúde (ALMEIDA, 1985).

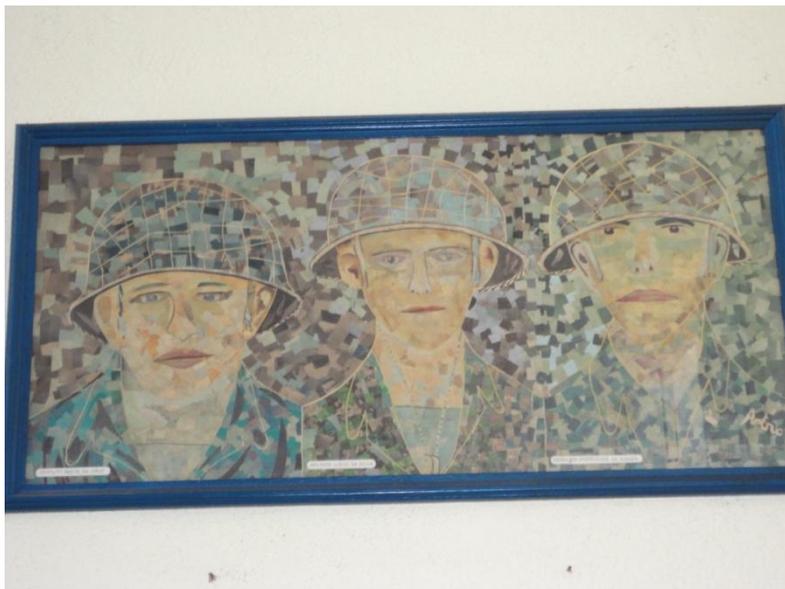


Figura 63 - Pintura – Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Rodrigues e Geraldo Baeta.

Os fatos apresentados anteriormente diferem dos relatos apresentados seja no filme “Heróis” ou das versões orais descritas sobre os três combatentes. A história difundida de um embate desigual e o sacrifício dos pracinhas perante à vários inimigos gerando uma homenagem dos alemães, carece de comprovação. A confusão entre os fatos nos remete ao relato de brasileiros dados como desaparecidos em combate e posteriormente foram encontradas sepulturas com os corpos de três brasileiros com uma placa com os seguintes dizeres: “3 tapfere Brasil 24/01/1945” (três bravos) na região de Precaria. Os corpos eram do cabo José Graciliano Carneiro da Silva e os soldados Clovis da Cunha Paes de Castro e Arístides José da Silva, todos do 1º RI (MAXIMIANO, 1995). O ocorrido com esses expedicionários durante uma patrulha foi descoberto através de um panfleto inimigo lançado pelos inimigos sobre as linhas brasileiras. Segundo esse comunicado, Aristides não se rendeu e embora ferido lutou até a morte. Com ele os alemães encontraram uma carta e uma oração que ele havia escrito a sua noiva de Minas Gerais. Aristides morreu juntamente com o soldado Clovis e o cabo José, já o comandante foi aprisionado e levado para a Alemanha, onde se recuperou e foi libertado pelos aliados com o fim da guerra (SOARES, 1985).

Ainda não foi possível em nossa pesquisa, comprovar ou não, a homenagem prestada aos expedicionários do 11º RI. No livro “O 11º RI na Segunda Guerra Mundial”, o comandante Delmiro Pereira de Andrade presume que eles foram feridos gravemente em Montese, conduzidos pelos alemães até Zocca onde faleceram e foram homenageados em suas sepulturas (ANDRADE, 1950). O museu, em sua comunicação com o público, consolida esses personagens da FEB como símbolos em um caminho que eterniza a representação desses combatentes.

4.1.3 - Montese

A tomada de Montese tornou-se um símbolo não só para a unidade como também um lugar de memória na cidade mineira. Todo anos, na segunda semana de abril, comemora-se a conquista com uma apresentação musical no Teatro Municipal e um desfile cívico próximo ao monumento à FEB. Nesse contexto de celebração o museu compõe esses caminhos de recordação a contribuição de seus antepassados na Segunda Guerra Mundial.

A coleção preservada no museu cruza a trajetória da FEB com o atual 10º BI. O treinamento e a formação de combatentes de montanha para o Exército Brasileiro devem-se, fundamentalmente, à experiência nos combates nos Apeninos italianos. Um estilhaço de granada, a bandeira nazista aprisionada pelo Tenente Orlando Randi, representam os pesados combates e a perda de 426 homens em lutas de infantaria e duelos de artilharia (MAXIMIANO, 1995). Um inferno de morte e destruição, onde houve a maior concentração de fogos de artilharia e morteiros que os alemães desencadearam desde a Batalha de Anzio no início da campanha da Itália (RODRIGUES, 1985). O ataque principal ficou com o 1º Batalhão do 11º RI, cabendo à 2ª Companhia, de Arlindo Lúcio da Silva e dos pelotões de Ary Rauen e Iporan Nunes, a parte mais árdua da vanguarda (MAXIMIANO, 1995)

Com diversos artigos de uso pessoal em campanha com cigarros, marmitas, cantil e caneco perfurados, além de curativos e equipamentos de comunicação como telefones a um aparelho para descriptografar mensagens de textos em códigos, o museu tenta dimensionar a experiência de um combatente e a imensa variedade de objetos empregados em um conflito. A necessidade de se proteger utilizando ferramentas para cavar o abrigo da artilharia inimiga e os uniformes de inverno representam a adaptação e o cotidiano do infante brasileiro.

A ausência de uma proposta museográfica a partir da não continuidade do projeto da década de 1980 transformou o museu em um espaço de preservação do batalhão. Podemos encontrar nas vitrines desde um pequeno punhal e bainha da Guerra do Paraguai (1864 - 1870) a um fragmento identificado como sendo um pedaço do muro de Berlim e um estilhaço de granada encontrado na Holanda.

Entre a variedade de armamentos expostos podemos identificar algumas armas utilizadas pela FEB como o fuzil Garand. 30 semi automático, a carabina semi automática .30, destinada aos comandantes de pelotão e aos combatentes da artilharia apesar da distribuição entre os brasileiros não ser uniforme e metralhadora Browning ponto 30 (1917) refrigerada à água. A artilharia recebeu canhões como o modelo anticarro 37 mm, o 105 mm e 155 mm (SOARES, 1985).



Figura 64 -Canhão norte americano Anticarro 37 mm.

As “lurdinhas”, troféu de guerra tão comum nos museus da FEB, estavam por trás de boa parte do sucesso alemão nos combates de infantaria na Segunda Guerra, tornando se referência para os modelos de metralhadoras modernas de emprego múltiplo. Existiam dois tipos básicos de metralhadora: a pesada, de maior calibre, geralmente destinada à defesa de posições estáticas, e a leve, de calibre menor e capaz de ser transportada por um grupo de combate em movimento (NETO, 1995).

Após a Primeira Guerra, os Aliados determinaram uma cláusula no Tratado de Versalhes que proibia a fabricação de metralhadoras pesadas. Os alemães projetaram uma metralhadora utilizando munição com calibre de fuzil (7,92 mm) capaz de disparar de 800 a 900 tiros por minuto e pesando 11,5 Kg com seu bipé. A MG34 tinha como único problema o seu custo, pois adaptada à um tripé, exercia o papel de arma mais pesada. Com o uso da MG34, os germânicos adotaram uma doutrina diferente para o combate de infantaria. Com grupos de combate de nove homens (o grupo de combate americano tinha 12 homens), os soldados da Wehrmacht tinham como ponto focal o operador da MG34 ou MG42, o restante dos infantas carregava ou submetralhadoras ou fuzis, dando às unidades alemãs um poder de fogo maior (NETO, 1995).

Outros souvenirs de guerra apreendidos com os inimigos podem ser identificados como a submetralhadora MP40 alemã, pistola Luger 6,35 mm, pistola de

sinalização alemã, metralhadora Breda.30 (Itália), Breda mod.37, metralhadora de mão mod. 38 (Itália) e a submetralhadora Beretta.

A coleção de armas do museu proporciona um histórico de peças utilizadas pelo Exército brasileiro como os fuzis Mauser, a metralhadora leve Hotchkiss M1922, de origem francesa do início do século XX, trazida ao Brasil por influência da Missão Militar francesa no calibre 7 mm Mauser (7x57) (10º BI, 2011). Além de exemplares do fuzil austríaco Maulicher 1895, 8 mm, a metralhadora tcheca Bregun 2B26, a metralhadora austro húngara Schwarzlose e a metralhadora de mão Suomi finlandesa 1931. Já o fuzil de assalto Kalashnikov AK47, possivelmente pode ter sido trazido da Missão de Paz, em 1996, onde o 11º BI participou do contingente brasileiro. Considerado um dos melhores fuzis já produzidos, o AK 47 foi utilizado em praticamente todos os conflitos mundiais após a Segunda Guerra. Apelidado como a “arma do guerrilheiro”, de projeto original russo (4,3 Kg), sua figura está estampada em bandeiras de países como Moçambique (10º BI, 2011).

CONCLUSÕES

6 - CONCLUSÃO

O museu tornou-se uma ferramenta para os veteranos da FEB de institucionalização de suas memórias, como em livros e vídeos produzidos ao longo dessas décadas. Apesar do esforço de muitas pessoas abnegadas, as reminiscências da FEB, nem sempre atingem o seu objetivo de interagir com o público e proporcionar uma experiência de conhecimento. De maneira geral, os museus da FEB são lugares de memória, mas também de esquecimento das potencialidades dessas coleções e silenciamento dessa parte de nossa história (CHAGAS, 2011). Sendo espaços de celebração do passado, os museus são sempre interpretados por um olhar do presente e isso muitas vezes é feito de maneira distante do público devido às carências financeiras e de um planejamento e gestão museológica (CÂNDIDO, 2013).

A desconexão entre a Museologia para esses museus é a raiz de grande parte dos problemas das instituições analisadas. A Museologia deve estar inserida no estudo das atividades desses espaços museais, em uma análise específica do sujeito/veterano com a realidade e como ele constrói sua herança patrimonial, contribuindo para um processo de musealização, ou seja, ação sistêmica e visibilidade junto à sociedade (CÂNDIDO, 2013).

Um grande indicativo do descompasso entre a realidade desses museus e a aplicação da Museologia pode ser apontado na inexistência de documentação sobre o acervo. O resgate de informações sobre o objeto é essencial para o seu estudo, sua segurança e controle, sendo vital o uso dos dados para a elaboração da exposição e fundamentar o fazer museológico das outras ações da instituição museu (NASCIMENTO, 1998). A ausência da documentação e pesquisa resulta na utilização em exposições sobre a FEB de objetos referentes a outras épocas e conflitos, ou até mesmo representações sobre inimigos que não lutaram contra os expedicionários brasileiros. Outro aspecto detectado é a relação de fetiche com o colecionador, criando uma atitude para os alvos de desejo caracterizados pela possessividade e veneração (TEIXEIRA, 2011). O valor de mercado dos objetos de militaria é possivelmente a grande causa de perda das peças do museu, resultado da falta de controle sobre o acervo.

O crescimento de pesquisas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra é claramente responsável sobre as iniciativas de preservação das coleções em todo país. Esse “boom da memória”, conforme conceituado por Jay Winter é reflexo de uma matriz complexa de sofrimento, ativismo político, reivindicações de indenização, pesquisa científica, reflexão filosófica e arte. As apropriações sobre a memória da FEB são heterogêneas, diversos setores se apropriam de forma a legitimar sua fala. Agentes do Estado tem um claro interesse em legitimar narrativas, como vimos sobre

a proposta de valorização da memória da FEB limitada aos gabinetes sem um mínimo diálogo com a sociedade (WINTER, 2006).

A iniciativa de tombamento do acervo do Museu da Casa da FEB pelo IPHAN torna-se um marco na preservação que deve ser irradiado para as outras instituições, não se limitando apenas no aspecto simbólico, mas também de valorização. Iniciativas como o projeto “Implantação do Museu Virtual da Força Expedicionária Brasileira” UnB, com o objetivo de criar uma plataforma digital com acervos virtual e pesquisas já realizadas, são fundamentais para estabelecermos um intercâmbio entre as instituições, incentivo de pesquisas e aplicação de um diagnóstico museológico e planejamento desses museus, algo essencial e inexistente em muitos desses museus. Esse trabalho de gestão dos museus deve ser prioridade para o Exército e o seu Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx) que congrega vários desses espaços, onde muitas vezes não podem ser conceituados como museus já que alguns nem são totalmente abertos para o público.

Um novo olhar sobre esses espaços, em específico a realidade vivenciada em Juiz de Fora, nos mostra a existência de um museu comunitário que ao trabalhar com a memória de grupo ampliado por seus familiares e entusiastas tem a possibilidade de mobilizar a comunidade, imersa no museu como caminho do desenvolvimento local (VARINE, 2014).

Reafirmamos, seja pela análise feita nesses museus ou na própria proposta do museu da FEB em Juiz de Fora, que os museus da FEB podem exercer um papel urgente de militância de valores pacifistas, vide a proposta do Museu da Paz em Jaraguá do Sul-SC, enxergando a guerra como um evento que faz emergir o pior e o melhor do comportamento humano. Esse fato pode ser explorado de diversas formas no museu, onde a formação da FEB para o Brasil diz muito sobre como ela vê a si mesma: da permanente desconfiança sobre o desempenho da FEB à superação e cumprimento da missão na guerra (CENTENO, 2014). Os museus da FEB são antes de tudo uma representação do Brasil, segundo Darcy Ribeiro, um “povão mestiço na carne e na alma, em busca de seu destino” (RIBEIRO, 1985).

REFERÊNCIAS

7 – Referências

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de Almeida. **Montese – Marco Glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. 2001. 203 f. Dissertação (Mestrado em História). Pós Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ALVES, Vagner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: autonomia na dependência? In: OLIVEIRA, Dennison de (Org.). **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial. Estudos e pesquisas**. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, [s.n.], 2012, p.100-104.

ANDRADE, Delmiro Pereira de Andrade. **O 11º RI na 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950.

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Capacetes de aço no Exército Brasileiro 1932-2004**. Juiz de Fora: UFJF.

_____. **De sucata a monumento: a restauração de blindados M-8. Juiz de Fora. Centro de Pesquisas Estratégicas Paulino Soares de Sousa**, 2005.

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Unidades alemãs e italianas que a FEB combateu na Itália (1944 – 1945)**. Juiz de Fora: UFJF, 2005

10º BATALHÃO DE INFANTARIA. **Catálogo imagens e História do Exército Brasileiro no acervo do Espaço Cultural Marechal Guilherme Xavier de Souza**. Juiz de Fora, 2011

BOGUS, Ricardo Nogueira. O projeto museográfico da exposição Cartografia de uma história – São Paulo colonial: mapas e relatos. São Paulo: **Anais do Museu Paulista**, v. 17, n.1, p. 17 – 33, jan. – jun. 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo Vivo da Memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CADERNOS DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. **Glossário**. Belo Horizonte: Secretária de Estado da Cultura, p. 147-151, 2006.

CAMPOS, Bruno Nascimento. **Marcas de uma ferrovia: a Estrada de Ferro Oeste de Minas em São João Del Rei (1877-1915)**. 2005. 50 f. Monografia apresentada a Coordenação de História para obtenção de grau de bacharel em História.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Imagens de Vida, Trabalho e Arte. Um estudo de caso de documentação museológica: a coleção imaginária do Museu Dom José (Sobral – Ceará). **Cadernos de Sociomuseologia**. Centro de Estudos de Sociomuseologia. Universidade Lúsofona de Humanidades e Tecnologias, 1998.

_____. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. Porto Alegre: Medianz, 2013.

CARVALHO, Virgínia Guimarães. **Ex-combatentes do Brasil. Entre a História e a Memória.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

CASTRO, Celso (Org.) **Exército e nação: estudos sobre a história do Exército brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. Do Troféu de Guerra ao copo de geléia. A desacralização do acervo no “Templo da memória”. In : **Anais do Museu Histórico Nacional**, nº 29.

CENTENO, Miguel. **Entrevista. “Paradoxos da guerra”.** São Paulo: Carta Capital, número 90, setembro de 2014.

CHAGAS, Mario. Museus, memórias e movimentos sociais. In: **Cadernos de Sociomuseologia.** Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **A Estrada para Fornovo. A FEB – Força Expedicionária Brasileira, Outros Exércitos & Outras Guerras na Itália, 1944 – 1945.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

FERRAZ, Francisco César. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000).** Londrina: Eduel, 2012.

FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos.** (Cadernos de Ensaio 2), 1991. Também sem formatação original [ibd.com/doc/38689114/Documentacao-Museologica-Helena-Dodd-Ferrez](http://bdm.ibd.com/doc/38689114/Documentacao-Museologica-Helena-Dodd-Ferrez)>. Acesso em: 25 jun. 2015.

GABINATO, Anderson. IAB sai em defesa dos veteranos da FEB ameaçados de despejo. **Revista Operacional.** Disponível: <http://www.revistaoperacional.com.br/2015/historia-2/iab-sai-em-defesa-dos-veteranos-da-feb-ameacados-de-despejo-no-rio-de-janeiro/> Acesso em: 06 de setembro de 2016.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios.** Rio de Janeiro: MinC/ IPHAN/DEMU, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. In: BELTRÃO, Jane Felipe; ECKERT, Cornelia; FILHO, Manuel Ferreira Lima (Org.) **Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e desafios contemporâneos.** Blumenau: Nova Letra, 2007

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos**, nº 23, ano 11, p. 15 – 36, jan./ jun. 2005.

LINS, Maria de Lourdes Lins. **A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação.** São Paulo: Editora Unidas Ltda, 1975.

MAGALHÃES, Aline Montenegro; RAMOS, Francisco Régis Lopes. De objetos a palavras: reflexões sobre exposições em Museus de História. In: BITTENCOURT, José Neves; JULIÃO, Leticia (Org.). **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

MARTINS, Álvaro. A literatura em exposição. In: **Suplemento**: Edição Especial. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, maio, 2011.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**: Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73- 98.

MAUAD, Ana Maria; NUNES, Daniela Ferreira. Discurso sobre a morte consumada – Monumento aos Pracinhas. In: KNAUSS, Paulo (Coord.) **Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. Aprendendo com o inimigo. Rio de Janeiro: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 7, nº 76, janeiro, 2012.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. A Tarefa rotineira de matar. In: **Revista Nossa História**. Ano 2, nº 15, janeiro, 2005.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados**. São Paulo: Editora Grua, 2010.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Onde estão nossos heróis? Uma breve história dos brasileiros na 2ª Guerra**. São Paulo: Ed. do Autor, 1995.

MERON, Luciano B. **Saco vazio não para em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB (1944-1945)**. Feira de Santana: I Seminário Alimentação e Cultura na Bahia, Centro de Estudos do Recôncavo, 2012.

MUSEU HISTÓRICO DO EXÉRCITO E FORTE DE COPACABANA. Rio de Janeiro: Art Técnica Comunicação, 2009.

NETO, Ricardo B. **A Nossa Guerra: Os Brasileiros em combate 1942 – 1945**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

OLIVEIRA, Dennison de. “O Combatente melhor alimentado da Europa”: a alimentação da FEB e a aliança Brasil – EUA durante a II Guerra Mundial (1943 – 1945). Florianópolis: **Revista Esboços**, v. 21, n. 31, p. 116 – 141, jul. 2016.

PIOVEZAN, Adriane. Ritos de morte: o pelotão de sepultamento da FEB (1944-1945). In: OLIVEIRA, Dennison de (Org.). **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial. Estudos e pesquisas**. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, [s.n.], 2012, p. 3 – 8.

PIOVEZAN, Adriane. A Assistência Religiosa na Guerra: o service de capelania military no Brasil. In: **Anais do IV Simpósio do GT História das Religiões e das Religiosidades da Associação Nacional de História Regional Sul** (GTHRR – ANPUH) – Religiões, Religiosidades e Patrimônio Cultural. Joinville: Programa de Pós Graduação Patrimônio Cultural e Sociedade, 2015, p. 3 – 13.

PALHARES, Gentil. **De São João Del Rei ao Vale do Pó**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1957

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: **Estudos Históricos** nº.3. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1989. p.3-16.

POLLAK, Michel. "Memória e Identidade Social". In: **Estudos Históricos**, vol. 5, nº10, 1992, p. 200 – 212.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. In: ENCICLOPEDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, v.1, p. 51-86.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

REMARQUE, Eric Maria. **Nada de Novo no Front**. Porto Alegre: L&PM, 2006

RIBEIRO, Darcy. **Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1985.

RIBEIRO, Patricia da Silva. **Em luto e luta: construindo a memória da FEB**. Tese (Doutorado). Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2013.

RIBEIRO, Patricia da Silva. **Trauma e reparação nas memórias dos veteranos da FEB**. Rio de Janeiro: ANPUH – XIV Encontro Regional da ANPUH – Rio – Memória e Patrimônio, UNIRIO, 2010.

RIGONI, Carmen Lúcia. Diários de Guerra. **Anjos de branco: O Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944 – 1945)**. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

RODRIGUES, Icles. **História, Memória e Identidade na Polônia: a batalha de Wizna e o levante de Varsóvia representados pelo Heavy Metal em um estudo de caso**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná: II Congresso Internacional de Estudos do Rock, 2015.

ROCHA, Hélio Mendonça da. **José Maria: a saga de uma família mineira**. Juiz de Fora: Edição do autor, 2015.

RODRIGUES, José Agostinho. **Terceiro Batalhão – O Lapa Azul**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

RUSSIO, W. **Exposição: texto museológico e o contexto cultural**. In: BRUNO, M. C. O. (Coord.); ARAUJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L. (Col.). A evidência dos contextos museológicos. In: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca; ICOM, 2010. v. 1.

SALUN, Alfredo Oscar. Notícias sobre a Brasil na guerra e a criação da FEB. In: OLIVEIRA, Dennison de. **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial. Estudos e pesquisas**. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, [s.n.], 2012, p.9 - 16.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro. Garamond/MinC/IPHAN/DEMU, 2006.

SANTOS, Maria Célia Teixeira. **Encontros museológicos – reflexões sobre a Museologia, a Educação e o Museu**. Rio de Janeiro: MinC/ IPHAN/DEMU, 2008.

SCHEINER, Teresa. Museologia e interpretação da realidade: o discurso da História. In: **Symposium Museology as a Field of study: Museology and History**. ICOM/ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES – ISS 35. Alta Gracia, Cordoba: 2006. p.53-60

SOARES, Leonercio. **Verdades e vergonhas sobre a Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba: Ed. do autor, 1985.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. Rio de Janeiro: **Revista Eletrônica do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio**, vol. II, nº1, jan/jun 2009. In: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/49/38>. Acesso em 22/01/2016

SOUZA, Willian Eduardo Righini; CRIPPA, Giulia. **O Patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material – imaterial**. Porto Alegre: Em Questão, v. 17, n. 2, p. 241 – 255, jul./dez 2011.

SULLA, Giovanni; TROTA, Ezio. **Heróis do Brasil. História fotográfica da FEB na Itália (1944 – 1945)**. Modena: Edição Il Fiorino, 2005.

THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: História falada: memória, rede e mudança social. PEREIRA, Jesus Vasquez; WORCMAN, Karen. **História falada**. São Paulo:Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Museu da Pessoa/ SESC-SP, 2006.

WINTER, Jay. **A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história**. In: SILVA, Marcio Seligmann (Org.) Palavra e imagem: memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006.

Jornais

Diário Mercantil – Arquivo Municipal de Juiz de Fora – MG

18 de agosto de 1942, nº 8941

19 de agosto de 1942, nº 8942

20 de agosto de 1942, nº 8943

22 de agosto de 1942, nº 8945

23 de agosto de 1942, nº 8945

25 de agosto de 1942, nº 8947

Fontes Orais:

- Entrevistas documentadas, gravadas e transcritas, com os seguintes veteranos da Segunda Guerra Mundial que se encontram na Associação Nacional dos Veteranos da FEB - Seção Regional Juiz de Fora/MG :

Joaquim Alves Moreira, soldado de Infantaria 11ºRI

José Lopes de Oliveira, soldado cozinheiro do 11ºRI

José Maria da Silva Nicodemos, cabo chefe de peça do morteiro 81mm do 11ºRI.

- Entrevista documentada, gravada e transcrita com o historiador Jairo Braga Machado, em São João Del Rei – MG.

Documentos escritos em arquivos públicos

Arquivo Histórico do Exército – Rio de Janeiro – RJ.

Força Expedicionária Brasileira – Livro Registro de mortos.

